

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA**

MARIA CLARA GUIMARÃES

**REDES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO CONTRA
AS VIOLÊNCIAS?
UM ESTUDO DE CASO NO CURUZU**

**Salvador
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA**

MARIA CLARA GUIMARÃES

**REDES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO CONTRA
AS VIOLÊNCIAS?
UM ESTUDO DE CASO NO CURUZU**

Dissertação na área de concentração em Política, Planejamento e Gestão em Saúde do Mestrado em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para apreciação de banca examinadora e requisito parcial para a aquisição do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Jairnilson Paim.

Coorientadora: Prof. Dra. Cristina Larrea.

**Salvador
2012**

Ficha Catalográfica
Elaboração - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

G963r Guimarães, Maria Clara.

Redes sociais como fator de proteção contra as violências? Um estudo de caso no Curuzu / Maria Clara Guimarães. -- Salvador: M.C. Guimarães, 2012.

153p.

Orientador: Profº. Drº. Jairnilson Silva Paim.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia.

1. Rede Social. 2. Capital Social. 3. Etnografia em Saúde. 4. Promoção da Saúde. 5. Prevenção a Violência. I. Título.

CDU 364



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA**

MARIA CLARA DA SILVA GUIMARÃES

**Redes Sociais como fator de proteção contra as violências? Um estudo de
caso no Curuzu**

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova a Dissertação, apresentada em sessão pública ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Data da Defesa: 17 de Abril de 2012

Banca Examinadora:

Prof^o Jairnilson Silva Paim – ISC/ UFBA

Prof^a Cristina Larrea Killinger – Universidad de Barcelona

Prof^a Lígia Maria Vieira da Silva – ISC/ UFBA

Prof^a Heloniza de Oliveira Gonçalves Costa – EEN/ UFBA

**Salvador
2012**

[...] a gente não pode mudar o mundo, mas temos que continuar tentando, né? (Mauricio de Souza, 18 anos).

À minha pequena Nina e a Catarina.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que contribuíram para este estudo, a começar por todos que me receberam e acolheram no Curuzu. Sem eles, não conheceria o bairro e nem os projetos sociais. Não citarei nomes para poder preservá-los, mas não poupo os créditos que possuem pelos cuidados e conselhos. Ensinaamentos valiosos me foram passados e laços de amizade construídos, que carregarei comigo com zelo e carinho.

A meu querido “profs.” Jairnilson Paim, por topar esta empreitada comigo e me orientar tão assertiva e carinhosamente. À Cristina Larrea, pelo suporte e amizade sempre. Os momentos críticos do campo necessitaram de sua luz para encontrar soluções. Assim também a Ligia Vieira, que esteve sempre disponível para discutir e auxiliar no que precisei.

A Edna Araújo, uma querida que levantou a hipótese do estudo e contribuiu para o meu projeto de pesquisa. A Luís Viana que, além de fornecer dados que subsidiaram minha análise, foi quem me levou ao Curuzu pela primeira vez.

A Ceci Noronha e Eduardo Paes, que criaram um ambiente de discussão em sala sobre violência urbana e saúde muito proveitoso, além das indicações de leitura interessantes e pertinentes para a discussão a partir dos “dados” por mim encontrados.

A Gilberto Leal, que me permitiu conhecer pouco mais sobre as preocupações necessárias com o extermínio dos jovens negros pela violência, e que, além de fornecer informações úteis para meu campo, apresentou-me os Mapas das Violências.

A Pedro e sua família, não só pela acolhida nos momentos iniciais de imersão no Curuzu, mas pela amizade e debates acerca de violência, segurança e “sentimento de justiça”. A minha querida Diu, por me receber em sua casa e me fornecer tantas informações sobre os projetos sociais existentes no Curuzu, além de revelar os laços consanguíneos entre personagens marcantes no bairro.

A minha querida “irmãzinha columbaiana” Yeimi López, que foi mais que amiga e companheira, me amparou em muitos momentos de angústias e me apresentou uma pessoa que auxiliou o processo de construção dos vínculos no Curuzu.

E, ainda, a todos que me apoiaram de distintas maneiras como Monique Espiridião, Ana Luiza Vilasboas, Marcio Lemos, Barbara Moura, Marina Pamponet, Andrija, Marieta Reis, Ana Rico, Carlinha Soares, Sandra Brasil, Patrícia Rezende, Gustavo Costa, Marlos de Jesus, Laíra Lopes, Yukari Misse, Paloma Silveira, Jose Sestelo, Selton Diniz, Ana Luisa Araújo, Virgínia, Ana Angélica, Rosália, Nana, Leny, Clarice, Marcelo, Leady, Michele Soares, Claudia Mascarenhas, Zeza, Naira, Andayê, Ana Queila, Barbara Regina Santana, Claudinha Dias, Lusiane, Rafael Losada, Amanda

Raia, Leonardo Rocha, Anunciação, Antônia, Bia, Soninha, Élia, Jacinéia, Ana Cristina Caribé, a todos da PPG/ISC, aos colegas do CEBES, às meninas do FASA e aos colegas do ISC.

Aos “meninos e meninas” do Programa de Saúde Mental Vale do Jiquiriçá e Domingos Coutinho, pela inestimável compreensão, bem como a todos os demais colegas de trabalho, amigos e familiares que respeitaram minha reclusão na fase final.

A minha família, essencial para o suporte em diversos aspectos e etapas desta dissertação, especialmente o apoio especial de meus pais, meu irmão Marcelo, minha cunhada-irmã Mariana, bem como de minha Tione, Tia Lícia, Eliane e cia.; e a Catarina e Nina, que foram as “estrelas” do meu horizonte.

Por fim, à Lhama, que traz leveza à vida, à militância e aos momentos de sofrimento, ressaltando também os preciosos debates sobre os entraves vivenciados no Curuzu e tantos outros assuntos.

RESUMO

Pautado nos conceitos de Redes Sociais e Capital Social, o estudo descreve e analisa a conformação das redes sociais e sua possível relação com a proteção contra as violências no Curuzu-Salvador-Bahia-Brasil. Diferentemente do que a literatura aponta, o Curuzu, localidade de periferia urbana e majoritariamente negra, apresentou baixos índices de violência em estudos anteriores. A investigação partiu da hipótese de que as redes sociais podiam funcionar como fator de proteção. Optou-se por um estudo de caso de cunho etnográfico que teve duração de quinze meses, sendo que oito foram de forma intensiva (mínimo de três dias por semana em campo). A observação focou quatro organizações do bairro: dois blocos carnavalescos, uma associação de moradores e um terreiro de camdomblé. Os informantes foram os trabalhadores de diversos níveis dessas organizações, participantes e moradores. Uma das organizações se destaca quanto ao acúmulo de capital social e potencial de ação, todavia o entorno, embora beneficiado, não é seu foco. Tensões e articulações são reveladas. Os tipos de violência por eles destacados foram os homicídios e também as referidas ao trânsito, embora a doméstica (especialmente contra a mulher) tenha-se revelado com constância. Com o crescimento da violência, a sensação de insegurança se assemelha à cidade como um todo. Algumas ações de projetos sociais dentro das organizações estudadas foram identificadas como ferramentas de enfrentamento, prevenção e proteção à violência, além de promover qualidade de vida. Entre as atividades com este fim, há a capoeira e a educação de cunho reafirmativo (racial), com o intuito de ampliar o capital escolar, cultural e econômico do jovem negro. A capoeira, além de ser considerado um esporte barato, demonstrou ser potente no suporte e educação de forma global, além de ser um espaço que permite a reconstrução de laços familiares para sustentar fragilidades sociais. Desse modo, atua desde o enfrentamento de questões dos alunos que se envolvem em situações de fragilidade, marginalidade e violência, e também com foco na prevenção e proteção desse jovem da violência e da discriminação. As atividades educativas propostas pelos blocos afros atuam mais no âmbito da prevenção e proteção, com foco na orientação. Apesar da existência de organizações sociais supostamente capazes de proteger contra as violências, a forma como estas vêm-se desenvolvendo em Salvador, inclusive no Curuzu, sinaliza para uma situação na qual tais mecanismos parecem insuficientes para dar conta desses novos tempos. Por fim, sugerem-se novas pesquisas contemplando a violência contra a mulher e o comportamento dos jovens no que se refere aos riscos e às motivações para a superação.

Palavras-chave: Rede Social; Capital Social; Etnografia em Saúde; Promoção da Saúde; Prevenção à Violência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa parcial da Liberdade com destaque para o Curuzu (região em amarelo), Rua Direta do Curuzu (linha amarela) e organizações (terceiro setor) consideradas pelo estudo para análise aprofundada (bolas vermelhas)..... p. 39

Figura 2 – Histórico da conformação das redes sociais do bairro na perspectiva dos moradores..... p. 73

Quadro 1 – Caracterização das redes sociais identificadas pelos moradores como principais no suporte, enfocando a relação do papel desempenhado com a proteção, prevenção e/ou enfrentamento das violências..... p. 82

Figura 3 – Sociogramas dos agentes que compõem as organizações sociais do terceiro setor no Curuzu: Ilê Aiyê, Bloco Afro, Associação de Moradores e Terreiro de Candomblé..... p. 86

Figura 4 – Relação entre as principais organizações sociais que promovem ações de enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências na perspectiva dos moradores (Ilê, Bloco Afro, Associação de Moradores e Terreiro de Candomblé)..... p.89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ELEMENTOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS	15
2.1 REDES, REDES SOCIAIS E PROTEÇÃO SOCIAL.....	15
2.2 CAPITAL SOCIAL	17
3 METODOLOGIA	21
3.1 DESENHO DO ESTUDO	21
3.2 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA.....	22
3.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	23
3.4 IMERSÃO NO CAMPO: DESAFIOS E RESOLUÇÕES	28
3.5 PROCEDIMENTOS PARA PROCESSAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	32
3.6 SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
3.7 O CASO: ASPECTOS HISTÓRICOS DO CURUZU	36
4 VIOLÊNCIA PERCEBIDA NO CURUZU	40
4.1 A VIOLÊNCIA PERCEBIDA E NOTICIADA: AMBIGUIDADES NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO	40
4.2 HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA NO BAIRRO: PERCEPÇÃO DOS MORADORES.....	43
4.3 TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSERVADOS.....	49
4.4 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA	55
5 REDES SOCIAIS NO CURUZU: CARACTERÍSTICAS, DINÂMICA E FUNÇÕES.62	
5.1 HISTÓRIA DA CONFORMAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DO BAIRRO NA PERSPECTIVA DOS MORADORES	62
5.2 AS REDES SOCIAIS DO CURUZU E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	74
5.3 REDES SOCIAIS DO TERCEIRO SETOR NO CURUZU	83
6 OS PROJETOS SOCIAIS DAS ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR NO CURUZU: O PAPEL NO ENFRENTAMENTO, PREVENÇÃO E/OU PROTEÇÃO CONTRA AS VIOLÊNCIAS	91
6.1 ILÊ AIYÊ.....	92
6.1.1 Ilê Aiyê e os projetos educativo-culturais	92
6.1.2 Percepção acerca da violência no bairro.....	97
6.1.3 Projetos sociais do Ilê Aiyê e sua relação com a proteção e prevenção contra as violências: perspectiva dos colaboradores e usuários.....	98
6.1.4 Estratégias de enfrentamento da violência que afetam o público usuário das escolas do Ilê	99
6.1.5 Influência dos projetos no enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências.....	101
6.2 BLOCO AFRO.....	102
6.2.1 Concepção da violência	103

6.2.2	Percepção da relação dos projetos com a proteção e/ou prevenção contra as violências.....	104
6.2.3	Influência das atividades da organização.....	105
6.3	ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	107
6.3.1	Associação de Moradores e o Grupo de Capoeira.....	107
6.3.2	Percepção de violência	110
6.3.3	O grupo de capoeira e sua relação com enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências: na perspectiva dos mestres, professores e alunos .	111
6.3.4	O grupo de capoeira e suas estratégias de enfrentamento das violências sofridas pelos alunos.....	112
6.3.5	Influência do Grupo de Capoeira para o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências	114
6.4	TERREIRO DE CANDOMBLÉ	115
6.4.1	O “trabalho social” do Terreiro.....	115
6.4.2	Percepção da violência	116
6.4.3	O “trabalho social” e sua relação com o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências: percepções dos colaboradores	117
6.4.4	Estratégias de enfrentamento dos eventos de violência acometidos aos jovens que frequentam o “trabalho social”	118
6.4.5	Influência do “Trabalho social” do Terreiro para o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências	118
7	DISCUSSÃO	120
	REFERÊNCIAS.....	130
	APÊNDICES	135

1 INTRODUÇÃO

Partindo-se do conceito de *redes* utilizado nas ciências como uma trama de laços e/ou nós que ligam os indivíduos/grupos/organizações uns aos outros (WASSERMAN; FAUST, 1994; MARTELETO, 2001; MÂNGIA; MURAMOTO, 2005; BRAGA, 2006; SLUZKI, 2006), tem-se apontado a sua potencialidade como conceito analítico na investigação sobre o enfrentamento de iniquidades sociais e em saúde por diferentes grupos sociais (ALVES, 1993, VALLA, 2000; ARAÚJO, 2007).

Surgido como conceito que analisa o comportamento social dos sujeitos (coletivos ou individuais), as *redes sociais* possibilitam a compreensão da *estrutura* e da *dinâmica* dos sujeitos em momentos de conflito e de aflição (WASSERMAN; FAUST, 1994; MÂNGIA; MURAMOTO, 2005; TAVARES, 2009). Assim, é possível entender como as relações e laços são construídos, os recursos usados, os momentos em que as relações são acionadas, as informações circuladas, a importância desses laços para a resolução dos problemas, entre outros aspectos. (CASTELLS, 1999; MARTELETO, 2001; GERHARDT, 2006; SLUSKI, 2006)

Desse modo, observam-se, na literatura em saúde, diversos estudos que indicam o uso das redes sociais em situações de vulnerabilidade (ALVES, 1993; TAVARES, 2009), sejam essas redes formais (associações, ONGs, instituições públicas, religiosas, etc.) ou informais (família, vizinhos, amigos, etc.). Ambas têm sido utilizadas para o enfrentamento de situações de conflito e aflição como apontam os estudos na linha da *experiências de enfermidade e/ou os itinerários terapêuticos*. É possível observar que as famílias cuidam dos problemas de saúde e/ou sociais na arena doméstica – acionando familiares e vizinhos – enquanto a situação é “leve” e, quando se “agrava”, procuram serviços especializados ou outras redes formais que possam solucionar ou cuidar do problema (ALVES, 1993; GERHARDT, 2006).

Para além dos problemas de saúde comumente vivenciados, há aflições desencadeadas pelas violências. Normalmente vistas como problema de segurança pública, as violências, em especial os homicídios, têm aumentado nos últimos anos, sendo considerado um dos principais problemas de saúde no País como um todo. Estudos como os de Macedo et al, (2001), Araújo (2007) e Viana (2009) têm

revelado que as principais vítimas dessa situação na Capital baiana são os jovens negros de periferia urbana.

A discrepância entre a população vitimizada e a não afetada é enorme. O estudo de Araujo (2007) mostra que o número de anos de vida perdidos por homicídio foi 30 vezes maior entre jovens negros do que entre brancos em Salvador. Apesar de a população negra ser maior na cidade, esta representa apenas três vezes mais que a população branca¹.

Além da existência das disparidades na mortalidade por causas violentas em Salvador, há exceções (PAIM et al., 1999; NUNES; PAIM, 2005; ARAÚJO, 2007). Segundo o mapeamento da distribuição espacial das mortes quanto à raça/cor da pele feita por Araújo (2007), destaca-se o seguinte:

Algumas áreas de baixas taxas de mortalidade por causas externas (Curuzu, Alagados e Fazenda Grande I, II, III e V) com grande concentração de população negra e pobreza também eram cercadas por áreas de altas taxas de mortes por estas causas [...]. Curuzu parece possuir uma certa coesão social entre seus moradores [...] e, além disso, essa área possui uma associação cultural carnavalesca (Ilê Aiyê) conhecida internacionalmente pelos projetos de valorização da cultura e identidade negra. A possível existência de coesão social e a presença da organização acima referida poderiam explicar as baixas taxas de mortalidade por violência do Curuzu, uma comunidade com população majoritariamente negra e pobre. (ARAÚJO, 2007, p.105).

A partir dessa possível hipótese explicativa, pode-se indagar: quais estratégias a comunidade do Curuzu utiliza para o enfrentamento das violências e proteção social? Será que utilizam redes formais como suporte e proteção? Caso sim, o que essas redes sociais oferecem? Se não, qual o papel dessas redes na comunidade? O que de fato as redes do Curuzu oferecem como promoção e proteção social e de saúde para a comunidade local?

As situações vividas pelos indivíduos e famílias sujeitas a aflições decorrentes da violência tem sido cada vez maiores. O enfrentamento para esses casos têm sido

¹ Algumas fontes divergem quanto à porcentagem dessa população em Salvador. Embora todas informem dados acima de 70% de negros na cidade, Araújo (2007) apresenta que há 75% de negros, já o Dieese (2002) aponta 81,8% e o IBGE/PME (2004) informa que a população de pretos e pardos de Salvador corresponde a 72%. Ou seja, a variação dos dados é mínima e indica que há aproximadamente três vezes mais negros que brancos em Salvador.

pouco explorados, o que torna cada vez mais necessários estudos que demonstrem situações empíricas de sucesso e superação desse conflito.

Há poucos estudos de base empírica sobre as experiências de enfrentamento da violência, especialmente as que consideram a categoria raça/cor. Na revisão de literatura, foi identificado apenas um artigo que traz uma análise comparativa de iniciativas de intervenção para a proteção de violência (NJAINÉ et al., 2007). Outro estudo que revela situação de enfrentamento da violência, encontrado fora da base de dados consultada pela revisão de literatura, foi a pesquisa sobre os itinerários terapêuticos de famílias afro-baianas na qual se destacou a trajetória percorrida pelas famílias vítimas de violência (TRAD et al., 2009).

Assim, é possível perceber que na literatura consultada² não foram encontrados artigos que aprofundassem a categoria raça/cor e/ou etnia sobre enfrentamento da violência, e nem indicações de estratégias que pudessem proteger os jovens. Os estudos identificados que consideram a categoria raça/cor e que estão relacionados com a categoria proteção social, consideram o enfrentamento do racismo, especialmente o racismo institucional (PODKAMENI; GUIMARÃES, 2004).

Nesse sentido, foram definidos os seguintes objetivos:

➤ **Geral**

Descrever e analisar a conformação das redes sociais e possível relação com a proteção a violências no Curuzu-Liberdade-Salvador-Bahia.

➤ **Específicos**

- Identificar e descrever as características das redes formais da localidade;
- Descrever as relações entre as redes e segmentos da comunidade;
- Identificar e descrever as violências no território;
- Descrever e analisar as percepções, dos usuários, trabalhadores e representantes das entidades que conformam a rede de suporte na localidade, acerca da importância da organização para proteção e/ou enfrentamento das violências;

² A base de dados consultada para esta revisão de literatura foram Scielo, Medline e Lilacs. Os descritores usados para a revisão foram: redes sociais (*social network*); redes de suporte (*support network*); redes de proteção (*protection network*); redes e raça (*network and race*); redes e etnia (*network and ethnicity*).

2 ELEMENTOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS

A seguir são apresentados sucintamente alguns conceitos identificados na revisão de literatura para o estudo, bem como o enfoque teórico e categorias de análise para a investigação.

2.1 REDES, REDES SOCIAIS E PROTEÇÃO SOCIAL

O conceito de *redes* é um construto interdisciplinar empregado em múltiplos sentidos nas mais diversas disciplinas: matemática, informática, ciências da informação, ciências sociais, saúde, etc. A ideia de uma rede de conexões esteve presente na história, todavia, é nas últimas décadas que este conceito tem surgido na literatura acadêmica com mais força (CASTELLS, 1999; OLIVEIRA; SILVA et al., 2006; TAVARES, 2009).

Na área das ciências sociais e em saúde, é agregado a esse conceito um recorte específico: foco na rede de relações sociais (*redes sociais*). Todavia, não há uma “teoria das redes sociais”, uma vez que este conceito é empregado por distintas teorias. Entretanto, em termos gerais, podem ser indicadas duas formas de utilização que se ancoram em bases teóricas distintas: “utilização estática” e “utilização dinâmica”.(WASSERMAN; FAUST, 1994; SLUSKI, 2006)

A primeira forma de utilização do conceito de redes sociais se fundamenta na antropologia estrutural³, a qual busca “fotografar” a forma como a rede social é estruturada. Há diversas formas de classificar uma rede: seja quanto ao número de conexões, a qualidade dos laços (fortes ou fracos), a multiplicidade de níveis de laços na trama (instituições e/ou indivíduos), ou a multiplicidade de níveis de poder

³ A teoria mais difundida e que fundamenta esta vertente teórica é a *Análise de Redes Sociais* na qual se estabelece um novo paradigma na pesquisa pautada na estrutura social. Considera que os comportamentos e opiniões dos agentes sociais dependem da estrutura na qual estão inseridos. Nessa perspectiva, a unidade de análise é o conjunto das relações que o agente possui, desconsiderando os atributos que caracterizam o sujeito, cuja finalidade é explicar o fenômeno analisado (WASSERMAN; FAUST, 1994; MARTELETO, 2001).

dos nós (conexão com indivíduos/instituições com poder na sociedade), entre outras. (WASSERMAN; FAUST, 1994; MÂNGIA; MURAMOTO, 2005)

A “utilização dinâmica” do conceito de redes se ancora na abordagem do individualismo metodológico, privilegiando o ponto de visto do sujeito social, dos significados e percepções trazidos por ele, da forma como se relaciona com as demais conexões e como utiliza essas relações. Enfim, busca-se entender a forma como o sujeito age (CASTELLS, 1999; MARTELETO, 2001; SLUSKI, 2006).

Os estudos mais recentes que utilizam essa categoria têm optado por conjugar as duas vertentes teóricas (estática e dinâmica) com a finalidade de obter uma visão mais completa da realidade. Afinal, ao se conjugar os dois formatos de análise, é possível se ter uma descrição e tipificação das relações sociais estabelecidas pelos agentes do contexto social que está sendo analisado, bem como é possível entender a percepção que os agentes têm dessas redes bem como o significado do uso (MARTELETO, 2001; MÂNGIA E MURAMOTO, 2005; TAVARES, 2009).

Assim, redes sociais⁴ funcionam como um conceito que necessita de dados empíricos para lançar luz à realidade encontrada. Desse modo, pode abarcar diversas situações e problemas sociais e de saúde.

As redes sociais também podem ser consideradas como *fator de proteção*⁵ na medida em que diminuem o efeito do risco. Ao se apresentar eficaz e fortalecida em uma comunidade, a rede de apoio social pode ser considerada como uma proteção ante eventos estressantes e contribuir para o bem-estar físico e emocional das pessoas (ANTONI et al., 2007; BRASIL, 2008).

⁴ A revisão de literatura mostrou que as áreas que mais produzem artigos são a da saúde (+50%) e das ciências humanas (entre 25% e 45%). A partir do período de 2003 a 2005, houve um aumento significativo das produções, tendo uma ascendência quase exponencial com o passar dos anos. Entre as produções mais recentes, é possível verificar uma inclinação maior para relacionar o conceito de *redes* ao de *suporte social*. Todavia, é na integração do conceito de *redes* ao de *proteção social* que se encontram os artigos que indicam estratégias de cuidado e enfrentamento a situações de vulnerabilidade e violências (NJAINÉ et al., 2007; RODRIGUES et al., 2008).

⁵ Estudos como o de Mângia e Muramoto (2005) e de Tavares (2009) relacionam a participação em redes sociais à qualidade de vida, demonstrando em seus estudos que o fato de estarem inseridos em uma rede social trouxe um aumento de sobrevivência aos pacientes com doenças incapacitantes. Além disso, Dhalgren e Whitehead (1991) construíram um modelo de determinação dos problemas e necessidades em saúde no qual localizam as redes sociais como um fator de proteção à saúde (BRASIL, 2008).

No caso de países pobres ou em desenvolvimento, onde há grande desigualdade socioeconômica, tem emergido uma terceira força denominada de Terceiro Setor (associações de bairro, ONGs, OSICP, pastorais, etc.), fortalecida pela idéia de “[...] falência dos mecanismos institucionais tradicionais do mercado e do Estado” em prover as necessidades sociais (FONTES, 1999, p. 241).

Essas redes sociais do terceiro setor têm assumido um lugar importante na execução de políticas sociais, sobretudo tentando atuar de modo a diminuir as desigualdades sociais ou dar conta das mudanças nos processos de sociabilidade que resultam em engajamento cívico (FONTES, 1999).

2.2 CAPITAL SOCIAL

O conceito de *capital social* está intimamente relacionado ao de *redes sociais* e tem acepções e usos distintos. Todavia, de forma geral, este conceito pode ser entendido como algo “não visível” constituído a partir das relações sociais: relações de poder (foco político⁶) ou relações de troca (foco utilitarista⁷) (BOURDIEU, 1980; 2008; COLEMAN, 1988; COLEMAN; FARARO, 1997; AQUINO, 2000; HIGGENS, 2005)

Diante do seu potencial analítico e aplicativo (para intervenção), o conceito de capital social⁸ tem adquirido certa centralidade nas discussões da área de

⁶ Refere-se ao foco abordado por Bourdieu (1980; 1996, 2008) ao construir sua teoria de prática social pautada nas distinções (desigualdades) sociais.

⁷ Refere-se ao foco usado por Coleman (1988; 1997) que alia distintas perspectivas da sociologia e considera a abordagem econômica na justificativa da *teoria da escolha racional*.

⁸ Este conceito tem sido utilizado por diversas instituições: acadêmicas (como universidades), financiadoras internacionais (como o Banco Mundial), governos (como Canadá e Brasil que aplicam na área da saúde), e outras. A *academia* tem distintas definições que se ancoram em diferentes autores e perspectivas (sociologia, economia, etc.); o *Banco Mundial* entende capital social como “normas e redes que habilitam a coesão social”; O *Ministério da Saúde brasileiro*, por meio da Política de Promoção da Saúde, entende que o capital social como um determinante social para as iniquidades de renda e saúde da população e computa o nível de desenvolvimento de capital social pela presença ou ausência de redes de solidariedade e participação política; O *Governo do Canadá* (área de saúde) identifica várias definições e abordagens [...] do capital social e procura estabelecer uma definição comum por meio do projeto realizado pela Research Policy Initiative (PRI) que leva em

desigualdades sociais e em saúde. Estudos nessa perspectiva convergem com a ideia de que a presença ou ausência do *capital social* influencia na qualidade de vida e no desenvolvimento econômico do grupo social (BRASIL, 2008; BANCO MUNDIAL, 2010; CANADÁ, 2010)

Os autores seminais deste conceito identificados na revisão da literatura são: a) **James Coleman** (1988, 1997), com *Foundations of Social Theory* e *Social Capital in the Creation of Human Capital* como principais publicações que refletem o capital social à luz da teoria da escolha racional (*rational choice theory*), e b) **Pierre Bourdieu** (1980; 1996; 2008), com *A distinção, Razões Práticas* e *O Capital Social: notas provisórias* como produções principais que subsidiam os conceitos trabalhados (como *habitus*, *espaço social*, *capital cultural*, *escolar*, *econômico*, *social* e outros) pelo próprio autor e que compõem a sua teoria de prática social.

Putman (2000) trouxe a contribuição para a análise no âmbito político desse conceito, todavia não acrescentou necessariamente subsídios para essa construção teórica. Teve ainda grande papel como agente difusor do conceito de capital social segundo a perspectiva de Coleman a partir de seus estudos empíricos (AQUINO, 2000; SOUSA; GRUNDY, 2004; HIGGENS, 2005).

É possível expor de forma sintética os conceitos de capital social tanto em Coleman como em Bourdieu. Para Coleman (1988), o conceito de capital social pode ser identificado em três formatos: a) obrigações e expectativas baseadas na relação de confiança com o contexto social (estrutura e normas sociais); b) capacidade do fluxo de informações que facilitam as relações de confiança entre os atores com a estrutura e normas sociais; c) normas acompanhadas de sanções (ação coercitiva da estrutura social no indivíduo). Para Bourdieu (1980), o capital social poder ser entendido como:

[...] conjunto **de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações** mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. [...] **O volume do**

conta a abordagem de “redes” para construir políticas e ações em saúde (BRASIL, 2008; CANADÁ, 2010; BANCO MUNDIAL, 2010).

capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (BOURDIEU, 1980, p. 67). (Grifos acrescentados).

É possível perceber o quanto esse conceito se ancora no conceito de *habitus*⁹, ou seja, na forma como o indivíduo introjeta as regras sociais e sua posição social (classe, gênero, raça/cor, cultural, etc.), bem como as reproduz dentro do *espaço social*¹⁰. Centrado na rede de relações sociais e no volume de capital acumulado pelo agente, o capital social pode também ser possuído coletivamente, seja por uma mesma família ou associação (BOURDIEU, 1980; 2008; AQUINO, 2000).

Diante do exposto, nota-se que os conceitos de capital social apresentados possuem explicações e matrizes teóricas distintas. Não há como construir um diálogo consistente. Desse modo, torna-se necessário escolher qual orientação teórica que atenderá de forma mais adequada ao objeto deste estudo.

As categorias estabelecidas previamente ao campo são descritas a seguir:

- **Redes sociais:** disposição e percepção do conjunto de relações/laços/nós acumulados pelo agente social (indivíduo e/ou organização) bem como o significado do uso (WASSERMAN; FAUST, 1994; SLUSKI, 2006)
- **Capital Social:** “[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas [vinculação a um grupo] [...]. O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou

⁹ Para Bourdieu, *habitus* são estruturas incorporadas que retraduzem “[...] características intrínsecas e relacionais de uma posição (classe social) em um estilo de vida unívoco” (BOURDIEU, 1996, p.21-22). Como ele mesmo costuma afirmar, “[...] estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais” (BOURDIEU, 2008, p.164).

¹⁰ Este conceito, dentro da perspectiva bourdieusiana, pode ser entendido como representação do mundo social, ou melhor, como um “campo de forças” onde os agentes sociais se definem por suas posições relativas (BOURDIEU, 1996)

simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado “ (BOURDIEU, 1980, p. 67).

- **Proteção Social:** fatores que em alguma medida diminuem o efeito do risco social e de saúde, contribuindo, desse modo, para o aumento da qualidade de vida (bem-estar físico e emocional) das pessoas (ANTONI et al., 2007; BRASIL, 2008).

- **Reafirmação da Identidade Negra:** pode ser entendido como “despertar da consciência racial”, isto é, percepção da existência de discriminação racial contra a qual é necessário se defender, criando uma identidade coletiva (reconhecer os outros negros como aliados em potencial) (ALBERTI; PEREIRA, 2004).

Ao articular tais conceitos à noção de redes sociais, é possível perceber que a perspectiva bourdieusiana atenderia melhor à complexidade do olhar sobre a realidade. Afinal, é uma teoria que considera tanto o macro (por meio do conceito de *habitus*), quanto o micro (por meio do próprio conceito de capital social). Desse modo, seria possível apreender o micro e o macro coexistindo e influenciando-se dentro do *espaço social*.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é desenhado numa perspectiva de pesquisa qualitativa e está apoiado em um projeto especial de extensão do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no Distrito Sanitário da Liberdade (DSL) cujo título é *Projeto Hospital Ana Nery (HAN) – Ações de qualidade para o SUS em serviços hospitalares e de atenção à saúde no Distrito Sanitário da Liberdade (DSL)*, o qual teve início em 2008.

A seguir, são descritos o desenho, a abordagem teórica, os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados, a imersão no campo, os procedimentos de análise dos dados, os sujeitos de pesquisa, bem como uma breve descrição do estudo de caso (Curuzu).

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Foi realizado um "estudo de caso" para compreender de que forma as redes sociais se constituem e oferecem suporte (promoção da qualidade de vida, proteção social) à comunidade, especialmente no que se refere a aspectos que, de alguma forma, a protejam das violências (prevenção e/ou enfrentamento das violências). Desse modo, foi possível discutir as potencialidades e limites dessa experiência de modo a considerar as peculiaridades do local.

Haja vista a particularidade do território escolhido, um estudo de caso único se fez pertinente (YIN, 2005). Na medida em que apresenta um caso raro, talvez uma exceção, o Curuzu se tornou imprescindível para estudar o que de fato apresenta como característica social que o faz ter indicadores mais baixos de mortalidade do que seus arredores e do que a literatura indicaria como local vulnerável (ARAÚJO, 2007).

Este desenho de estudo foi escolhido justamente porque permite a descoberta de relações que não seriam encontradas de outra forma. Afinal, envolve

análise intensiva do caso, “[...] dando ênfase à completa descrição e ao entendimento do relacionamento dos fatores de cada situação não importando os números envolvidos” (CAMPOMAR, 1991, p.96).

Para tanto, foi realizada uma observação de cunho etnográfico lançando mão dos registros em diários de campo e entrevistas semiestruturadas com informantes-chaves.

3.2 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

O método etnográfico consiste em realizar descrições densas, buscando compreender as relações sociais, a forma como se produzem, se reproduzem e são interpretadas pelos próprios “nativos”. Fazer uma descrição densa é poder distinguir entre uma piscadela involuntária e uma piscadela simulada para enganar alguém, identificando os significados entre um e outro ato a partir do contexto cultural (GEERTZ, 1979).

Para tanto, é necessário ter disciplina e disponibilidade do pesquisador. Não basta viajar e conviver com o “nativo” – apesar de que isso facilita e aprofunda o contato com os significados “nativos”. É necessário estar aberto, desprovido de qualquer pensamento ou conceito prévio; é uma disponibilidade de escuta, atenção e entendimento bem próxima de uma entrevista psicológica (VELHO, 1980). Consiste, então, numa imersão no universo cultural do “outro”, o que implica se deparar com diferenças culturais, superar obstáculos e aprender com o encontro pesquisador-“nativo” (GEERTZ, 1979).

É o exercício de estranhar o conhecido e se aproximar do desconhecido, seja num ambiente de uma cultura exótica fora de seu continente, seja dentro de sua própria cidade. Afinal, nas cidades contemporâneas coexistem diversos estilos de vida e visões de mundo, o que permite que grupos e contextos urbanos sejam objetos de estudo (VELHO, 1980; 2003).

Nesse sentido, esse autor ressalta que é necessário um bom preparo teórico e disponibilidade pessoal para não correr o risco de levar pensamentos preconcebidos ao campo. Ele ainda comenta:

[...] viajar milhares de quilômetros não nos torna livres de nossa socialização com seus estereótipos e preconceitos. [...] Ou seja, ir para outra sociedade e/ou cultura não nos transforma em tábuas rasas. É claro que são níveis diferentes de envolvimento e, em princípio, poderemos estranhar situações e fatos que são *naturais* para o nativo. **Mas se este estranhamento não for elaborado, poderá ser apenas uma reação preconceituosa de espanto diante do inusitado.** (VELHO, 1980, p.16).(Grifos acrescidos).

Portanto, tornam-se imprescindíveis o preparo e a postura do pesquisador antes de ir a campo. Desse modo, será possível apreender os sentidos e o significado observados e descrevê-los (traduzi-los) (MAGNANI, 2009).

O instrumento mais poderoso e que exige disciplina e cuidado é o registro em Diário de campo. Essa é uma das tarefas mais difíceis para um etnógrafo, pois, ao narrar um evento, é necessário que transmita o clima e o tom do que está descrevendo, além de detalhar a sucessão dos fatos, o número de participantes, a reconstituição das interações e demais detalhes que sejam fundamentais para o entendimento da situação e que tenham a ver com o objeto de estudo (Velho, 2003).

Fundamentado nessa abordagem de etnografia urbana, o presente estudo estruturou o campo e os instrumentos de registro. Portanto, descreve-se, a seguir, o detalhamento dos passos que pesquisa seguiu.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu num período de quinze meses¹¹, incluindo os seguintes períodos: cinco meses de aproximação ao campo (pré-campo); oito meses de imersão intensiva no campo (exploratória e observação de cunho etnográfico nas

¹¹ A previsão inicial era de um tempo total de dez a onze meses (cinco meses de pré-campo e cinco a seis meses de imersão do campo). Entretanto problemas ocorridos no campo fizeram com que a permanência se estendesse por mais alguns meses, além de também ter sido considerada a importância de fazer uma saída gradual.

organizações); e dois meses para a saída gradual (visitas cada vez mais espaçadas). Verifica-se, portanto, que a pesquisa se dividiu nas seguintes etapas: 1) pré-campo; 2) exploratória e descritiva; 3) intensiva e com maior imersão nas organizações (observação de base etnográfica); e 4) saída gradual.

A **primeira etapa** consistiu em visitas ao Curuzu, buscando aproximar e estreitar laços tanto com representantes de instituição quanto com moradores (abrangeu cinco meses). Essa etapa teve início em abril de 2010 e foram feitos os primeiros contatos e também entrevistas preliminares¹². As visitas de pré-campo foram um total de oito e todas registradas em diários de campo.

A primeira visita foi um descortinar do bairro, especialmente o Curuzu, e conhecer o posto de saúde Mãe Hilda e o Ilê Aiyê. Nesse primeiro contato, já foi possível observar a estrutura da instituição e conversar com um dos diretores do Ilê. O segundo contato foi para participar de uma reunião com todas as representações de organizações do bairro da Liberdade, tendo maior presença de pessoas representando entidades do Curuzu¹³. Aproveitando a ocasião, foi feita a apresentação do tema da pesquisa para alguns dos representantes presentes contatados, bem como foram registrados e guardados contatos (telefone e *e-mail*) para aproximação posterior. As visitas que se seguiram foram para estreitar a relação com os informantes conhecidos nas visitas anteriores (Ilê¹⁴ e Associação dos Moradores¹⁵) bem como para conhecer melhor a localidade.

A segunda e a terceira fases ocorreram concomitantemente durante o período de imersão no campo. Entretanto é possível localizar os primeiros meses de convivência (quatro meses) no bairro como a **segunda etapa**. Nesse momento, a

¹² As entrevistas preliminares foram feitas com cinco informantes (quatro moradores do Curuzu e um representante da Associação dos Moradores) na qual a tônica foi a percepção sobre segurança e violência no Curuzu. Saliente-se que essas entrevistas tiveram duplos objetivos: subsidiar pesquisa da disciplina *Mídia, Violência Urbana e Saúde* (PPG-ISC/UFBA) e proporcionar aproximação com o campo. As entrevistas puderam oferecer informações sobre a percepção de proteção e vulnerabilidade, bem como indicaram algumas estratégias de enfrentamento da violência e, também, o impacto do trabalho da entidade Ilê Aiyê no território.

¹³ A reunião tinha o título *Virando o Jogo* e congregava os representantes de organizações sociais não governamentais e grupos menores do Curuzu e da Liberdade. Foram priorizados os contatos com representantes da localidade.

¹⁴ Apesar da acolhida inicial, houve desencontros subsequentes com a entidade, o que inviabilizou entrevistas preliminares nesse momento.

¹⁵ A Associação dos Moradores foi a instituição que mais estreitou contato ao longo dessas visitas pré-campo e nas etapas posteriores também.

presença se deu de forma semi-intensiva (média de três dias por semana) e serviu para explorar e mapear as redes sociais acessadas pelos moradores do Curuzu, podendo estas ser do bairro ou não. Além de ter sido momento crucial para construção de vínculos entre pesquisadora e moradores do bairro, foi o início do processo de aculturação¹⁶.

Saliente-se que, durante o período intensivo, algumas organizações que não foram visitadas nesse primeiro momento, foram acessadas posteriormente, bem como os diretores foram entrevistados, estando esse registro em diários de campo¹⁷.

Apesar de já possuir uma pesquisa documental (lista de organizações no bairro da Liberdade¹⁸), foi priorizado conhecer e identificar as instituições segundo a perspectiva de quem as frequenta. A finalidade, portanto, foi reconhecer as organizações que de fato são utilizadas e dão suporte aos moradores do bairro. As organizações visitadas nessa fase foram as mais diversas: creches; igrejas; escolas; associações de moradores; grupo de idosos; blocos de carnaval; grupos de capoeira; aulas de dança de salão; grupos de valsa; projeto *Meninos do Bairro*; Balé cultural de origem africana; salões de beleza (estética afro); sorveterias; terreiros; posto de saúde (Curuzu e Liberdade); mercadinhos; bares; padarias; Organizações Não Governamentais – ONGs (Ilê Aiyê, Casa Maria Felipa e outras); aulas de

¹⁶ Foi um exercício de aprender a falar segundo as gírias e estilo mais popular (necessário desapegar do “academês” e incorporar o “braulês”), de andar mais leve (mistura de saltitar e arrastar, uma espécie de deixar-se levar com o vento), de aprender a gostar do lugar e das peculiaridades da subcultura, de não questionar (não perguntar “por quê”), de atenção para os mínimos comportamentos deles em reação aos meus e aprender com isso, de falar de minha origem (era muito questionado esse aspecto, não só pela cor, mas pela importância dada à origem e à ancestralidade), de encontrar uma ocupação que me desse identidade e contribuição para eles (virei a “retratista” e a “parceira”) e uma série de outros comportamento que faziam com que me aproximasse do ser “baiano do Curuzu”.

¹⁷ Não foi logo de primeira vez que foi feito contato com os moradores. Com a convivência, foi possível conhecer mais e mais pessoas que iam contando suas histórias e, a partir do que traziam, eram identificadas as organizações acionadas e, então, novas visitas eram programadas. Desse modo, por exemplo, as escolas municipais do bairro que, inicialmente, não foram consideradas pelos contatos iniciais, passaram a ter grande importância à medida que foi reconhecida pelos jovens como escolas em que estudavam.

¹⁸ Já foi feito, junto ao grupo do projeto maior de cooperação técnica do DSL com o ISC-UFBA, um mapeamento das organizações existentes no bairro por meio de pesquisa documental (buscas na Internet e documentos do distrito sanitário de saúde), tendo registro de grande número de entidades (Apêndice G).

ginástica para terceira idade; Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, entre outras¹⁹.

Em seguida, foram selecionadas algumas organizações para obtenção de maiores informações (observação em profundidade na terceira etapa) segundo combinação dos seguintes critérios: percepção dos usuários como mais importantes²⁰ e público-alvo²¹. Saliente-se que, nessa fase, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice D), com informantes-chaves acerca da história do bairro com intuito de localizar a evolução das violências, serviços e organizações de suporte. Com isso, foi possível também identificar outros informantes-chaves para entrevistas. Os diários de campo, nesta etapa, também foram de suma importância para anotações de observações e registros de entrevistas e conversas informais.

A **terceira etapa** consistiu em visitas às organizações selecionadas enfocando as observações nos projetos sociais voltados para o público jovem²², além de manter contato com os moradores que me acolheram no início. A permanência mínima nessa fase foi de quatro vezes por semana durante quatro meses.

A partir das informações obtidas nas fases anteriores (entrevistas e registro em diários), foi possível identificar quatro organizações sociais (redes sociais formais) predominantes nas falas dos informantes (mais acessadas) e que possuem projetos sociais que atendem o público jovem. Elas foram citadas em diversas

¹⁹ Saliente-se que as visitas ocorreram na medida em que as pessoas que conhecia me levavam ou indicavam (davam o contato) para conhecer. Caso contrário, se fosse lá apenas com o contato que peguei na Internet, por exemplo, corria risco de não haver ninguém no espaço, pois o funcionamento de algumas é divulgado “boca a boca”. Além disso, alguns grupos não têm um espaço físico ou sede que dê suporte, como os grupos de valsa, e, portanto, dependem dos acordos com outras instituições, como escolas, para ceder espaço.

²⁰ As fontes de informação consideradas para tanto foram: as entrevistas (da fase preliminar e exploratória) e os registros em diários (especialmente das conversas informais). A partir delas, foi possível identificar as redes sociais mais acessadas pelos informantes bem como a importância do papel desempenhado para o bairro e na vida dos jovens.

²¹ As instituições cujas características estejam voltadas para educação, cultura e esporte ou que tenham o público jovem como foco de atuação foram escolhidas. Esses critérios se baseiam no fato de serem organizações com ações voltadas para o público considerado *vulnerável* para violências, possivelmente oferecendo certa proteção.

²² Apesar da inserção no bairro e nas organizações ter sido facilitada pelas idosas (após participação nos grupos), o enfoque do estudo centrava-se na relação do papel das organizações e na proteção social e/ou prevenção das violências. Por esse motivo, interessavam, para observação e análise, as atividades destinadas ao público jovem (faixa-etária com maior vulnerabilidade aos tipos de violência que mais tem crescido no País, Estado e município).

situações nas histórias de vida dos participantes da pesquisa (escola, lazer, esporte, grupos e suporte pontual). Ressalte-se que uma delas só apareceu nos relatos quando questionado sobre locais que se preocupassem e/ou atendessem jovens com o intuito de preveni-los da violência.

As observações, portanto, passaram a focar nas atividades dessas organizações. Saliente-se que a inserção não foi do mesmo modo em todas elas. Houve dificuldade burocrática²³ e de outros contingentes externos²⁴, o que retardou a observação e as entrevistas em uma, sendo que, em outra, a identificação e o acesso dependeram dos moradores²⁵.

Além dos registros em diários de campo do que era observado e conversado, foram realizadas também entrevistas semiestruturadas com o público usuário da organização selecionada, trabalhadores e seus representantes (Apêndices B, C e D).

Destaque-se que todas as entrevistas solicitadas foram registradas mediante gravação e/ou Diário de campo²⁶. Apenas um informante se negou a conceder entrevista. Todavia, ele abriu as portas da atividade para observação, conversas informais e/ou entrevistas com os alunos.

Desse modo, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

²³ Foram dificuldades impostas pelos agentes da própria organização para poder conhecer os projetos e entrevistar coordenadores e público usuário. Foi solicitado o envio da carta de apresentação algumas vezes, entretanto não liberavam acesso para observação e nem cediam tempo para entrevistas. Apesar de não ter sido negado meu acesso, tive de sustentar a espera e persistir para conseguir entrevistas e observar. Por outro lado, determinados colaboradores dessa mesma instituição recebeu a pesquisadora já se disponibilizando para entrevistas.

²⁴ Os projetos sociais da organização que atende o público jovem estavam suspensos por falta de apoio/patrocínio. Eles só conseguiram ofertar as atividades em outubro de 2011. Desse modo, as observações e entrevistas foram feitas num curto período de tempo, em face do prazo de entrega da dissertação.

²⁵ Apesar de saberem do papel dessa organização, os moradores não me informaram no início do estudo. Além disso, a localização da instituição é considerada uma região “perigosa”, e recomendaram que fosse lá apenas com alguém me guiando. Mesmo com toda disponibilidade oferecida, só consegui articular a primeira visita no final de setembro de 2011. Saliente-se que foram poucas visitas devido ao contexto de acesso ao lugar (necessitava que alguém me levasse para chegar e sair) e ao esgotamento do período de tempo de estudo (não era possível prorrogar mais o tempo por questões burocráticas da pesquisa). Note-se que a distância entre a Rua Direta (local em que podia circular tranquilamente) e a organização era de 100 a 200 metros, espaço no qual me recomendavam não circular sozinha. Ambas as organizações em que o acesso foi dificultado foram cruciais para o estudo. Enquanto uma se referia ao Ilê Aiyê, a segunda foi a única instituição que surgiu com o objetivo de enfrentar a realidade de violência do entorno imediato.

²⁶ A justificativa dada pelo informante (rapaz de 32 anos) é de que “estava cansado” de receber estudantes e não ver retorno para o trabalho que desenvolve e/ou para comunidade.

- Diário de campo: é o registro Diário das observações do pesquisador; narra-se a experiência de forma a transmitir o clima, tom, sabor, cores, etc.; é a tentativa de transmitir o que se vê, sente e entende do que se observa; é uma tradução dos sentidos e significados do objeto (“nativos”) (VELHO, 1980; 2003; MAGNANI, 2009).

- Carta de apresentação da pesquisa (Apêndice A).
- Roteiro de entrevista 1 – representantes das instituições (Apêndice B).
- Roteiro de entrevista 2 – trabalhadores das instituições (Apêndice C).
- Roteiro de entrevista 3 – usuários da instituição (Apêndice D).
- Termo de Consentimento livre e informado 1: dirigido a membros de instituição (Apêndice E).
- Termo de Consentimento livre e informado 2: dirigido aos usuários da instituição (Apêndice F).

A **quarta etapa** consistiu em espaçar as visitas ao campo durante o período de dois meses com a finalidade de fazer um corte gradual. Afinal, vínculos foram construídos e laços de confiança estabelecidos durante o período de convivência intensa. Embora o foco, nesse momento, fosse fazer o distanciamento com o campo²⁷, os registros em diários mantiveram-se, e algumas informações úteis para análise foram obtidas nesse período.

3.4 IMERSÃO NO CAMPO: DESAFIOS E RESOLUÇÕES

Embora a fase de aproximação possibilitada pelo pré-campo tivesse facilitado o contato com alguns moradores e colaboradores de organizações sociais, a

²⁷ Note-se que o distanciamento do campo e das relações estabelecidas é necessário para poder olhar os dados com estranheza e, desse modo, conseguir analisá-los. Desde a coleta até a análise, é um eterno exercício de se aproximar do que é estranho e estranhar o que é próximo.

imersão no campo foi permeada por dificuldades e entraves em diversos níveis: construção de vínculos, aceitação e contingências externas. Por mais que fizesse contatos, que visitasse as instituições, que conversasse com os responsáveis, que estes me encaminhassem para outras organizações, eu só fui conseguir ter acesso para observar a dinâmica das atividades das principais entidades depois de passar por alguns entraves.

O primeiro deles foi enfrentar o estranhamento para conseguir construir vínculos (choques de cor, posição social e gênero). Saliento que, para este momento, tive apoio de um morador que sempre me dava *feedback* e alertava sobre as dificuldades da próxima etapa de aculturação. O segundo foi conseguir ser aceita pelos moradores e colaboradores. Esse processo foi crucial para que as organizações e grupos se abrissem para o estudo (levei quatro meses para conseguir tal abertura). E o terceiro foi driblar as barreiras (burocráticas, relacionais e periculosidade) surgidas para acessar as organizações selecionadas.

Ressalto que alguns dos fatores que causaram estranhamento, especialmente o quesito cor, me acompanharam ao longo da convivência. Afinal, trata-se de uma pesquisadora branca, com tom de pele alva, de olhos azuis e cabelos lisos (apesar de escuros) que entrava em um bairro com maioria negra e reconhecido pela valorização da estética afro.

Foram diversos estágios que vivenciei nesse aspecto: primeiro fui “gringa”, depois virei brasileira das Regiões Sul/Sudeste (gaúcha, paulista e mineira), fui reconhecida como “branquinha com perfil de negona” para uns e “menina do Curuzu” para outros e, por fim, me tornei simplesmente “minha branca”. É claro que, entre os que eu não conheci ainda, me apontam como “gringa”²⁸.

A passagem para cada estágio não foi um movimento fácil e nem rápido. Em cada momento, passava por diversos testes, e todos eles estavam implicados não somente com o conteúdo da cor da pele e/ou raça, mas também sobre quem eu era, o que queria e o quanto estava disposta a compartilhar a perspectiva de vida deles (subcultura, amor ao lugar, questionamento das relações raciais, etc.).

²⁸ Os moradores com quem fiz amizade comentavam que as pessoas diziam a eles: “Vi aquela ‘gringa’ que anda com você em [tal lugar]”.

Nesse sentido, o reconhecimento de uma fase para outra também vinha através do conhecimento que eles iam tendo sobre mim: sobre o que pensava, sobre minha origem e ancestralidade, sobre o meu entendimento do racismo na sociedade baiana, sobre o carinho que estava cultivando com o lugar e com as pessoas, sobre o ganho que teria com o estudo, sobre o porquê de querer estudar um problema que afeta os negros (em sua maioria), sobre o que faria com as informações, sobre o poder de penetração/mobilização que teria para influenciar as políticas públicas e uma série de outros questionamentos.

Além disso, também fui avaliada quanto a minha posição/distinção social. Esse processo se pautou principalmente na observação que faziam de mim em diversos âmbitos do indizível: a forma como me vestia, a postura como me comportava (se me sentia à vontade nos lugares e como comia), a hora em que ia embora e uma série de outros aspectos²⁹.

Embora não tivesse percebido, a passagem por esta etapa foi crucial para poder ser reconhecida como alguém que poderia ser, pelo menos, recebida pelos demais moradores. Afinal, sempre era alertada sobre as dificuldades que teria, primeiramente, em ser recebida e, posteriormente, em aceitarem meu estudo.

Saliento que houve momentos de achar que não conseguiria fazer o estudo pela dificuldade de acessar os projetos sociais das organizações. Felizmente, ao final de quase quatro meses em campo consegui me aculturar o suficiente para começar a ser recebida. Entretanto, não fui encaminhada para os projetos com o público jovem. Todos me enviaram prioritariamente para os grupos de idosos.

Desse modo, aproveitei a abertura que me deram e busquei, com elas, entender: as relações entre as pessoas; a cultura local; as histórias do bairro, das violências e das organizações sociais; o papel de cada uma dessas entidades no bairro e na vida delas; como entendiam violência; e uma série de aspectos que me situavam no bairro. Ressalto que esse processo foi mútuo: enquanto eu sabia mais sobre o bairro, elas passaram saber mais sobre mim.

²⁹ Só fui perceber isso quando um morador que já tinha construído certo vínculo, me disse que, apesar de universitária, eu era "bem simples e calma". Ele continuou dizendo que melhorei muito a forma de falar (parei de usar jargões acadêmicos), a forma como me vestia e constatou que transitava bem à vontade e sem pressa no bairro, pois estava ali até aquela hora (20h) e não havia esboçado comportamento de preocupação para ir embora. Após isso, ele então me encaminhou para conhecer uma das organizações do bairro considerada como importante pelos moradores.

Apesar de não ter planejado esse momento, ele foi muito proveitoso para obter informações preciosas do bairro, das organizações e das violências bem como confirmar as pessoas que deveria entrevistar e de quais organizações. Além disso, foi importante para continuar meu processo de aproximação do estranho (aculturar-me) e fez com que vínculos se firmassem. Nesse sentido, as mudanças de posições que me colocaram durante a convivência indicam o vínculo que foi se estabelecendo ao longo do tempo: passei de “universitária” (não muito bem quista), para “retratista” e/ou “fotógrafa” e, por fim virei “mascote do grupo”.

Apesar disso, os meses se passavam e não conseguia acessar os projetos que atendiam os jovens. Foi então que pedi ajuda às senhoras do grupo que acompanhava e estas me inseriram em alguns projetos (o grupo de capoeira da associação e em um bloco afro).

A partir desse momento fui me deparando concomitantemente com outras barreiras: relacional, burocráticos e de periculosidade. O primeiro deles foi o aspecto relacional, isto é, manejo da disputa do vínculo no nível micro (conciliar minha participação entre grupos que fui inserida) e no nível macro (negociar acesso em múltiplas organizações).

O entrave no nível macro foi contornado na medida em que conciliei a participação em todos os grupos (idosos e os novos projetos em que fui inserida). O segundo aspecto não consegui solucionar no princípio, foi necessário tempo para que os moradores então permitissem, ou melhor, sugerissem que fosse conhecer o Ilê.

Ao mesmo tempo uma das organizações, o Ilê, sofria por não conseguir apoio/patrocínio para dar continuidade aos projetos sociais que desenvolve há anos. Este impasse só foi resolvido no início do segundo semestre de 2011, sendo que as atividades só retornaram em outubro. Saliento que também enfrentei, nesse momento, com alguns aspectos burocráticos para ter acesso a outros âmbitos da organização.

Por fim, o entrave da periculosidade foi driblado na medida em que consegui que moradores me levassem à última organização identificada com “trabalho social” com jovens em situação vulnerável às violências.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA PROCESSAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados alguns procedimentos operacionalizaram o processo: a) *seleção de categorias (Etic e Emic)*; b) *ordenação dos dados* – mapeamento dos dados obtidos em campo e construção de uma matriz com as categorias; c) *classificação dos dados* – questionamentos, com fundamentação teórica, sobre os dados; d) *análise final* – articulação entre as categorias de análise e os dados respondendo às questões da pesquisa de forma *provisória e aproximativa* (MINAYO et al., 1994).

Os dados coletados em campo (entrevistas semiestruturadas, diários e documentos auxiliares³⁰) foram classificados segundo as **categorias de análise**. Algumas dessas categorias foram elencadas previamente à coleta (categorias *etic*) e outras após a exploração (categoria *emic*). Desse modo, foram selecionadas as seguintes categorias: capital social³¹ (capitais simbólicos e *habitus*); redes de suporte social (perspectiva estrutural e dinâmica); proteção social; percepção da violência; e percepção de fatores de risco e proteção contra as violências³².

As categorias que surgiram com a exploração foram: reafirmação da identidade racial, enfrentamento das violências e violências noticiadas (jornais impressos). Tendo em vista que a análise de conteúdo considera o contexto dentro do qual os dados foram retirados, os aspectos da cultura e história do bairro também foram categorizados.

³⁰ Entre os documentos que entraram como fonte informação, destacam-se: *folders*, cadernos de educação e *sites* das organizações sociais predominantes nas falas dos moradores.

³¹ A categoria *capital social* foi prioritariamente usada para lançar luz sobre as organizações (identificar qual possui maior acúmulo de capital social) e os efeitos (ampliação e/ou acúmulo de capitais simbólicos) para os sujeitos (público usuário) que frequentavam as atividades das organizações.

³² A violência é um conceito polissêmico com múltiplas acepções. Apesar de o estudo priorizar a percepção que os moradores têm de violências, é interessante esclarecer a definição predominante na área da saúde, que é a publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no seu *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde* em 2002: “Violência é o uso intencional da força física ou o poder, real ou por ameaça contra a pessoa mesma, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em, ou tenha alta probabilidade de resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002; MINAYO, 2009).

Para operacionalização da análise dessas categorias, foi necessária, portanto, a construção de subcategorias que em conjunto subsidiavam as informações, para se compreender as categorias elencadas. Desse modo, a junção de algumas subcategorias como as que falam sobre história e trajetória de organizações, indivíduos e bairro conforma, assim, a categoria capital social (capitais simbólicos e *habitus*).

As subcategorias identificadas foram: história de vida dos agentes que compõem a organização; história da organização; vínculos que a organização e seus agentes possuem; percepção dos benefícios das atividades acessadas das organizações sociais pelo público usuário; história do bairro; percepção da evolução da violência no bairro ao longo dos anos; casos de violências (tipos); percepção dos determinantes das violências; percepção das relações de matrimônios; estratégias de enfrentamento das violências; história da formação dos participantes da pesquisa; história da ocupação do território; o papel das organizações sociais; reafirmação da identidade racial; violência no Curuzu nas notícias de jornais; utilidade pública e informações úteis sobre o Curuzu nos jornais; educação e cultura do Curuzu nos jornais e o papel da família na vida dos participantes. Demais informações que também contribuíram para o entendimento e a análise dos dados foram trazidas de demais fontes de informações não categorizadas como alguns diários e documentos obtidos que auxiliaram esse processo.

A **ordenação e classificação** dos dados foram feitas mediante a utilização da ferramenta de *software* NVivo7³³. Por meio dele, foi possível ordenar todas as fontes de informação que estavam disponíveis para uso no computador (transcrição de entrevistas, diários de campo, notícias de jornais, *folders*, cadernos de educação e outros documentos) e classificá-las segundo as categorias e subcategorias elencadas. Em seguida, foram selecionados os trechos dos diários e entrevistas considerados como melhor ilustração para a interpretação dos dados.

Saliente-se também que, ao tomar o território do Curuzu como um caso, além da contextualização prevista pela própria técnica da análise de conteúdo, foi considerado necessário saber a origem da situação em que o bairro se encontra

³³ O NVivo é um software projetado para suportar uma ampla gama de métodos de pesquisa, incluindo teoria fundamentada, etnografia e fenomenologia e análise do discurso. Para maiores informações, ver *site*: < www.nvivo.com.br >.

hoje no que se refere aos dois aspectos centrais do estudo: suporte social e violência. Os questionamentos partindo dessa premissa orientaram, portanto, a descrição e a análise dos dados e, ao mesmo tempo, considerava os aspectos priorizados pelos objetivos do estudo.

Na **análise final**, isto é, no confronto entre os próprios dados e a “conversa” com outros autores, foram utilizadas informações anteriormente classificadas e descritas, que puderam ser confrontadas com outros dados empíricos e outras fontes de informações como jornais.

Para a análise das redes sociais (formais), foi utilizado um programa que constrói gráficos das relações entre os atores que compõem a rede (sociogramas). O SocNetV³⁴ foi o *software* escolhido devido a sua interface bem amigável e a facilidade de construir os gráficos e matrizes. Contudo, a análise dos gráficos foi feita de modo que combinou as duas perspectivas (estrutural e dinâmica).

A análise da categoria *emic* – violências noticiadas (jornais impressos) – também merece destaque uma vez que o processo (fonte de dados, ordenamento, classificação e análise) foi específico. Os jornais analisados foram os que os moradores do Curuzu mais leem e/ou consultam: *Massa*, *Correio da Bahia* e *A Tarde*³⁵.

Os dados (notícias) foram obtidos mediante busca *on line* nos *sites* de cada jornal, contendo como descritor de busca a palavra “Curuzu”. Foram selecionadas as notícias durante o período de fevereiro de 2010 a fevereiro de 2012, sendo um volume total de 145 matérias encontradas. Em seguida, foram lidos todos os títulos e subcategorizados em: *violências*; *cultura e educação*; e *informações úteis de utilidade pública*.

Em momento posterior, foi lido o conteúdo das matérias sobre *violências* de modo a verificar o quanto estavam relacionando autores e/ou vítimas a pessoas residentes na localidade. As subcategorias *cultura e educação* e *informações úteis* foram lidas de forma aleatória, isto é, a cada título lido, pulavam-se três ou quatro e

³⁴ O Social Network Visualizer é um *software* livre que computa propriedades básicas da rede como densidade, diâmetro, distância, etc. Por esse programa, é possível desenhar uma rede ou importar de outros gráficos. Para maiores informações, ver *site*: < www.socnetv.sourceforge.net >.

³⁵ Apesar do *A Tarde* não ser um jornal bastante lido, ele também foi considerado por dois motivos: pelos menos, foi citado por moradores e por ser considerado o jornal de maior circulação na cidade e o mais lido entre o grupo considerado formador de opinião na cidade.

lia-se o seguinte. Desse modo, foi possível identificar os conteúdos predominantes em cada grupo de notícias.

Para poder quantificar o volume de informações dessas categorias noticiadas, foi, então, feito um cálculo de proporção entre cada grupo de notícias identificado dentro do universo global, por meio do uso do programa *Excel*. Assim, foi possível estabelecer as porcentagens que cada subcategoria detinha dentro do universo total das notícias dos três jornais.

Ressalte-se ainda que o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sob o **registro CAAE 065.0.069.000-10**. Conforme aspectos éticos previstos, os nomes dos participantes da pesquisa bem como das ruas citadas são fictícios, exceto em alguns poucos casos cuja alteração do nome acarretaria retirados de créditos históricos e já registrados em estudos anteriores. Esses casos correspondem a Dona Biloca, Mãe Hilda e Dete Rezadeira.

3.6 SUJEITOS DA PESQUISA

Ao considerar que se trata de um estudo de observação participante de cunho etnográfico, os sujeitos que contribuíram foram diversos. Entretanto, alguns foram entrevistados e outros, não. O estudo teve um universo total de 28 informantes-chaves, sendo que 20 foram entrevistados formalmente³⁶ e 8, entrevistados informalmente³⁷.

Saliente-se que somente uma pessoa se recusou a conceder entrevista formal, entretanto abriu o espaço para observação e, posteriormente, se

³⁶ Entrevistas realizadas mediante convite formal, isto é, a conversa iniciou com a direção da entrevista, sendo gravadas e/ou registradas em diários. Saliente-se que alguns dos informantes foram entrevistados mais de uma vez e que algumas entrevistas não puderam ser gravadas por preferência do participante.

³⁷ Entrevistas realizadas no meio de conversas informais do cotidiano, as quais tinham os pontos-chaves do roteiro de entrevistas como balizador da discussão, tendo sido feitos os registros destas em diários de campo. Ressalte-se que, para a descrição dos sujeitos da pesquisa, entraram somente os participantes que trouxeram conteúdos relevantes para o estudo. Demais entrevistas informais não foram consideradas para essa descrição devido aos motivos expostos.

disponibilizou para conversa informal, que tomou rumo de entrevista com registro em Diário de campo.

O perfil dos sujeitos de pesquisa foi em sua maioria mulheres (16 de 28 participantes) com uma grande variação de faixa etária (14 a 95 anos). Houve predominância de informantes que eram colaboradores de organizações sociais (17 de 28 participantes).

No que se refere a esse último aspecto, destaca-se que, entre as entrevistas formais, a perspectiva dos sujeitos era, em sua maioria (15 de 20 participantes), de colaboradores de organizações. Entre as entrevistas informais, a perspectiva foi de usuários (público que acessa as redes)

A ocupação dos sujeitos foi variada: aposentadas, cabeleireiros, pedreira, educadores, artista plástico, candomblecistas, estudantes, capoeiristas, assistente social, psicóloga, médica, pedagogo, comerciante e músico. Apesar da diversidade de profissões entre os entrevistados, houve frequência maior de aposentados (entre os colaboradores de organizações sociais) e de estudantes (como usuários e/ou participantes dos projetos sociais das organizações)

Ressalta-se que os colaboradores de organizações sociais entrevistados referem-se a trabalhadores/voluntários para o andamento dos projetos sociais de quatro organizações sociais. Estas são as mesmas identificadas pelo estudo como principais para análise de possíveis relações com a proteção às violências.

3.7 O CASO: ASPECTOS HISTÓRICOS DO CURUZU

O Curuzu é uma localidade do bairro da **Liberdade** cuja história a conforma. Antigamente conhecido como “Estrada das Boiadas”³⁸, o bairro teve seu nome rebatizado em 1823 quando por ali passou o Exército Libertador³⁹ durante a Guerra

³⁸ Nome oriundo do fato de a localidade servir de passagem para os bois que vinham do sertão e eram comercializados na Feira do Capuame (atualmente conhecida como Dias D'Ávila) durante a época colonial (SERPA, 2004; SALVADOR, 2010).

³⁹ Exército que havia libertado o Estado do jugo colonial de Portugal (Exército vitorioso da *Guerra da Independência da Bahia*) (SALVADOR, 2010).

da Independência da Bahia, passando então a ser conhecido como “Estrada da Liberdade”.

Somente no início do século XX é que o bairro foi urbanizado ⁴⁰. Originalmente povoado por descendentes de escravos e trabalhadores subalternos, o bairro da Liberdade ainda detém uma população majoritariamente de baixa renda. Atualmente, é considerado como um “bairro de classe trabalhadora” ⁴¹ e também como um “bairro negro” ⁴² (AGIER, 2007).

O **Curuzu** ⁴³ é quase um bairro dentro do bairro da Liberdade, e, assim como as demais partes deste grande bairro, possui características próprias⁴⁴, definidas e reconhecidas pelos moradores de “dentro” desse território (AGIER, 2007; SALVADOR, 2010)

A necessidade de novos espaços para habitação fez com que espaços do “miolo” da cidade fossem ocupados a partir da década de 40 (SOUZA; SERPA, 2004; CARVALHO; PEREIRA, 2008). Desse modo, os moradores do Curuzu arrendaram terras da família Martins Catharino e construíram suas casas (SOUZA; SERPA 2004).

Após o “acerto de contas” dos atrasados, muitas dessas famílias passaram a ser dona de alguns lotes. Os filhos foram crescendo e construindo no quintal do terreno. Quando os limites do terreno extrapolavam o crescimento no sentido da rua principal, foram construindo para o interior do bairro, formando as ruelas e os becos

⁴⁰ Inicialmente, o bairro era composto por quatro chácaras que passaram a ser ocupadas de forma desordenada devido à proximidade com o centro comercial da época (Rua Chile e adjacências). O crescimento ocorreu por meio de invasões e “favelizações”, o que explica as atuais construções verticais e irregulares (SERPA, 2004; SALVADOR, 2010).

⁴¹ Sua população economicamente ativa é composta principalmente por trabalhadores de empresas tradicionais (comércio, porto, indústria alimentícia, etc.) e indústrias “dinâmicas” (petróleo, química e metalurgia), além da existência de comerciantes, funcionários públicos, artesão e empregados domésticos (AGIER, 2007).

⁴² Apesar do Censo 2010 ter demonstrado que a Liberdade deixa de ser o bairro com maior concentração de negros em Salvador, ainda continua tendo grande concentração da parcela negra. Maiores informações ver dados do Censo 2010 no *site* do IBGE: < www.ibge.gov.br >.

⁴³ Histórias são contadas para explicar a origem do nome. A primeira e mais difundida é que é um nome em lorubá. A segunda e mais consubstanciada é a hipótese de que os primeiros moradores da região, que eram ex-escravos, tenham vindo para a localidade após a luta na região do forte do Curuzu durante a Guerra do Paraguai e, por isso, o nome. Segundo relato, essa hipótese é do historiador Jaime Sodré (Diário de campo, 2011).

⁴⁴ Há uma identidade própria que é marcada, principalmente pela história, pelas relações de amizade e pela presença do Ilê Aiyê, Associação de Moradores e outras organizações (SERPA, 2004; AGIER, 2007; Diários de campo, 2010/2011)

⁴⁵. Em torno da década de 80, chegaram novos moradores à região, muitos oriundos do Ceará ⁴⁶. O crescimento, portanto, ocorre por meio de invasões e “favelizações”, o que explica as atuais construções verticais e irregulares (SERPA; SERPA, 2004; SALVADOR, 2010).

A partir da década de 50, inicia-se o processo de urbanização e modernização na cidade, houve uma intervenção estatal que trouxe infraestrutura (asfaltamento, esgoto, água, posto de saúde e lavanderia) e abastecimento de água encanada (antes, a água era buscada em duas fontes: Retiro e Estrada da Liberdade). Contudo, a localidade ainda possui problemas com abastecimento de água. Nos dias atuais, foram relatadas constantes falhas no abastecimento de água (SERPA, 2004; SOUZA; SERPA, 2004; SALVADOR, 2010; Diário de campo, 2011).

Nota-se também uma forte ligação do bairro com a cultura afro-brasileira, especialmente ligada aos aspectos das religiões de matrizes africanas (SOUZA, 2004; Diários de campo, 2011). Além disso, é um território que possui intenso comércio, com alto índice de informalidade e pouco diversificado ⁴⁷ (SALVADOR, 2010). Muitos moradores sentem-se independentes de outros bairros nesse aspecto (SOUZA; SERPA, 2004; Diários de campo, 2011).

O acesso principal a esse território se dá mediante uma entrada da Estrada da Liberdade e/ou ladeira na San Martin. Ao se entrar na região, é possível descer, a partir da Rua Direta (principal do Curuzu), às ruelas, becos, “vilas”, avenidas e baixadas que compõem essa localidade.

⁴⁵ Segundo uma moradora antiga do bairro, o “Curuzu era uma fazenda, era dos homens da União Fabril chama os Catharino, União Fabril, mas aí a União Fabril chamou os povo daqui e de vários porque ele abrange Fazenda Grande, São Caetano, Santa Mônica; tudo são dos Catharino até lá a Fazenda Grande; então, ele chamou a minha família pra ter acerto de contas porque estava atrasado o pagamento e tudo era um dinheiro muito grande; tinha pé de abieiro, abacateiro, acaçá, cajueiro, jenipapo, cajá – Ave Maria, eu não saía de baixo! –, tinha café, cafeeira que a minha família...” (Aretha Franklin, 60 anos).

⁴⁶ Uma das moradoras antigas do Curuzu conta que há moradores que não são “nativos”, pois muitos vieram de outros lugares. Conforme o trecho da fala dela, é possível verificar essa informação: “[...] veio de outros lugares inclusive teve uma época que veio uma quantidade muito grande de cearense pr’aqui; foi [...] na década de 80 mais ou menos” (Nina Simone, 62 anos).

⁴⁷ Ressalte-se que é um comércio de vizinhança (muitos surgem como uma alternativa de complementação do orçamento familiar). Observam-se serviços diversos: supermercados, farmácias, mercearias, feiras, lojas de roupas, sorveterias, salão de beleza, muitos bares, entre outros estabelecimentos comerciais (SOUZA, 2004; Diários de campo, 2011).

Os principais referenciais do território são: Largo do Curuzu/Posto médico (região central e mais importante)⁴⁸, Escolas Tereza Conceição Menezes e Celina Pinho, Associação dos Moradores e Amigos do Curuzu – AMAC, Supermercado na entrada do “bairro”, “Ladeira do Curuzu”⁴⁹, Ilê Aiyê, Terreiros Vodum Zo e Ilê Axé Jitolu e pontos comerciais que possuem moradores antigos. Ressalte-se que não há posto policial na localidade. A figura a seguir ilustra o espaço geográfico do Curuzu, destacando pontos principais para este estudo (SOUZA; SERPA, 2004; Diário de campo, 2011)



Figura 1 – Mapa parcial da Liberdade com destaque para o Curuzu (região em amarelo), Rua Direta do Curuzu (linha amarela) e organizações (terceiro setor) consideradas pelo estudo para análise aprofundada (bolas vermelhas).

⁴⁸ Segundo o estudo de Souza (2004), a população do Curuzu indicou, nos Mapas Mentais, a região do Largo do Curuzu que é ocupada atualmente pelo Posto de Saúde como o “coração” do “bairro”.

⁴⁹ A Rua Direta do Curuzu é em declive, entretanto, após o Largo do Curuzu, há uma acentuação que a caracteriza como ladeira até chegar próximo à San Martin. O trecho do Largo até próximo à San Martin é conhecido, portanto, como “Ladeira do Curuzu”.

4 VIOLÊNCIA PERCEBIDA NO CURUZU

A violência percebida durante as andanças no território, ao longo de quinze meses, pode ser descrita a partir de alguns pontos: as ambiguidades na construção do imaginário sobre a percepção da violência no bairro, a história local da violência percebida pelos moradores, os tipos observados e algumas estratégias de enfrentamento. Em conjunto, esses pontos descrevem que violência é esta que foi possível ser observada no Curuzu nesse período.

4.1 A VIOLÊNCIA PERCEBIDA E NOTICIADA: AMBIGUIDADES NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

As percepções da violência sentida pelos moradores não foi dada de prontidão. Inicialmente, houve uma negação. O relato mais comum quando essa temática era tocada em conversas com moradores, é que há um exagero, ou melhor, um equívoco por parte das agências de notícias no que se refere à violência no bairro. Eles dizem que as agências informam que as mortes que ocorrem na região foram no Curuzu, quando na realidade foram em outra localidade (Pero Vaz, Guarani, etc.).

Um dos moradores, a partir de suas reflexões, ainda explica o porquê desse equívoco: “*Os jornais falam que aconteceu no Curuzu porque é uma localidade famosa. Mas que não era aqui não [que ocorreram]*” (Diário de campo, 2011). Por outro lado, outra pessoa comentou ser importante um estudo dentro da grande temática da prevenção da violência: “*Muito bom esse seu estudo, os meninos precisam ouvir essas coisas*” (Valdemar, 32 anos, Diário de campo, 2011)⁵⁰.

⁵⁰ Note-se que foi a primeira pessoa que abordou a temática da violência sem reatividade num primeiro contato; todas as demais reagiram dizendo que ali não tinha violência. O máximo que ocorria de aceitação era quando achavam interessante o estudo, mas sugeriam que o recorte fosse outro, como contar a história do bairro segundo a ótica dos moradores.

Ao olhar os jornais impressos de maior veiculação no Curuzu⁵¹, as notícias que mais predominam tendo o nome do bairro citado envolvem situações de violência: sejam ocorrências no local, sejam citando moradores envolvidos em situações de violência em outro bairro⁵². As demais notícias informam atividades da organização carnavalesca e educacional mais famosa na localidade.

Nota-se que essas notícias expressam um olhar dúbio acerca da localidade. Ao mesmo tempo em que reforçam o imaginário de ser uma localidade violenta (forma comum com que se veem os bairros populares), também informam a beleza da estética afro e do valor cultural do bairro representado em músicas famosas⁵³.

Todavia, é bom lembrar que a mídia (os jornais impressos estão inclusos) costuma noticiar o que foge à regra, o que é incomum, o que pode servir como “espetáculo”. Ericson (1987) sinaliza que as agências de notícias “sobrepresentavam” os fatos de crime quando comparados a dados oficiais. Afinal, a mídia busca, para além de informar o leitor, entretê-lo com assuntos que mobilizam o consumo do assunto e, por consequência, do produto da mídia.

Desse modo, parece que, tanto nos discursos dos moradores quanto no que é noticiado, há certa ambiguidade acerca dos elementos significativos (características

⁵¹ O jornal mais lido pela população do Curuzu é o *Massa* justamente pela acessibilidade ofertada pelo preço (o mais barato de todos: R\$ 0,50), seguido pelo *Correio da Bahia*, e não ouvi ninguém comentar leitura do Jornal *A Tarde* (jornal preferido pela camada considerada de opinião e mais crítica na cidade), a não ser o relato de um rapaz que é assessor de vereador.

⁵² Ao analisar os títulos das notícias entre os jornais de circulação mais lidos na localidade (*Massa* e *Correio da Bahia*, eventualmente, *A Tarde*) no período de fev./2010 a fev./2012, foi possível identificar três grandes grupos de notícias quando referem o Curuzu. Segundo a ordem de maior peso global de todos os jornais, foram as seguintes as categorias encontradas: a) *violência*, com 50% das notícias; b) *Cultura e Educação*, com 34% dos artigos, sendo que, no Jornal *A Tarde*, essa categoria tem maior peso, e c) *Informações úteis e utilidade pública*, com 16% dos títulos. O grande grupo denominado *violência* concentrou, em sua maioria, notícias de mortes e/ou crimes (assaltos, brigas domésticas, brigas de vizinhos e agressões no trânsito) que ocorreram no Curuzu ou que envolviam pessoas residentes do bairro. No que se refere a *Cultura e Educação*, os artigos veiculados referem-se, em sua maioria, a eventos ligados ao Ilê Aiyê (*Shows*, parcerias, clipes, carnaval, eventos, abertura de cursos, visita da entidade a outro local ou parceria com outro artista, etc.), mas ocorreram também notícias sobre o Dia da Consciência Negra sobre a participação do Ilê nas comemorações do dia. E, por fim, o grupo de notícias *Informações úteis e utilidade pública* concentra informações sobre aviso de falta de abastecimento de água e/ou energia, assim como algumas informações sobre trânsito e poucas notícias sobre ‘desastres’ com as chuvas na localidade e/ou arredores como Queimadinho e Pero Vaz (ver Apêndice I).

⁵³ Muitas músicas produzidas, seja pelos próprios blocos afros ou por outros artistas, homenageando esses blocos – em especial, o primeiro deles a surgir (Ilê Aiyê) – enaltecem a beleza, a estética e cultura negra, bem como referenciam a Liberdade e o Curuzu. Algumas dessas músicas são: “Beleza Pura” (Caetano Veloso), “Um canto de afoxé para o bloco do Ilê” (Caetano Veloso e Moreno Veloso), “O mais belo dos belos” (Daniela Mercury), “O negrume da noite” (Caiuba e Paulinho do Reco), “Que bloco é esse?” (Paulinho Camafeu), “Ilê! Perola Negra (O canto do negro)” (Daniela Mercury), entre outras.

principais) que marcam e configuram o bairro. São atributos e sentimentos negativos e positivos atribuídos ao lugar. Essa apropriação da dimensão afetiva, segundo Corrêa (1998), passa a associar-se à identidade dos grupos e à afetividade espacial⁵⁴, isto é, com o lugar. O espaço, portanto, pode ser entendido como tendo essa afetividade e identidade ambígua: violência e efervescência cultural.

Vale salientar que o Curuzu, anteriormente conhecido como a “temível linha 8” composta por moradores “bagunceiros”, teve sua história “recontada” a partir da influência do Ilê Aiyê. Essa organização cultural (carnavalesca) e educacional, que nasceu no bairro, influencia de forma marcante a história e a ressignificação positiva desse território, de modo que a localidade, onde atualmente fervilha a cultura afro, é identificada como um local composto por artistas e trabalhadores honestos (MORALES, 1991).

Apesar da ambiguidade identitária do bairro, marcada tanto pela ressignificação da história quanto pelo discurso inicial dos moradores e das notícias de jornais, com o passar do tempo, outras formas de violências passaram a ser contadas e também sentidas com o convívio. Situações cotidianas de violências⁵⁵ e momentos que beiravam ao sentimento de “terror”⁵⁶, para uns, foram sendo trazidos à tona durante as andanças no bairro.

Ao final do campo, foi possível perceber que as falas dos moradores revelavam um sentimento de insegurança e preocupação com o bairro e com a cidade como um todo. Um dos moradores, via conversa telefônica, comentou que

⁵⁴ Essa dimensão afetiva tem a ver com fatos que vivenciou no lugar. Situações que trazem lembranças (boas ou ruins) que constituem a história do sujeito (individual ou coletivo), com a construção de sua própria personalidade, de sua própria identidade. Moradores até comentam que esse sentimento de “amor àquilo ali”, “àquele barro vermelho, porque a terra dali é vermelha” só tem quem viveu ali “desde pequeno”. Essas falas dos moradores dão uma sensação de que é um sentimento de pertença misturado com sentimento de constituição de sujeito por meio do lugar. E ainda completam que mesmo quem veio morar ali depois de adulto, constrói laços, “faz amizades”, mas não é a mesma coisa, “não tem o mesmo sentimento”, nem “o mesmo amor”.

⁵⁵ Foram vivenciadas diversas situações de violência durante o período de convivência no bairro: desde atropelos de moto, mulheres espancadas, agressões verbais até relatos de homicídios.

⁵⁶ Teve um momento específico, no final do ano de 2011, em que todas as idosas estavam assustadas com a possível guerra por pontos de vendas entre as “bocas” do Curuzu e da San Martin. Segundo contaram, foi o primeiro fato que marcou a briga entre as “bocas”. Essa situação chegou a tal ponto que o Jornal *Massa!* noticiou que o Curuzu estava com ‘toque de recolher’: “Ontem, o MASSA! publicou reportagem relatando o temor dos moradores do local, por causa da guerra que envolve os traficantes da região contra os bandidos da localidade do Barro Branco, na avenida San Martin, que ameaçaram invadir o local. Os criminosos do Barro Branco ordenaram os moradores a não saírem de casa, depois das 8h da noite” (*Massa!*, 27 out. 2011). De fato, algumas pessoas ficaram com receio e evitaram sair, outras deixaram de realizar suas atividades de trabalho e lazer.

“aqui tá ficando difícil... ontem mesmo tava conversando com ‘fiinho’ no skype que teve um tiro aqui embaixo no Curuzu [atrás da Rua da Gato] e ele falou que lá [em outro país no norte da Europa] rola nada disso [...]. A gente tem que andar ligado em tudo, [...] a não ser nas festas de rua que dá para andar” (Valdemar, 32 anos)

Todavia, a percepção dos moradores nem sempre foi permeada nem por negação da violência ou por insegurança. Muitos contam como era a vida desde a infância, perpassando, por meio de sua história, a visão que detêm sobre a violência no bairro e como esta foi mudando ao longo do tempo.

4.2 HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA NO BAIRRO: PERCEPÇÃO DOS MORADORES

A partir da descrição do bairro contada no capítulo anterior, é possível perceber que o Curuzu, assim como a maior parte de Salvador, teve um crescimento desordenado e uma urbanização tardia. Tais mudanças impactaram na vida dos moradores, que passaram a ter o espaço cada vez mais diminuído bem como houve incorporação de outros serviços⁵⁷. As relações sociais entre os moradores também sofreram alterações com esse processo de crescimento e urbanização, o que pode ter influenciado, também, nas formas de violência vivenciadas⁵⁸.

⁵⁷ Com a ocupação desordenada e crescente, os espaços que antes produziam alimentos para as famílias que ali moravam passaram a ser insuficiente para os novos moradores produzir. Apareceram outros serviços como: maior quantidade de lavadeiras, sapateiros, ‘vendas’ e/ou ‘mercadinhos’, escolas e/ou creches e/ou serviços de bancas (reforço escolar) particulares ou improvisadas, farmácia, posto de saúde, aulas de corte e costura, entre outros. Os relatos anotados em diários e algumas entrevistas ilustram tais informações (Diários de campo, 2011 e entrevistas com Lourdes e Billie Holiday).

⁵⁸ Todas as idosas entrevistadas e outras conversas registradas em diários informam que houve muitas mudanças nas relações com a vizinhança. A principal queixa é de que houve uma perda de sentido de família e comunidade. Antes, os vizinhos se cumprimentavam e as crianças pediam bênção a todos os mais velhos que passavam. Os vizinhos eram tão responsáveis pelo cuidado das crianças quanto os pais; eles tinham poder de (autoridade para) reclamar e orientar: *“a gente respeitava os vizinhos como se fosse os pais porque os vizinhos podia fazer queixa, podia até esticar as orelhas, levar para casa assim nas orelhas chegava na casa entregava, dizia o que era e quando saía o couro comia”* (Aretha Franklin, 60 anos). Enquanto que hoje não há essa solidariedade e cumplicidade entre os vizinhos, não há mais o respeito ao cuidado que o vizinho demonstra com as crianças: *“Hoje em dia não pode até você falar pro vizinho que o filho tá fazendo [que] ‘é mentira’ ele diz que é mentira”* (Aretha Franklin, 60 anos). Com a convivência e observação, foi possível perceber que há ainda uma relação fraterna entre alguns moradores. Isto é, de cuidado e respeito no qual os jovens continuam a pedir bênção e ouvir alguns poucos conselhos que os mais velhos se aventuram

O Curuzu, antes uma fazenda, passou a ser ocupado por algumas famílias que trabalhavam ali. A vida era cheia de brincadeiras e festas entre os jovens. Era brincadeira de cozinhar ‘cabidela’⁵⁹, de gude, de empinar arraia, de fura-pé, de pegar água na fonte⁶⁰, de fazer quadrilha, de participar de baile pastoril⁶¹, de fazer festa, de bicicleta⁶², futebol, etc. Uma senhora conta que teve “*uma vida assim, muita festa. Quando era São João, eu tava nas festa sambando, dançando, tomando licor, era comida, era amendoim, laranja e bolo [...], hoje em dia aqui ninguém tem paz que a gente podia ficar [...]*” (Aretha Franklin, 60 anos).

Além das festas, era comum que os jovens ficassem até a madrugada na rua, brincando ou mesmo conversando. Ou, então, iam para casa dos vizinhos e lá ficavam, até dormiam se fosse o caso: “*antigamente se a gente dissesse ‘vou para casa de dona fulana’ ali a gente podia até dormir, ficar até de manhã porque os pais conheciam, né?*” (Aretha Franklin, 60 anos). Com o passar dos anos, as moradoras antigas revelam como sentem a mudança: “*Mas hoje em dia não, vai ali mas venha logo. [...] passou de dez horas a gente fica tudo dentro de casa. Eu mesmo fico... Eu não tenho mais paz*” (Aretha Franklin, 60 anos).

a dar. Essa relação foi identificada entre as pessoas que mantêm alguma relação mais próxima há alguns anos, normalmente vinda das relações de amizade de infância e/ou adolescência. Fato comprovado com as relações entre as gerações das famílias de algumas ‘idosas’ que frequentam os “grupos da melhor idade”. Algumas delas são amigas desde a infância, outras desde a juventude, e as famílias se conhecem e mantêm uma relação no mínimo cordial, isto é, cumprimentam-se pedindo a bênção.

⁵⁹ É uma comida feita com as vísceras da galinha e arroz. As crianças, segundo contam as idosas, cozinhavam os restos da galinha como brincadeira e depois comiam.

⁶⁰ Encher o “tonel” de água para abastecer as casas de cada uma, era uma obrigação das crianças. Todavia essa ‘obrigação’ foi contada por todas as moradoras como algo de que elas gostavam, pois o faziam com ar de brincadeira: “*então de manhã cedo a gente acordava assim ‘Vamos encher primeiro!’ porque a gente queria ver o tonel encher. [...] Nós três, dávamos umas quatro viagens para encher o tonel, a gente queria isso. Então, uma enchia a de uma casa, depois outra, depois outra*” (Anete, 62 anos).

⁶¹ É um conjunto de representações dos autos sagrados, os quais foram organizados no bairro pela falecida Dona ‘Biloca’. Os meninos e meninas encenavam esses autos a noite toda de Natal, encerrando-se ao amanhecer.

⁶² Uma das moradoras do bairro comenta que já teve um “bicicletário”, isto é, ela alugava bicicletas para os meninos brincar: “*era tanto menino rodando para cima e para baixo de bicicleta [...] agora não querem mais saber disso, só de andar de moto para cima e para baixo*”. Ela conta que acabou com o “negocio” porque os meninos perderam interesse e passaram a preferir a moto. O fenômeno da moto no bairro é algo, no mínimo, interessante. Afinal, a moto funciona de diversos modos dentro da vida deles: é um meio de trabalho (para quem é mototáxi ou é ‘motoaviãozinho’); é objeto que justifica o serviço de lava a jato e é um transporte desejado com múltiplas vantagens e funções (transporte e diversas possibilidades de trabalho). Vale salientar que, na maioria, as pessoas que trabalham com e/ou usam a moto, são jovens. Nas observações realizadas, as pessoas mais velhas, trabalhando e/ou usando a moto como transporte, tinham menos de 40 anos.

Essa sensação de a rua ser uma extensão da casa e, portanto, espaço central para brincadeiras e lazer, não difere muito de quem morava em outros pontos da cidade. A rua, antes espaço privilegiado do brincar, passa a ser considerada inadequada. Os espaços passaram a ser cada vez mais restritos e fechados: *playgrounds* para quem mora em condomínios verticais, ruas fechadas, dentro de casa, quintal e clubes para quem tinha acesso.

Com o crescimento da população e a urbanização, o comportamento da cidade como um todo, e também do próprio bairro, começou a mudar. Uma das moradoras mais antigas conta que, quando era ‘mocinha’, já tinha uma preocupação com os jovens que ficavam nas ruas, pois, segundo ela, não havia trabalho. Então, ela se preocupava que eles ‘dessem para vadiagem’: “*Aí ficava esses meninos no meio da rua sem camisa fazendo o que? [...] Aí que surgiu o llê e melhorou um pouco*” (Lourdes, 97 anos, Diário de campo, 2011).

Em outro momento da história do bairro, determinadas ruas, as que tinham acesso para outras ruas fora do Curuzu consideradas “perigosas”⁶³, passaram a concentrar ‘quadrilhas’ que ‘aterrorizavam’ a região. Um dos moradores nos conta um pouco dessa época: “*Não sei se vc já ouviu falar na ‘Bebê a bordo’... era uma quadrilha que aterrorizava muito... muito... [...] mas, naquela época, ainda assim eram marginais que tinha muito respeito pela comunidade*” (Arlindo Cruz, 42 anos).

Há uma comparação de como alguns moradores se sentiam na época em que essas quadrilhas circulavam na região com o que sente hoje em dia com os rapazes que ficam no bairro ‘triloucos’: “*E eu naquela época podia chegar e dizer que pode ir no Curuzu que vai estar protegido, hoje nem nós moradores está protegido... porque quando eles estão trilouco nem respeitam mais nem a própria família, praticam o delito dentro de casa, imagine na rua...*” (Bernardo, 42 anos). Esse rapaz ainda conta que, antigamente, dava para conversar e aconselhar quem seguia esse caminho da marginalidade, só que, hoje, prefere evitar até ‘papo’.

Com o passar do tempo, a violência passa a ser percebida de forma mais exacerbada. Fatos que beiram o “terror” começam a acontecer: pessoas atirando em plena luz do dia em direção às casas ou locais com transeuntes e familiares jogando

⁶³ Algumas ruas dessas foram conhecidas como *Rua do Gato* e a *Rua do Papagaio*. Essas ruas tinham comunicação com outras conhecidas como “perigosas”, por concentrar muitos meninos que cometiam ‘delinquência’.

seu dominó, cartas e/ou gamão. Uma senhora relata que “[em 2009], saiu uma coisa triste que antes não se via falar aqui no Curuzu. [...] O pessoal tava ali [no meio da ladeira do Curuzu], passaram umas pessoas atirando. Dizem que eles queriam pegar um cara e o cara só tomou um tirozinho de leve, mas o dono do bar faleceu e meu irmão tomou esse tiro na... virilha [...] e ficou com uma seqüela ainda maior, né?” (Nina Simone, 62 anos)

Situações de ameaça grave à vida das pessoas no bairro se tornaram maiores na medida em que fatos de tiroteio passaram a ocorrer à luz do dia, com maior frequência e aparentemente à toa: “o pessoal tava ali na frente [na varanda da casa jogando baralho de tarde] e passou dois caras numa moto atirando, graças a Deus não pegou em ninguém, só pegou no carro de meu marido, nas janelas aqui de baixo, entendeu? Não se sabe quem eles queriam atingir nem nada, no outro caso, sabe-se mais ou menos quem foi, esse aí não sabe” (Nina Simone, 62 anos).

Os fatos de violência nesse ano de 2009⁶⁴, segundo relatos, foi o maior dos últimos anos: “Aqui a situação difícil mesmo [pico de violência], se não me engano foi o ano passado [2009], inclusive depois que teve esse problema desse tiroteio, esses caras atirando, menina, diariamente; ‘ah, mataram um ali no [...], ‘mataram em não sei que lugar’, mas sempre ligado à droga: ‘ah, fulano morreu, mataram fulano’, entendeu. Eu mesmo já perdi muitos [meninos que já foram] alunos por causa de drogas, demais!” (Nina Simone, 62 anos).

Um morador⁶⁵ comenta que o bairro às vezes passa por momentos de violência e, depois, volta a acalmar de novo. Nesses momentos, ele sente a necessidade de mobilizar a comunidade para fazer algo. Então, ele procurou

⁶⁴ É importante lembrar que, na Cidade do Salvador, como um todo, um grande “pico de violência” ocorreu no ano de 2008. Foi nesse ano que a Polícia de Segurança Pública declarou guerra ao tráfico e fez uma ação de prender ao mesmo tempo todos os ‘donos’ das ‘bocas’ (Operação Big Bang). Guerras entre ‘bocas’ e dentro das próprias ‘bocas’ se acirraram, seja para tomar os espaços do outro, seja para disputar quem assumiria o comando. A repercussão disso foram mortes de policiais, assaltos intensificados e terror no interior de muitos bairros populares entre 2008 e 2009. Todavia, segundo os relatos, o Curuzu só foi sentir o impacto disso em 2009 e ter apenas poucos momentos de “terror” em 2011. Para maiores informações, ver notícias da Secretaria de Comunicação Social do Estado da Bahia. Disponível em: < www.comunicacao.ba.gov.br/noticias/2008/06/05/trasferencia-do-trafficante-perna-e-temporaria>; *Jornal A Tarde*. Disponível em: < atarde.uol.com.br/cidades/noticia.jsf?id=894591 >; *Jornal Tribuna da Bahia*. Disponível em: < www.tribunadabahia.com.br/news.php?idAtual=22248 >; e *Jornal Correio da Bahia*. Disponível em: < www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-4/artigo/e-uma-guerra-dificil-diz-secretario-de-seguranca-publica/ >.

⁶⁵ Esse morador trabalha no próprio bairro do Curuzu oferecendo serviços e faz parte da associação de moradores.

organizar uma ‘caminhada da paz’. Ele contou que já promoveu duas outras caminhadas em anos anteriores e, inclusive, me entregou uma gravação de DVD de uma delas. Todavia a Caminhada da Paz de 2011, apesar de escrita em formato de projeto e tendo apoio de um vereador, não ocorreu.

Merece destaque também que há, atualmente, determinados espaços no Curuzu que são considerados perigosos. Essas localidades recebem esse título, justamente por concentrar o tráfico na área ⁶⁶. A criminalidade de outrora, que era organizada por quadrilhas de roubos, passa então a ceder espaço para as novas organizações criminais que se instituem em torno da distribuição da droga ilícita. As pessoas que ‘chefiam’ as conhecidas ‘bocas’, que os jornais tanto alardeiam, são conhecidas como pessoas “perigosíssimas” ⁶⁷ para uns moradores ou “gerentes” ⁶⁸ de negócio ilícito para outros.

A violência, muitas vezes, passa a ser cada vez mais associada à droga: *“culpa-se muito as drogas, eu acredito que seja realmente ela seja responsável por muita violência que tá acontecendo, mas então a violência tá em todo lugar. Então,*

⁶⁶ Os atuais espaços considerados ‘perigosíssimos’ no Curuzu é a *Rua do “Cachorro”* (a qual só foi possível acessar no final da convivência) e ainda permanece a *Rua do “Papagaio”*. A conhecida *Rua do “Gato”*, a mais ‘perigosa’ de outrora, ainda tem uma ‘fama’ que ainda motiva as pessoas a recomendarem cuidado ao transitar nela. Todavia, é a Rua do Cachorro que atualmente gera transtorno e receio entre os moradores. É importante também ressaltar que tanto o *Papagaio* como a *Cachorro* são áreas que parecem ser consideradas à margem do bairro, no sentido de borda, de serem áreas consideradas praticamente fora do bairro. É muito comum os moradores se referirem a essas regiões como localidades externas do bairro: *“Ah.....isso [fato violento] aconteceu não foi aqui não, foi lá na Cachorro”, “Aqui em cima a ‘Embasa’ tirou [a grade que fechava o beco com a Rua Direta do Curuzu], mas lá embaixo [comunicação do beco com a Cachorro] permanece a grade fechada... dificilmente a gente abre”, “Você sempre saia aqui por cima, viu? Se precisar ir lá embaixo avisa para gente te levar... [...] por aí não deve andar só não, ainda mais você... esse povo não te conhece... pode querer fazer alguma coisa”* (trechos de falas de moradores registradas em Diário de campo, 2011).

⁶⁷ Uma senhora comentava sobre um rapaz lá do Papagaio que é filho de uma amiga dela de quando era jovem: *“esse daí já foi preso, saiu e taí agora vendendo esse negocio de droga.... ele é perigooso... perigosíssimo!”*, *“Coitada de Dona Maricotinha [mãe do rapaz ‘perigosíssimo’]”*. (falas registradas em Diários de campo, 2011).

⁶⁸ Um morador contou que, em uma conversa que teve com um dos rapazes que chefiavam o tráfico, ele fez uma comparação da organização deles (traficantes) como sendo uma organização empresarial. Então que o ‘gerente’ fosse mais cuidadoso com quem ele trabalhava, que assim como as empresas que selecionam seus funcionários e exigem carteira de trabalho e referência, que eles fizessem o mesmo. Ou seja, se eles percebessem que um dos seus ‘trabalhadores’ vendeu e não pagou, foi ameaçado de morte até que alguém da família pagasse a dívida, então que, quando ele retornasse pedindo para vender de novo, que ele não admitisse, já que viu que não deu certo, que ‘não tava com nada’ dar pra esse rapaz vender de novo. *“Para que? Para ficar devendo de novo?”*; aí ele, como ‘gerente’, teria de fazer valer a prática da organização e matar o menino. *“De que ia adiantar?”* Ele ficaria sem dinheiro sem a droga e sem ‘trabalhador’ (Diário de campo da conversa que o morador teve com o ‘chefe’ do tráfico na tentativa de evitar as mortes dos meninos do entorno).

não vou dizer que o Curuzu também não tenha, [...] mas antes isso aqui não tinha, mas agora não vou dizer que não tem não, que tem, entendeu? Mas eu acho que, contudo, ainda é menos que em determinados bairros, a prova disso foi agora São João, que fizemos uma brincadeira [isto é, uma festa que durou a tarde e a noite inteira e que vieram grupos de fora, quadrilhas....]” (Nina Simone, 62 anos).

Vale salientar que houve uma maciça propaganda por parte da Segurança Pública do Estado em associar a droga, em especial o crack, aos homicídios: “Crack é responsável por 80% dos homicídios na Bahia”. “A Bahia na Luta pela Paz” era o *slogan* publicitário da campanha realizada, que teve adesão dos veículos de comunicação da Capital e do interior⁶⁹. Posteriormente, em 2011, o *Programa Pacto Pela Vida*⁷⁰ da Segurança Pública do Estado da Bahia lança novo tema: “Escolha Viver Sem Drogas”. A sua divulgação também teve adesão em todo o território do Estado⁷¹.

Todavia, independentemente da influência da propaganda ou política de segurança pública, nota-se que a violência, tal como entendida pelos moradores, parece ser focada em homicídio ou situações em que há risco de morte. Demais tipos de violência como a doméstica ou no trânsito não são considerados pelos relatos. A violência parece ser vista como algo que tira a sensação de segurança e de paz. As pessoas passam a ficar intranquilas na cidade como um todo. Elas ficam preocupadas com o horário de chegar e sair de casa, o que falar com os outros, em não reclamar, com a finalidade de evitar confusão, em não lutar capoeira em roda que não conhece, em não brigar hoje para depois ser procurado e morto, entre

⁶⁹ Informação veiculada entre notícias de jornais e divulgada também pelo 12º Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção ao Crime e Justiça Criminal realizado em Salvador/BA no ano de 2010. Para maiores informações, ver: < www.crimecongresso2010.com.br/portal/site/80-dos-homicidios-na-bahia-estao-ligados-ao-trafico-de-crack >.

⁷⁰ É um programa liderado pelo governador com o objetivo principal de reduzir os índices de violência, com ênfase na diminuição dos crimes contra a vida e contra o patrimônio. Lançado em junho de 2011, propõe ser uma nova política pública de Segurança. Construído de forma integrada e pactuada com a sociedade, o programa manterá articulação permanente com o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Assembleia Legislativa, os municípios e a União. Para maiores informações, acessar o *site* do *Programa Pacto Pela Vida da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia*. Disponível em: < em www.pactopelavida.ba.gov.br >.

⁷¹ O Governo da Bahia pretende alertar os cidadãos, especialmente os jovens, de que fazer as escolhas certas é fundamental para ter uma vida de sucesso. A campanha faz parte do Pacto Pela Vida do Governo da Bahia e acompanha o Plano de Enfrentamento ao Crack que foi lançado recentemente pelo Governo Federal, incluindo um selo em todas as peças: Crack, é possível vencer. Para maiores informações, acessar o *site* do Programa Pacto Pela Vida em: < <http://www.pactopelavida.ba.gov.br/viversem drogas> >.

outros comportamentos desse cunho. Afinal, eles entendem que “hoje se mata por tudo/nada”.

Apesar dessa percepção centrada em homicídios pelos moradores acerca da violência no bairro, houve outras formas de violência que puderam ser observadas durante as andanças no bairro. Algumas dessas violências detectadas pelo convívio foram também sinalizadas por alguns moradores (acidentes e violência no trânsito), outras nem mesmo são identificadas como violência (violência doméstica ou intrafamiliar). Portanto se faz necessário também destacar quais foram as formas e os tipos de violência observados no território.

4.3 TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSERVADOS

Existem diversas formas de classificar os acidentes e violências. Segundo a OMS (2002), é importante que seja feita uma mensuração da extensão do problema de modo que se possam programar ações de cuidado e prevenção. Entre os tipos observados, é possível identificar no Curuzu a existência de: *violência intrafamiliar e/ou doméstica* (especialmente contra a mulher); *violência criminal* (gangues de roubo e tráfico de drogas); *violência interpessoal* (homicídios); *acidentes e violência no trânsito* (acidente e agressões devido ao trânsito) e *violência estrutural* (ser um gueto).

Algumas formas e tipos de violência foram predominantes nas observações: criminal e interpessoal. As gangues no bairro, uma forma de **violência criminal**, se apresentaram de distintas formas ao longo do tempo. Já houve gangues de roubo e vandalismo representada pela *Bebê a bordo*. Ainda hoje, há os assaltos em situações oportunas, isto é, na saída dos ensaios (festas) de verão dos blocos afros: “*Eles não perdoam nem quem é morador*” (Clara, 62 anos)⁷². Destaca-se existência do tráfico de drogas concentrado nas ‘bocas’ em determinadas ruas do bairro.

⁷² Embora a frequência com que ocorrem seja rotineira (em toda saída da festa), não há tantos relatos sobre esses assaltos. O mais marcante dessa modalidade foi a experiência sofrida pela própria pesquisadora em uma de suas primeiras inserções no campo através de participação de tais

Os moradores contam que, quando os ensaios de verão do bloco afro ocorriam na rua, a violência era maior: “*Era muita briga, muita confusão, muita gente morria*” (Talita, Diário de campo, 2011). Outra situação de vandalismo e tentativas de assalto é referida aos dias de festas: “*Quando tem festa aí, enche de gente que não é daqui. É gente que vem para vender, é gente que fica aí na porta, é de um tudo. [...] Quando tem festa aí, fica todo mundo [dos becos e ruelas do entorno] sem dormir [preocupados de entrar nas casas]. Os becos ficam aí cheios de gente... é para mijar, para fumar, para tudo. [...] Antigamente, faziam um sucesso aqui [na casa em que atualmente mora], aí eu cheguei e não deixei mais. [...]*” (Martin Luther King, Diário de campo, 2011). Percebe-se, portanto, que, mesmo com o enclausuramento (em espaço fechado, dentro da sede dos blocos) das festas de verão, ainda ocorrem eventos de vandalismo e assaltos.

Os **homicídios**, uma expressão letal de violência interpessoal, é o formato mais relatado pelos moradores. Foi frequente ouvir, tanto no cotidiano quando nas entrevistas, relatos sobre jovens do bairro que morreram. Todavia, um diretor de uma das Escolas Estaduais no bairro relatou que não vê as mortes como um problema, e ainda afirma que o Curuzu tem muito pouca evidência empírica de mortes de jovens, especialmente quando comparado com a vivência de dirigir escolas em outros bairros. Para ele, aspectos da sexualidade entre os jovens é que é um problema.

Vale salientar que os dados de Araújo (2007) e Viana (2009) sinalizaram a região com baixos índices de mortes por homicídio, isto é, há mortes só que, comparativamente com outras localidades, o índice mostra-se inferior. Apesar disso, comparando-se os relatos de morte envolvendo jovens no bairro com demais formas de violência observadas e registradas em diários, os homicídios predominavam.

É interessante também notar que essas mortes não chocavam quem contava. A maioria delas se justificava pelo fato de os jovens estarem ‘envolvidos’ com o tráfico ou em alguma outra situação de delinquência ⁷³. O susto só se revelava

festas. Outro relato foi de uma senhora que assistiu a um assalto na frente da casa dela: “A moça gritava, mas que eu mais meu marido podia fazer?” (Clara Nunes, 62 anos).

⁷³ O trecho de uma entrevista com morador revela com clareza esse sentimento de naturalização e segurança diante da explicação da morte ser de uma pessoa ‘envolvida’: “[...] na medida em que vem explicação do que aconteceu, isso me garante certa imunidade... aquele morreu porque estava envolvido com o tráfico, ou seja, ou foi o próprio tráfico, ou foi grupo de extermínio ou foi à própria

quando quem morria ou mesmo quem era afetado com a tentativa de morte não tinha qualquer envolvimento com situação de criminalidade. Ou então, quando o fato ocorria em plena luz do dia e em ruas bastante movimentadas, como a Rua Direta.

A **violência doméstica e/ou intrafamiliar**, especialmente as agressões contra a mulher, chamaram atenção, mesmo não sendo consideradas na maioria das situações vivenciadas pelas moradoras como violência⁷⁴. Apesar de ter havido relato de abuso sexual de pai com filha pelos profissionais de saúde⁷⁵, as agressões contra a mulher é que foram evidenciadas durante o trabalho de campo.

Houve dois casos de espancamento, revelados de forma escancarada: a primeira me mostrou os hematomas e contou o ocorrido⁷⁶; a segunda estava no meio da rua com marcas estampadas no rosto, pernas e braços⁷⁷. Ressalte-se que apenas uma delas acionou a polícia e esta se omitiu. Os demais casos de agressões foram relatados em conversas cotidianas⁷⁸.

polícia. Então eu nunca vou sofrer aquele tipo de ato, então não há por que me sentir inseguro, não há porque fechar a loja mais cedo [...]. Depois que acontece o fato, depois que as pessoas socializam o que aconteceu, na verdade não cria, pelo menos entre os meus vizinhos, em sua maioria comerciantes, isso não reforça o medo, pelo contrário, reforça a segurança porque sabem que aquilo não vai acontecer com ele porque eles não se envolvem” (Jimi Hendrix, 32 anos).

⁷⁴ Em nenhum momento, a violência contra a mulher, nem mesmo agressões físicas, foram motivo de estranhamento ou mesmo de ser considerada uma “violência”. As idosas, quando contavam os casos, o faziam no formato de quem conta relações amorosas que tiveram. As situações de agressão vivida eram apenas um fato que justificava o fim da relação para umas; para outras, o silêncio imperava até ser rompido por uma colega que denunciava o espancamento.

⁷⁵ Em conversas com profissionais de saúde no bairro, uma trouxe relatos de violência que observou: “[...] disse que lá no Curuzu já viu dois caso de pais abusando [sexualmente] a filha e mantendo em cárcere privado. [...] [Conta que] só ficou sabendo do caso porque atendeu a menina. O primeiro era uma menina bem tristonha e reclusa que, além de sofrer abusos e ficar restrita, também sofria agressões. [...] [O pai] ameaçou a [profissional de saúde] caso denunciasse e ela ficou sem saber como fazer. O segundo caso ela ficou sabendo porque os vizinhos denunciaram, pois a menina sofria muito violência e eles não aguentaram aquilo.” (Profissional de saúde, Diário de campo, 2011).

⁷⁶ Era uma moça entre 18 e 22 anos que foi apresentada por intermédio de uma comerciante. Ela contou dos problemas que enfrentava, inclusive a agressão sofrida e seu desejo de abortar a gravidez: “*conta que estava com muitos problemas: sem emprego, sem dinheiro, mas que ‘Graças a Deus o aluguel do mês tava pago’, que tava grávida e [...] vendo que o ‘melhor mesmo era tirar’ (abortar) mesmo sabendo que iria se arrepender depois, [...] falou que as marcas que tinha no rosto e braço eram de ‘porradas’ que recebeu do ex-namorado (com quem morava) e que foi por isso ela se separou dele. [a comerciante que nos apresentou informou, posteriormente, que na semana seguinte ela havia voltado a morar com o namorado e decidido ter o filho, além de ouvir outras situações de agressão que ela sofreu e tentou se separar]. [...] A comerciante fala que ‘Maria Madalena vale nada!’, por isso que ela não se mete demais, que acolhe, aconselha, mas que ‘lavava as mãos’.*” (Diário de campo, 2011).

⁷⁷ O caso será relatado adiante.

⁷⁸ Além dos casos exemplificados, houve outras situações de agressões que foram relatadas como: a) exigência para que a mulher, que é a terceira namorada (relações simultâneas), “ficasse em casa e não saísse para o aniversário com a filha. Como desconsiderou, o namorado segurou ela e puxou pelo braço machucando-a. Ela só recuou, pois o filho, ‘já homem’, estava presente e quase brigou

Os jornais também trazem notícias sobre casos de violência física entre homem e mulher (violência intrafamiliar). Houve uma reportagem segundo a qual a mulher revidou e foi o homem quem foi parar no hospital com facadas após a briga. A mulher, nesse caso, foi indiciada por tentativa de homicídio. Uma das moradoras espancadas faz alusão a uma situação similar:

[...] quando paramos para esperar [no fim de linha do Curuzu] o ônibus sair [às 20h30], vi que do outro lado havia uma moça jovem com idade em torno dos 25 a 30 anos, com rosto deformado por pancadas (a bochecha inchada derramada para baixo e olhos roxos e inchados) e mancando. Ela ficou do outro lado do largo, bem inquieta, até que chegou uma viatura da polícia, ela conversou com eles, depois foram embora. [...] A moça então atravessou em direção para onde estávamos. Enquanto eu queria fazer cara de paisagem de modo a demonstrar que não estava vendo o que ocorria, justamente por sentir medo de ser testemunha da situação, a senhora que me acompanhava estava ávida em saber do ocorrido e perguntou logo para moça o que aconteceu assim que ela se aproximou da gente. Então a moça veio contando que foi o marido dela que fez os machucados e foi logo exibindo todos eles: hematomas e machucados no rosto, no braço, na perna e pé (o mesmo pé e perna que mancava). Ela ainda disse que havia trancado o marido em casa e que saiu para chamar a polícia, aí quando esta chega (só tinha homens armados dentro da viatura), não quis ir com ela na casa para prender o marido (dar o flagrante). Aí então ela virou diretamente para mim e perguntou: 'E aí faço o quê? Daqui a pouco eu pego a faca enfio nele e vão dizer que eu sou culpada que nem fizeram com a outra'. Um tanto preocupada com a repercussão da resposta [...], sugeri que ela procurasse ser atendida por policiais femininas e que, não muito longe dali, havia a delegacia da mulher (no IML). Ela então respondeu que não iria para lá não, mas se convenceu de tentar contato com a polícia feminina dizendo que iria 'tentar ligar mais uma vez [pedindo que enviassem uma nova viatura]'. (Diário de campo, 2011).

Nota-se que a mulher, por mais independente que seja, está sendo colocada, na relação amorosa, como objeto de posse e domínio do homem. Afinal, mesmo independente financeiramente, exemplos de dominação são cotidianos. Há o relato de uma senhora que foi impedida fisicamente (teve seu braço machucado ao ser puxado) quando tentou sair para um evento contra a vontade de seu namorado (que tem mais outras três relações amorosas simultaneamente).

com o namorado. 'Tive medo que meu filho matasse ele', contou. E foi por isso que resolveu terminar a relação" (Clara Nunes, 62 anos, Diário de campo, 2011), e; b) agressão do filho contra a mãe, porque reprimiu o comportamento dela após beber (Diário de campo, 2011).

A sensação é de que homem continua tendo o papel de provedor⁷⁹ e sente-se no direito de ‘mandar’ na mulher. Entretanto, em um dos casos relatados, cujas agressões são recorrentes, a culpa recai na bebida. As relações íntimas e matrimoniais são complexas e têm muita influência da construção social de gênero e família. A identificação dos fatores determinantes para esse tipo de violência merece uma análise minuciosa em estudos posteriores e com maior profundidade.

Apesar de incomum, surgiram relatos recentes de **confrontos e ameaças entre as gangues de tráfico**, o que aterrorizou alguns moradores. Trata-se de forma de expressão física e coletiva de violência. O primeiro fato desse porte (enfrentamento de grupos criminosos) que se revelou no Curuzu, durante o trabalho de campo, foi no final de 2011. As moradoras mais idosas descreveram que subiu um grupo de ‘meninos’ com armas na mão e enfrentou outro grupo de jovens próximo à entrada da Rua do Papagaio. Ou seja, o ‘tiroteio’ ocorreu em plena luz do dia, em torno das 17h bem ali no largo do Curuzu (região central).

“Ficamos presas no posto, não tinha como sair”, contou uma idosa que chegou ao bairro no momento em que se iniciou o enfrentamento e correu para se refugiar no posto de saúde. Outras contaram que correram para dentro do ônibus que fica parado no fim de linha e que ficaram “agachadas” esperando a “confusão” passar. Essa situação inclusive foi notícia por alguns dias no *Jornal Massa!*, que cobriu as mortes registradas bem como a ordem de uma das gangues: “Os criminosos do Barro Branco ordenaram os moradores a não saírem de casa, depois das 8h da noite” (*Massa!*, 27 out. 2011). Apesar de existirem homicídios no bairro, o enfrentamento de grupos só foi relatado esta única vez.

Outra violência que foi trazida como um problema por parte de moradores foram os **acidentes no trânsito** e, principalmente, agressões por conta do trânsito. As informações sobre os acidentes surgiam durante conversas cotidianas: acidentes que ocorreram e resultaram em vítimas (pessoas atropeladas por motos e/ou carros) e brigas devido ao trânsito (ameaças de morte e inclusive agressões físicas como resultado de discussão no trânsito).

⁷⁹ Provedor ainda, pois, mesmo que a mulher seja independente financeiramente, é o homem quem paga as contas: “Onde já se viu mulher pagar onde tem homem na mesa?!” (Clara Nunes, 62 anos, Diário de campo, 2011).

É importante primeiramente ressaltar que as ruas e ruelas do bairro são estreitas, com passeios curtos (quando existem⁸⁰), carros e motos estacionados nas laterais (diminuem o espaço do trânsito no asfalto) e com intenso ir e vir de pessoas e veículos. É um dividir espaço entre pessoas, motos e carros. Algumas motos passam em velocidade rápida no meio desse emaranhado. Carros enfrentam a dificuldade de seguir em frente, driblando veículos estacionados, quebra-molas, transeuntes (circulando no asfalto) e cadeiras de bares espalhadas ao longo da pista (se for final de tarde e à noite). Ônibus só entra quando é chamado para eventos (velório, passeios, etc.). O micro-ônibus é o transporte público que segue até o fim de linha.

Em meio a essa realidade, não é de se estranhar que uma moto ‘esbarre’ em você, ou mesmo que sua sacola se ‘enganche’ em algum retrovisor, dando um solavanco e derrubando o que carrega. Ou, então, que algum veículo trave e congestionue o trânsito por algum tempo, gerando angústia, estresse e insatisfação por parte de demais motoristas. Em suma, pequenos atropelos e agressões verbais ocorrem com frequência.

Todavia, um dos principais informantes chamou a atenção para esse tipo de violência e trouxe algumas situações que vivenciou:

Eles contaram depois, que esse rapaz [amigo em comum deles] tinha sido atropelado lá na Rua Direta. Ele ficou hospitalizado, mas agora já havia retornado para casa. Entretanto, ele ficou com uma seqüela na perna e então não voltará a andar direito. Quando lamentei por isso, eles disseram que este rapaz já tinha um problema, uma doença, que só se agravou com o atropelo. Depois, Arlindo Cruz saiu do almoço comentando o perigo que era o trânsito da Rua Direta. Ele via a iminência de atropelo a todo momento. (Diário de campo, 2011).

Depois ele veio comentando de uma briga feia [no trânsito] que viu na rua direta. Ele contou que um rapaz parou o carro no meio da rua (não ficou muito claro o porquê que o carro parou) e aí outro rapaz na moto não tinha como passar. Então eles ficaram se xingando. Quando pareceu que se resolveu, o rapaz da moto falou alguma coisa que o rapaz do carro deu ré e voltou. Aí o rapaz da moto se

⁸⁰ A Rua Direta possui passeios públicos bem estreitos, que dividem espaço com ambulantes e moradores sentados nas portas de casa conversando e/ou jogando (dominó, cartas e gamão). Nas ruelas e transversais do Curuzu, não existem passeio, mesmo as que possuem asfalto e permitem o tráfego de carros e motos.

picou. Arlindo Cruz contou que esse rapaz do carro que deu ré tava armado e que o rapaz da moto deve ter visto, por isso que saiu picado. (Diário de campo, 2011).

[...] no caminho, ele veio contando que uma prima dele foi atropelada na Rua Direta. [...] Disse que a prima dele estava na rua direta, na entrada mesmo, dali, da Liberdade, quando veio uma moto e atropelou ela. Aí levaram pro hospital, mas que ela já tinha voltado para casa, que ela teve que imobilizar a perna, mas que tava tudo bem. [...] ele disse que o irmão dela havia parado o carro e aí quando ela tava saindo do carro [...] aí veio uma moto do nada e atingiu ela. Ele disse que o rapaz da moto era um inconsequente, mas que tava tudo bem agora. (Diário de campo, 2011).

A partir da leitura desses trechos, é possível identificar que os acidentes mais frequentes envolvem atropelos a transeuntes especialmente por motociclistas. No que se refere à agressão ocorrida no trânsito, as informações sobre o acontecimento são pouco claras quanto ao seu determinante. Todavia, o fato evidencia que houve agressões verbais e a iminência de haver maiores consequências.

Todas as violências descritas informam um breve panorama do cenário atual do Curuzu. Assim, é possível identificar caminhos para aprofundar seus determinantes. Entretanto, falta ainda informação quanto aos aspectos de enfrentamento ante essas situações de vulnerabilidade. Como será que os moradores se previnem e protegem das violências?

4.4 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Os sujeitos (coletivos e indivíduos) buscam, independente das políticas públicas, formas de lidar com as vulnerabilidades a que estão expostos. Algumas estratégias de enfrentamento, prevenção e proteção à violência, lançadas por grupos e indivíduos, podem ser identificadas. Há, entre elas, diversas atitudes: *mudanças comportamentais individuais* (horário de sair e chegar, tolerância com o outro, “andar ligado”, etc.); *aumento de segurança nas construções* (grades em portas, janelas e até nas entradas dos becos); *oferta de esporte* (como capoeira) e de *projetos educativo-culturais* (como aulas de canto, percussão, informática, expressão corporal, etc.).

A primeira atitude citada para lidar com a violência foram as *mudanças comportamentais*: evitar espaços e horários de circulação na cidade, jogo de cintura, aumentar a tolerância para evitar brigas, “andar ligado”, entre outras. São ações individuais que buscam evitar exposição a situações possíveis de vulnerabilidade, em especial a violência. A seguir, algumas falas descrevem como os moradores usam tais atitudes:

Não tem assim; uma estratégia não, sabe? A gente evita determinadas coisas, a gente evita tá tarde da noite na rua, coisa que antes não evitava. Quando eu trabalhava no Carneiro Ribeiro eu sai vinte pras onze, [...] pegava o ônibus, soltava na Liberdade e vinha andando até em casa. Não tinha medo, não tinha preocupação nenhuma. Hoje em dia eu já não faço mais isso, nem eu nem ninguém. Só quando não tem jeito, as pessoas evitam entrar na rua, evitam tá discutindo, que sabe que uma discussão qualquer pode terminar numa morte... [...] saber ter jogo de cintura, tem que saber viver, que se você se zangar com tudo, se zangar com todo mundo, você pode tomar um tiro. Então você tem que fingir que num... [não liga], evitar tá discutindo, evitar tá tendo problema, pronto. (Nina Simone, 62 anos).

[...] tem que andar ligado [...] ligado em tudo! [...] quando você pensa que to olhando para você aqui já rastreei tudo ao redor” (Valdemar, 32 anos).

Falar malandro com malandro e serio com policia (Arlindo Cruz, 42 anos).

Outro comportamento que alguns moradores adotam, é usar meios que *umentem a segurança nas casas*: são diversas formas de fortificar e se isolar. Apesar de existir a provisão estatal de policiamento, há um crescimento do setor privado de segurança que tem criado uma economia mista de proteção pública e privada (ZEDNER, 2003). A indústria de segurança é rápida em promover produtos que “neutralizem” o perigo: grades, cercas, alarmes, portões automatizados, etc. No Curuzu, o consumo de alguns desses serviços (os mais baratos e simples como grades) se tornou uma prática comum:

As casas [são] todas gradeadas, porque hoje em dia você vive atrás das grades, enquanto os bandidos vive fora dela [...]. Quando der um tiro, atira na grade.(Nina Simone, 62 anos).

Hoje desci a rua direta observando as casas e os becos, reparando se tinham grades e o quão fortificados eram. Vi que realmente todas

tinham grades, até nos andares superiores. As varandas eram todas gradeadas e em quase todos os becos havia portões e grades com fechaduras e/ou cadeados, os quais permaneciam fechados. Aí confirmei o que Nina Simone havia falado outro dia... ‘as casas são todas gradeadas’. As casas que não eram completamente ‘engaioladas’ mantinha suas portas e janelas sempre fechadas. Eu também lembrei do que Aretha Franklin havia comentado sobre os portões... de que é necessário para manter a segurança nas ruas, isto é, nos becos. Na rua dela, ela disse que mantinha o portão que comunica com a rua da Cachorro sempre fechado. E vi que os portões dos becos que davam na rua direta (pois ainda não fui na Cachorro) são mantidos fechados e há caixinhas de correio nas entradas o que indica que nem os correios entram. (Diário de campo, 2011).

“Tem entrada e saída [isto é, portões nas duas entradas do beco], pior que eu coloquei nos dois aí [...] denunciaram, a SUCOM veio e tirou aquele daqui [o que dá para rua Direta]. Estou querendo vê com [um vereador] [...] para vê se ele me dá uma autorização para eu botar. Eu só quero botar com autorização. Eu já estou já para conscientizar esse povo daqui, porque se eu botar o portão o correio não entra, que você sabe que são 26 casas [...]. [Pensa em botar por questão de segurança]. De segurança pela noite, né? Porque eu abro de dia [...]” (Aretha Franklin, 60 anos).

Nos espaços em que há uma ausência de atuação do Estado, parece fazer emergir outra força: o Terceiro Setor (associações de bairro, ONGs, Oscip, pastorais etc.). Este tem assumido um lugar importante, especialmente no caso de países pobres ou em desenvolvimento, na execução de políticas sociais, sobretudo tentando atuar de modo a diminuir as desigualdades sociais ou dar conta das mudanças nos processos de sociabilidade que resultam em engajamento cívico (FONTES, 1999).

No que se refere ao espaço ocioso do policiamento estatal, parece surgir, em algumas cidades no Brasil, a monopolização do crime pelas próprias organizações criminosas (BIONDI, 2010). Apesar de o Curuzu ser considerado uma periferia urbana, possivelmente um *gueto*, não foi identificada qualquer força de organizações criminosas no sentido de manter a ordem e domínio das mortes e violência. Aliadas a alguns serviços fundamentais ainda providos pelo Estado (escolas, serviços de saúde, algum policiamento, etc.), as organizações que assumem lugar importante de suporte e apoio social são as do Terceiro Setor.

São organizações dessa natureza que sugerem alguma atividade de intervenção no intuito de proteger as crianças e jovens. As organizações sociais envolvidas são de distintas naturezas: religiosa (terreiros de candomblé), organizações não governamentais (blocos afros e casas culturais) e associações. As atividades propostas são de cunho educativo-cultural, implementadas por voluntários ou por projetos financiados.

Uma das organizações não governamentais tem envidado esforços em organizar cursos de instrumentos musicais e outras atividades educativo-culturais. As organizadoras da Casa cultural⁸¹ acreditam que atividades desse cunho podem retirar ou mesmo impedir o acesso dos jovens às drogas. Uma apoiadora diz que “*as meninas ali na [casa cultural] tão tentando, lutando para vê se faz uma atividade com os jovens e não tão conseguindo, que também é difícil, eles não gostam muito... pega esses jovens para aprender um instrumento musical, para aprender uma atividade, um artesanato, para fazer um jogo de futebol, [...] um teatro... eu acho que quando se consegue botar um jovem nessa linha, eles saem das drogas*” (Nina Simone, 62 anos). Entretanto, os projetos não têm continuidade por muito tempo.

Outra instituição que promove ações em prol de melhoria da qualidade de vida e focada na prevenção e proteção da violência entre os jovens é um terreiro de candomblé. O líder religioso do espaço diz que ele assumiu o terreiro com a missão de mudar o comportamento dos jovens do entorno. Afinal, as pessoas já estavam com medo da situação que estava se firmando: uso do espaço do terreiro e do acesso a este para ponto e uso de droga. Segundo ele, entravam no terreiro para ‘fazer e acontecer’, enfim, faziam um ‘sucesso’ lá. Então, ele conta sobre a atividade que vem fazendo ao longo de vinte e cinco anos:

Aí eu vim assumir, depois que assumir eu mudei o comportamento do terreiro e da área, entendeu? Aí eu comecei a fazer um trabalho, convidei uma pessoa que hoje mora em Paris, e ele fazia capoeira e eu achei que capoeira é o instrumento mais barato para se fazer sem dinheiro. E deu certo que tá até hoje, que já fez vinte e cinco anos esse projeto aqui. [...] Até hoje eu tenho aqui. Porque é um esporte

⁸¹ A instituição trabalha principalmente a autoestima das mulheres, fazendo com que estas descubram algum talento para que possam produzir algo para o seu sustento, através do artesanato. É também um atrativo cultural do corredor do Curuzu, sendo dirigida por representantes da família Virgens, que chegou a esse local nos meados do século XX, sendo um dos grupos responsáveis pelas primeiras manifestações culturais da época. (Informações retiradas do próprio *blog* da instituição. Disponível em: < <http://casademariafelipa.blogspot.com/> >.

que as crianças gostam. E não precisa de dinheiro. A gente arranja quem dê uma calça, uma camisa de capoeira e um voluntário que queira dá aula. E é feito aqui assim o trabalho. Nós temos capoeira aqui quatro dias na semana. [...] Não importa a idade. [...] Olhamos que ele precisa de ser orientado de um novo papo diferente, que ele precisa conhecer gente diferente, extravasar a agressão dele. E capoeira faz isso, entendeu? A gente senta, a gente conversa. É uma família diferente que eles conseguem. Que às vezes o pai e mãe não tem condições de orientá-los, a gente orienta. [...] Às vezes eu sento com eles, faço, aí tá jogando capoeira, eu vejo qualquer coisa que eu não gosto, aí eu: 'um momento aí'. Aí eu entro, converso, falo e digo o quê que eu tô achando, o que eu não acho. É, dou bronca nos professores. Porque os professores pros alunos daqui, os que hoje tão dando aula aqui foram alunos daqui. Nós temos seis ou oito homens morando fora do País, porque aprendeu aqui dentro. Executando, aprendendo, fazendo lá o que ele aprendeu aqui. [...] Dando aula de capoeira lá fora no exterior. Tenho dois na Itália, dois em Portugal, acho que dois na Espanha, três em Paris. [...] eles todos entram em contato comigo quando eles vêm pro Brasil. Eles vêm aqui, e isso também incentiva as crianças porque eles acham que todos vão ter esse direito também de ir para lá e fazer o que eles tão fazendo lá [...] tem um mesmo que é muito bem pago lá em Paris. [...] Porque isso incentiva, viu? [...] A capoeira nossa aqui não é a capoeira agressiva. É capoeira-show. Não gosto de capoeira que pega e que bate. Não tem essa capoeira aqui. A capoeira aqui é de movimentos. Quanto mais movimento, a gente bate palma, ele fica contente, entendeu? Tem crianças fazendo malabarismos de todas as formas. E ele vai crescendo nisso aqui. Aqui tem... o menino que tá aqui hoje dando aula, ele tá com [...] vinte e cinco anos mais ou menos. [...] Ele chegou aqui com cinco anos de idade. Tá aí até hoje. A gente não se preocupa com idade dele, não. [...] Esse negócio: 'ah, porque é, o projeto é para criança'. Não, o projeto é para criança, adulto, velho, novo, quem vier. Se você quiser se inscrever na capoeira aqui pode vim. (Martin Luther King, 62 anos).

Há diversos outros grupos de capoeira no bairro, todavia o intuito dos demais grupos é de formação de capoeiristas. Muitos dos princípios que balizaram as ações do projeto do terreiro, também existem nos demais grupos do bairro. Entre eles, destaca-se outro grupo de capoeira, o qual tem inserção em duas organizações não governamentais no território. Por meio da observação, foi possível identificar o papel que este desempenha na vida dos jovens. O grupo dá orientação para a vida, fomenta a construção de sentimento de grupo, reafirma a identidade racial, fortalece os laços dos alunos e familiares, entre outros aspectos.

Todas essas formas de suporte do grupo vão sendo construídas ao longo do tempo. No dia a dia é que esses pontos vão-se mostrando. As orientações são

rotineiras e, sempre ao final de cada aula, estas são de acordo com alguma dificuldade apresentada pelo aluno durante a aula. Fomenta-se, também, a construção de vínculos entre os alunos. Há incentivo e mesmo “empurrão” para que os alunos se matriculem em outros cursos profissionalizantes no bairro. Além disso, o mestre convida e faz questão da presença dos familiares dos alunos nos eventos, bem como nas rodas de sexta-feira. Registros no diário de campo ilustram algumas dessas ações do grupo:

No final da aula, o mestre começa a dar orientações pros alunos de forma geral, tendo a capoeira como ponto central de ensinamento. Hoje ele comentou muito da importância de aprender a cair, a tomar a rasteira, que assim como na capoeira, a vida nos dá rasteira e que a gente deve estar pronto para poder levantar e seguir em frente. O mestre falou isso por conta da aula em que um aluno tomou a rasteira e ficou retado, tentando revidar. Ele também falou que não é para ficar afobado querendo revidar, que aí fica nervoso e acaba tomando outra rasteira. (Diário de campo, 2011).

O mestre comentou hoje no final da aula que capoeira é vida. Que tem que ter concentração e dedicação para avançar no treino. Se não treinar com disciplina e frequência, não aprende. Aí chega na roda querendo fazer e acontecer e toma uma rasteira. Disse que a gente tem que ‘tá ligado’. O mestre procurou saber também como estavam na escola, se tinham passado na unidade e pediu que as crianças levassem o boletim na próxima aula. Com os mais velhos, o mestre falou, após a aula, que é para andarem ligados. Falou também que a capoeira, para ele, não é para brigar. Ele disse que se souber que algum aluno dele brigou na rua ou participou em outra roda e deu porrada que então esse aluno vai deixar de fazer parte do grupo, que ele não quer saber disso. (Diário de campo, 2011).

Ele [o mestre] também comenta dos projetos que tem... das aulas na Avenida Peixe, na Pero Vaz... falou também da importância de dar aula para esses meninos, que eles precisam ter uma referência. Conta também que ‘a gente que é capoeira’ o pessoal vê o trabalho e respeita também. Aí quando vai chegando, o pessoal já fala ‘lá vem o professor’, ‘lá vem o mestre’, e ‘isso é bom’... ‘é reconhecimento do seu trabalho’. Conta que ‘a gente que é capoeira’ tem que fazer isso. (Diário de campo, 2011).

Por fim, há as atividades propostas pelo projeto educativo-cultural de uma organização não governamental do bairro. Essas atividades são voltadas para um público de jovens dentro da faixa etária de 9 a 15 anos. É uma proposta de ofertar conteúdos considerados importantes como: Cidadania, História Afro-Brasileira, Interpretação e Linguagens, Ritmos Musicais, Canto, Dança e Saúde do Corpo.

Essas atividades devem ocorrer no turno oposto àquele em que eles estudam regularmente. Um dos diretores da instituição comenta sobre o projeto:

[O projeto] surge com a ideia de fazer um contraturno escolar, né? Tê-lo como carro-chefe a percussão. [...] Aonde esses meninos tem é aula de dança [...], de canto e de percussão. [...] A gente percebeu que teve frutos, né? [...] E assim formou uma porção de jovens que hoje passaram, hoje são profissionais. [...] Uma série de meninos que hoje são profissionais de percussão. Hoje nessa posição, nossa contemporânea, a ideia é que esses meninos aprendam uma sequência de atividades, né? (Gonçalves Dias, 54 anos).

Vale ressaltar que, embora o foco não seja na prevenção da violência, as atividades realizadas podem repercutir na qualidade de vida. Em alguns casos, há certa influência em diversos aspectos na vida dos sujeitos beneficiados de modo que alguns jovens dão uma nova direção aos projetos de vida e perspectiva de trabalho.

5 REDES SOCIAIS NO CURUZU: CARACTERÍSTICAS, DINÂMICA E FUNÇÕES

A coletividade deixa uma leveza em tudo que é pesado.

(Arlindo Cruz, 2011)

Há um conjunto denso e complexo de organizações sociais que, em alguns momentos, se conforma como uma malha no Curuzu e que dão suporte social e de saúde aos moradores locais e de regiões próximas ao bairro. Estas podem ser descritas e analisadas a partir de alguns aspectos: pela história de sua conformação; pela caracterização das principais redes sociais (informais e formais); e pela análise das principais organizações sociais do terceiro setor. Desse modo, é possível analisar as redes sociais no bairro e discutir em que medida elas protegem contra as violências e/ou promovem a qualidade de vida.

5.1 HISTÓRIA DA CONFORMAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DO BAIRRO NA PERSPECTIVA DOS MORADORES

O processo histórico de ocupação e organização do bairro traz embutidas as formas como as redes sociais se constituíram no território, bem como informa como os agentes sociais (organizações e indivíduos) se relacionaram ao longo dos anos. Nesse processo, organizações foram introduzidas e/ou criadas (por intervenção estatal ou por iniciativa dos moradores) e as relações entre vizinhos foram alteradas (rede de solidariedade e cooperação informal). Esse conjunto de informações explica a conformação das redes sociais de suporte no bairro no decorrer do tempo, explicitando a dinâmica das relações sociais e a conformação atual.

Mesmo antes de chegarem as intervenções governamentais dentro do território (urbanização), já havia uma rede social de suporte informal entre os vizinhos. As relações entre os moradores eram de intensa cumplicidade, pareciam ser uma extensão da família: “[...] se o povo se considerasse como no interior, todo mundo era parente” (Billie Holiday, 62 anos).

Muitos moradores se apoiavam em diversos aspectos: nas brincadeiras (organizavam-se baile pastoril, quadrilhas de São João e outros eventos), na educação cotidiana ⁸² e formal (improvisavam creches ou mesmo organizavam pequenas escolas dentro de casa ⁸³), na saúde (apoiavam-se nas rezadeiras ⁸⁴ e parteiras ⁸⁵ que moravam na região, por exemplo), nos espaços religiosos (apesar de haver uma capela ⁸⁶ na rua do Gato, predominavam os terreiros de candomblé ⁸⁷), etc.

⁸² Cabe destacar que a família nuclear, isto é, pai, mãe, tios e primos desempenhavam um papel forte e marcante na vida e na formação (constituição de sujeitos e do *habitus*).

⁸³ Até hoje é possível observar uma profusão de escolas e creches particulares no bairro. Prática comum que, segundo relatos, ocorre desde anos atrás, quando ainda não existiam escolas infantis formais e gratuitas. Atualmente, foram identificadas duas escolas infantis gratuitas na região: Escola Municipal Abrigo dos Filhos do Povo (na entrada de São Cristóvão) e a Escola Mãe Hilda – Projeto do Ilê Aiyê (na ladeira do Curuzu). As moradoras, em sua maioria idosas, ainda contam que, quando crianças, havia muitas creches e escolas improvisadas dentro de casa: “[...] depois que eu me formei, tinha um senhor [aqui da rua] que [...] um dia eu passei, ele me chamou [e disse] que tinha um amigo dele que já tava com dois filho e que não tinha colégio que ficasse, se eu não queria ficar com esses meninos. Eu não tava trabalhando, peguei as duas crianças para poder alfabetizar, e aí foi aumentando, aumentando que eu cheguei a ter [...] mais de cem crianças dentro de casa... [...] . E com isso foi bom porque alfabetizei muitas crianças, graças a Deus. [...] Aí eu coloquei o nome da escola: Escolinha Tiradentes [escola primária particular improvisada dentro de casa] [...]” (Nina Simone, 62 anos). Além desse fato, outra senhora comentou que os pais dela, em especial o pai, eram muito preocupados com a educação deles e também das crianças vizinhas. Então, eles organizaram uma escolinha dentro de casa para dar algumas aulas para os meninos. Em outros momentos, outras pessoas contaram essa mesma história (Diário de campo, 2011).

⁸⁴ Até hoje, “Dete Rezadeira” presta seus serviços à população. Ela diz que ela “dá plantão 24h” até hoje. Apesar de existir terreiros e outras pessoas que façam esse trabalho, foi Dete quem obteve essa fama, passando a ser considerada por alguns como “patrimônio cultural” (Diário de campo, 2010 e 2011).

⁸⁵ As moradoras mais velhas, ao contarem suas histórias, nos informam a “agonia” que foi o momento do nascimento delas próprias. Duas disseram que, quando a mãe sentiu dores de parto, o pai saiu atrás da parteira do bairro. Uma delas ainda revela: “Era parteira [que chamavam, porque] naquele tempo médico pouco ia nas casas fazer parto de ninguém, né? E maternidade era bem pouquinho” (Aretha Franklin, 60 anos). Ela ainda comenta que o dia em que nasceu era muito chuvoso e estava uma dificuldade subir e descer a ladeira do Curuzu, mas que, mesmo assim, a parteira foi sendo carregada pelo pai.

⁸⁶ Essa capela foi construída por uma moradora que doou o terreno para a igreja após sua morte. Um dos moradores da rua onde se localiza a capela conta que havia aulas de banca no espaço: “Eu estudei em Dona Maricotinha, hoje uma Capela [...] que fica naquela rua que tava falando [da Gato]” (Arlindo Cruz, 42 anos).

⁸⁷ Há dois grandes e famosos terreiros no bairro (Ilê Axé Jitolu e Vodum Zo), além da existência de pequenos terreiros no bairro e no entorno. Estes espaços funcionam como suporte e apoio aos moradores de distintas formas para além da orientação espiritual e religiosa. Ambos se preocuparam com os jovens e deram auxílio ofertando educação. Enquanto um se preocupou com a educação formal, o segundo se preocupou em oferecer algo atrativo e educativo considerando os limites financeiros para apoiar o projeto e optou pela arte-capoeira. (Diários de campo, 2011; entrevistas com Angela Davis e Martin Luther King).

Atualmente, as relações de vizinhança passam a sofrer cada vez mais restrições, afetando, inclusive, a solidariedade e o respeito de outrora. Se, antes, o vizinho tinha a responsabilidade e o poder de “puxar a orelha das crianças”, hoje não pode nem comentar com os pais sobre as crianças porque não dão ouvidos. Entretanto, ainda é possível observar uma relação de solidariedade entre alguns⁸⁸, especialmente entre aqueles cujas famílias se conhecem desde a infância e/ou que mantêm os laços ativos por meio de participação de atividades comuns no bairro⁸⁹.

Vale ressaltar que a primeira escola formalizada e apoiada pelo município⁹⁰, foi uma iniciativa dos donos das terras que “queriam dar uma educação” para os “filhos do povo” trabalhador dali. Desse modo, a escola se formou dentro de um espaço privado cedido para a administração pública municipal como forma de atender à região (São Cristóvão, Guarani, Curuzu e adjacências⁹¹)

Quando maiores, as crianças passavam a frequentar escolas instituídas pelo governo⁹². Apesar de incomum, alguns meninos iam para a Escola Aprendiz e

⁸⁸ Tal fato pode ser evidenciado na observação da relação cotidiana entre duas vizinhas: uma moradora “nativa” (desde que nasceu) e a outra que se mudou para lá há mais de dez anos. A primeira sempre se mostra disponível e atenciosa para com a segunda, que vive em situação de dificuldade (financeira, de saúde, etc.). Uma relação que parece amizade existente desde a infância. É uma relação informal (cotidiana) e sólida, com vínculos bem estabelecidos.

⁸⁹ Essas atividades podem ser verificadas no uso de diversos espaços de socialização existentes no bairro: grupo de idosos (existem dois), participação em atividades mobilizadas pela associação dos moradores, grupos de capoeira, cursos regulares ou profissionalizantes, etc.

⁹⁰ A Escola Municipal Abrigo dos Filhos do Povo foi fundada em 1918. Tanto informações trazidas por moradores quanto por pessoas que contribuem voluntariamente na escola bem como existentes em documentos que tratam da história de fatos ocorridos na instituição, confirmam os pontos relatados. Uma voluntária e também moradora da rua do Cachorro me levou para conhecer as instalações da escola, contando a história desta e o que era cada vão antes de virar espaço educacional. Ela disse que até hoje o espaço dali pertence à família que o cedeu e que, por isso, havia uma porta que ligava o terreno da escola a uma casa e centro comercial ao lado. Segundo conta, é o Município que é responsável pela manutenção da escola (os donos apenas construíram a estrutura e cederam o terreno). Até hoje, a escola é referência para a educação infantil na localidade (Diários de campo, 2011; BARBOSA, 1990).

⁹¹ Todos os nomes citados referem-se à localidade (sub-bairros) que compõe a Liberdade. Segundo alguns moradores, porém, o Curuzu é um bairro.

⁹² Ao contar as histórias de vida, os moradores revelavam as escolas em que estudaram e o papel destas na sua trajetória. Uma idosa disse que: “[o pai falou:] ‘você foi ser professora, você agora só vai trabalhar se for de professora, não adianta que você não vai trabalhar de outra coisa’ Então, minha filha, ou trabalha de professora ou então...” (Nina Simone, 62 anos). A formatura nesses espaços era trazida como motivo de orgulho, bem como elogiavam a qualidade do ensino que tiveram. Muitos seguiram o ofício aprendido nas escolas, além de estas gerarem uma nova modalidade de educação para as mulheres: o magistério. Para todos os demais, em especial os rapazes, cada vez mais eram ofertados e aproveitados cursos técnicos voltados para a indústria tendo parceria com as empresas para garantir emprego (Diário de campo, 2011).

Artífices (“Escola do Mingau”⁹³) que nessa época era sediada no Largo dos Aflitos. Para as meninas, o aprendizado era doméstico, preparando-se para cuidar da família e do marido (cozinhar, lavar, coser, etc.)⁹⁴. Pouco tempo depois, outras escolas instituídas pelo governo passaram a fazer parte de outras opções de estudo como o Colégio Duque de Caxias, a Escola Parque⁹⁵, a Escola Normal (Atual ICEIA)⁹⁶, ao passo que a Escola Aprendizes e Artífices veio para o Barbalho e se atualiza como Escola Técnica de Salvador (atendendo a demandas de cursos técnicos para o ramo industrial).

Constata-se que houve, nessa época (décadas de 30 e 40), uma proliferação de escolas implantadas pelo governo estadual e federal na região. Foi possível identificar que tal fato se deveu a uma repercussão da Reforma de 1925 na educação da Bahia, mais conhecida por Reforma Góes Calmon. Essas mudanças foram influenciadas pelas ideias de Anísio Teixeira e tiveram como ponto de partida a implementação da Lei 1.846/25 que dispunha, como princípios, sobre a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino (ARAÚJO, 2003; PEREIRA, 2009).

Nos anos 50, o Curuzu passa por diversas intervenções estatais, resultado da aceleração da urbanização na cidade. A principal ação por lá foi a implantação das linhas de água e esgotos⁹⁷ e a criação do Conjunto Assistencial Julia Kubitschek, no

⁹³ Uma das moradoras mais antigas do bairro conta que o irmão dela estudou nessa escola, “mas não foi por causa do mingau, não” (Lourdes, 95 anos).

⁹⁴ Dona Lourdes (97 anos) também revela que a mulher tem de saber cuidar da casa e do marido, senão ele vai procurar em outro lugar o que não encontra em casa, além de saber conversar e ter respeito (Diário de campo, 2011).

⁹⁵ Surgida por influência da atuação de Anísio Teixeira como Secretário de Cultura e Educação no final da década de 40, durante o Governo de Octavio Mangabeira, a Escola Parque tem por finalidade proporcionar uma educação em tempo integral a crianças e adolescentes do bairro da Liberdade e adjacências. Há uma parcela significativa de moradores, mais velhos (57 a 62 anos) e mais novos (29 a 34 anos), que estudaram nesta escola. Eles disseram que a escola teve papel importante para a formação deles. Lá eles aprenderam ‘muitas coisas boas’, como capoeira, música, bordado, etc.: “*Fiz bordado, bordei um bocado, crochê, tinha crochê bordado, tapeçaria, sapataria essa tecelagem*” (Aretha Franklin, 60 anos). Além disso, a escola cuidava da saúde de seus alunos: “*E na escola parque eu tive o direito e o poder de tratar meus dentes e de [colocar] óculos, [ir no] oculista, desde a idade de 10 anos eu uso óculos.*” (Aretha Franklin, 60 anos). Destaco ainda que dois ex-alunos aprenderam a arte da capoeira na escola e fizeram desta arte o principal ofício: ensinar capoeira. E ainda hoje eles têm como “Grão Mestre” deles o professor que os introduziu na arte da capoeira na Escola Parque (Diários de campo, 2011; CECR/Escola Parque. Disponível em: < www.escolaparquesalvador.com.br >. Acesso em: jan.2012).

⁹⁶ Houve um grupo de senhoras (57 a 63 anos), que estudaram no Instituto Normal e se tornaram professoras da rede pública. Outras apenas estudaram, mas não exerceram a profissão. (diários de campo, 2011; e entrevistas com Billie Holiday, Nina Simone, e Aretha Franklin)

⁹⁷ Problemas com abastecimento de água ainda persistem nos dias atuais, pois é frequente a falta de abastecimento. Durante o período de convivência no bairro, era comum passar em alguns serviços

Largo do Curuzu. Esse conjunto assistencial era composto por lavanderia, posto médico e um espaço destinado para cursos profissionalizantes como o de corte e costura. Uma senhora comenta sobre esse momento:

Esse menino Antonio Balbino no governo de Juscelino, eles dois [...] chegava e falava com todas as crianças [...]. Nessa época [...] ele[s] passava[m] lá por cima [para ver o posto de saúde que estava sendo construído]. [...] o posto daí de cima, que era um largo, [...] garagem de ônibus velho. Então ficava muito [...] carro velho aí amontoado. Não sei como foi [que] Balbino mais Juscelino viram esse terreno enorme [...], aí [...] pegaram essa garagem e fizeram do lado de lá um centro urbano [com aulas de] corte-costura... Eu fiz corte-costura. [Do outro lado era posto médico]. Antigamente tinha dentista muito bom, [...] tinha médico, era um posto assim, não era emergência não, [...] era pequenininho [...], mas botou também [na parte de baixo] 30 torneiras para as mulheres lavarem roupa lá [...] . Cada uma pessoa tinha direito a uma pia para lavar e uma pia para enxaguar, entendeu? Todo mundo tinha direito a isso aí.(Billie Holiday, 62 anos).

Pouco tempo depois, a área verde⁹⁸ ao redor desse conjunto assistencial, passou a ser ocupado por duas Escolas Estaduais: uma de um lado do largo (Tereza da Conceição Menezes) e a outra do outro lado (Celina Pinho). O “Tereza” e o “Celina”, carinhosamente apelidados desse modo, são colégios dos antigos níveis ginásial e médio⁹⁹, hoje componentes do Ensino Fundamental e Médio. O curso infantil (o antigo primário) permanecia sendo ofertado pela Escola Municipal Abrigo

comerciais e casas na Rua Direta e não terem água. Os moradores explicavam que havia alguns dias (houve uma vez que foram cinco dias) sem terem abastecimento de água. No final do ano de 2011, foi possível acompanhar a obra da Embasa, que durou uma semana. Quando questionado aos moradores e comerciantes se o problema foi resolvido, eles informaram que continuava a mesma coisa. Vale ressaltar que a análise das notícias de jornais sobre o bairro trouxe uma porcentagem significativa com *informações úteis e utilidade pública* (16% das notícias veiculadas no período de 2010 a fev 2012) as quais concentravam avisos de falta de abastecimento de água e/ou energia (Diários de campo, 2011; Análise de notícias nos Jornais *Massa!*, *Correio da Bahia* e *A Tarde*, 2010-fev./2012).

⁹⁸ Um dos moradores, Sankofa de 46 anos, comenta que essa área era usada também como espaço de lazer e que, inclusive, foi lá que houve o primeiro ensaio do Ilê, bem ali “embaixo da mangueira que ficava atrás da lavanderia [do largo]”. Atualmente, todos os moradores com que foi feito contato, exceto uma, diz que “não existe” espaço de lazer no Curuzu: “*não tem uma praça, um campo de futebol, nada!*” (Arlindo Cruz, 42 anos).

⁹⁹ O “Celina”, o “Tereza” e o “Duque” (Colégio Estadual Duque de Caxias) são atualmente as escolas de referência para os jovens do bairro (14 a 19 anos). Afinal, todos informaram ter estudado em alguma dessas instituições. A Escola Parque e/ou outras profissionalizantes (como foi a Escola Técnica de Salvador/CEFET/ IFBA) perderam sua força e influência na medida em que não está mais no leque de possibilidades entre os jovens entrevistados. O único curso profissionalizante ainda acessado pelos jovens no bairro é o curso oferecido pelo primeiro bloco afro (Diários de campo, 2011).

dos Filhos do Povo (única gratuita até então¹⁰⁰) bem como por escolas particulares organizadas pelos moradores e/ou creches improvisadas.

O Curuzu também sofreu diversas influências externas nas décadas seguintes. Era um momento de grande efervescência e crescimento: a Bahia se industrializava¹⁰¹ e modernizava; diversos movimentos libertários ocorriam no mundo¹⁰²; e passou a ser reconhecida uma nova classe *negromestiça*¹⁰³ no bairro (e no país como um todo) (MORALES, 1991; RISÉRIO, 1993; SOUSA Jr., 2007; SANTOS, 2007).

Esse caldeirão efervescente culminou com o surgimento do primeiro bloco afro no carnaval de Salvador¹⁰⁴. Apesar de surgir como um bloco de carnaval, a organização empreende esforço e amplia seu escopo de atuação dando retorno à comunidade. Passa a implantar também projetos sociais¹⁰⁵ com a intenção de formar cidadãos dentro da cultura negra (valorizando a estética, a história e a

¹⁰⁰ A outra escola infantil gratuita que existe na região, Escola Mãe Hilda (Projeto Social do Ilê Aiyê), só foi surgir na década de 80.

¹⁰¹ Trouxe polos econômicos considerados como importantes para o Estado da Bahia como um todo, entre eles, o Polo Petroquímico e a Petrobrás.

¹⁰² O movimento de libertação aconteceu em diversos níveis: libertação das colônias africanas e reafirmação da população negra nos EUA (panteras negras e *black power*). Esses movimentos passaram a influenciar pensamentos de *negromestiços* em diversos locais, inclusive no Curuzu-Salvador-Bahia-Brasil (RISÉRIO, 1993; ALBERTI; PEREIRA, 2005; SOUSA Jr., 2007).

¹⁰³ Com a ampliação do acesso a escolas e cursos profissionalizantes e também com a ampliação do emprego em diversas indústrias e serviços (Coelba, Embasa, Petrobras, Polo Petroquímico, etc.), houve uma melhoria salarial para os jovens do bairro na época (IFBA, 2011. Disponível em: < www.portal.ifba.edu.br >.). Ainda hoje é possível identificar diversos homens (42 a 53 anos) que têm uma renda que consideram “confortável” e que qualificam a si mesmos como “bom partido” devido à ocupação conquistada mediante esses cursos que fizeram na juventude (Diários de campo, 2011). Mas, ao frequentar espaços que a sua nova condição social permitia, essa nova classe *negromestiça* passou a sentir grande desconforto social e racial. Essa situação possibilitou o questionamento da democracia racial (MORALES, 1991; RISÉRIO, 1993; SOUSA Jr., 2007; Santos, 2007). Inclusive, um morador, irmão do falecido Apolônio (fundador do primeiro bloco afro), conta que foi a partir de um desconforto vivenciado por ele (Apolônio) que motivou a construção do primeiro bloco afro: “*Apolônio trabalhava no Polo e tava ganhando um ‘dinheiro legal’, aí queria então sair num bloco lá em Ondina. Foi com um amigo, que era branco, para comprar [o ingresso ao bloco]. O amigo comprou e quando ele foi comprar disseram que havia acabado. Aí o amigo não entendeu e insistiu dizendo que não havia acabado, não. Depois de muita insistência, o pessoal do bloco chamou Apolônio num canto e disse que ele não poderia ter a fantasia [hoje, abadá] porque era negro. Aí então ele saiu de lá transtornado e conversando com um holandês que morava no Curuzu, dessa situação. O holandês então retrucou ‘Por que você não faz um bloco só com negão?’ foi então que ele e Vovô organizaram o Ilê”* (Diário de campo, 2011)

¹⁰⁴ Imbuído de grande sentimento de contestação político-racial, o grupo que nasceu no Curuzu saiu nas ruas marcando presença com sua estética e músicas que denunciavam o racismo.

¹⁰⁵ Os projetos sociais se mantêm, atualmente, devido a patrocínios de grandes empresas. Isso gera certo descontentamento por parte de moradores que criaram outros projetos sociais fora da organização. Eles comentam que, quando vão buscar apoio e patrocínio para manter seus projetos, há uma negação constante “porque já deram apoio pro Curuzu” (D de campo, 2011).

cultura). Desse modo, passam a existir mais uma escola infantil gratuita¹⁰⁶ na região, cursos profissionalizantes e aulas de percussão, canto e dança para o público jovem.

Esse novo panorama local proporcionou o surgimento de outras organizações que discutiam a posição do negro na sociedade¹⁰⁷, bem como de outros blocos afros na região e na cidade como um todo. Atualmente, alguns desses blocos que surgiram no bairro já foram extintos¹⁰⁸, outros ainda permanecem mesmo com dificuldade financeira para sua manutenção¹⁰⁹. O impacto dessas organizações não governamentais foi para além de suporte social à comunidade. A história do bairro foi ressignificada e os negros passaram a ganhar novo valor¹¹⁰.

¹⁰⁶ Um dos diretores da organização explica: “[...] ela surge em 1985, né? Ela surge em 1985 e essa proposta foi um desejo de X [líder espiritual da instituição], né? Para que se tivesse uma escola que as filhas de santo da casa, as Iaô, na época tinha dificuldade de matricular seus filhos por causa da instituição de ensino” (Edvaldo, 44 anos). Sendo que o diferencial dessa escola era que ela tinha, ou melhor, ainda tem: “uma proposta inovadora que era fazer todo um processo de recontar a história do homem negro nessa sociedade” (Edvaldo, 44 anos).

¹⁰⁷ O Curuzu recebeu também no seu território a sede baiana do Movimento Negro Unificado (MNU). Apesar de não ter sido observada movimentação na sede da organização, foi possível ver a presença de pessoas ligadas ao MNU dentro do Ilê, como também foi relatada a participação ativa dessa instituição nos fóruns e conselhos em que se discutiam questões de segurança na cidade, levantando a bandeira em defesa de jovens negros que morrem cada vez mais na cidade (Diário de campo, 2011).

¹⁰⁸ Como o Orunmilá que foi fundado pelo finado Apolônio, uma dissidência dos fundadores do primeiro bloco afro (AGIER, 1995; entrevista com Billie Holiday).

¹⁰⁹ Os demais blocos afros que ainda existem no bairro também foram fundados por dissidentes do primeiro bloco afro. Entre esses blocos, há o Oriobá (fundado por Reginaldo Cruz) e o Blocão da Liberdade (Ex-Vulcão da Liberdade, fundado por Paulo Kambuí).

¹¹⁰ Fato verificado tanto por diversos autores bem como por falas dos próprios moradores: “Era um bairro discriminado... parece que pensava que era um bairro onde só tinha marginal e criminoso. Agora não... isso mudou... mudou um pouco... por causa do [bloco afro]...” (Marinalva, 61 anos). Outro aspecto se refere ao processo de valorização identitária com a negritude. Esses blocos afros contribuíram bastante para a valorização da estética negra. Foi possível acompanhar, durante a convivência no bairro, um caso de mudança na forma como a jovem (19 anos) se via e como modificou e incorporou símbolos afros “new” ao seu visual. Quando a conheci, ela usava longas tranças de cabelos sintéticos, todavia eram disformes e desarmônicas. Depois, ela passou a frequentar, por incentivo do seu mestre de capoeira, um curso profissionalizante no Ilê. Desde então, ela começou a fazer mudanças radicais no cabelo. Primeiramente, colocou uns “dreads” artificiais de forma harmônica e com o acabamento na emenda do cabelo, bem discreto. Incorporou também o uso de lenços estampados no cabelo de modo a enrolar formando um torço. Em seguida, ela assumiu o cabelo natural, arrumando-o num formato *black power*, sendo que coloriu as pontas, o que deu uma característica diferenciada no estilo do cabelo. Além de continuar usando o torço, ela incorporou nos penteados o uso de adereços afro “new”, que são as flores e presilhas brilhantes de um lado só do cabelo, bem como o uso de tranças de um lado só fazendo um desenho, ou mesmo nos dois lados fazendo um moicano. Como a relação com essa jovem foi de bastante confiança, passei a acompanhar também a repercussão dessa nova identidade que assumia na vida dela. Não foi só na estética que ela mudou, mas também passou a buscar independência financeira. Além de começar a questionar a submissão no relacionamento amoroso (Diários de campo, 2011). Outra evidência da influência desses blocos para a reafirmação da própria identidade como negra e mulher, é a fala de uma ex-deusa do ébano do Ilê: “Depois que eu consegui entrar no Ilê [...] que passei a ser rainha,

No começo dos anos 90, surge a “nova”¹¹¹ Associação dos Moradores e Amigos do Curuzu (AMAC). O motivo do retorno, dessa vez, era algo que incomodou a todos: a questão do lixo nas ruas. Isso provocou uma mobilização de muitos moradores em prol de um “mutirão” para melhorar a situação. Uma das diretoras da associação afirma:

A gente precisou fazer essa associação novamente, porque aqui era uma lixaria. Na entrada do Curuzu você entrava, você não conseguia, tudo era no chão, agora tem uma caixa lá, o povo ainda joga as coisa no chão, mas [...] era um ponto de lixo que ninguém suportava. Do lado do posto tem umas prantas ali, ali era uma coisa séria! Até morotó [...] transitando pela rua [tinha]. Aqui embaixo tinha outra coisa de lixo... a ladeira não tinha uma escada para pessoa descer, se chovesse já sabia que era bunda no chão todo dia. Então a gente retornou [...] botou agora o corrimão porque já tinha a escada. Aí nós retornamos e fizemos o mutirão. Foi não sei quantas caçamba de lixo. (Aretha Franklin, 60 anos).

Emerge do Curuzu, portanto, uma nova força de organização social e coletiva não governamental protagonizada pelas ações dos blocos afros e da “nova” associação. É o terceiro setor que, cada vez mais, tem ganhado espaço de atuação no Brasil (FONTES, 1999). Todavia, há distinções entre esses dois formatos de organizações de suporte que surgem no bairro. Enquanto a primeira funciona dependendo dos colaboradores e patrocinadores, a segunda depende, principalmente, da participação direta e/ou indireta dos moradores (contribuições/mensalidade e/ou participando de ações coletivas e mutirões).

Outro aspecto que demonstra uma iniciativa de organização de redes sociais do terceiro setor foi a iniciativa *Virando o Jogo*, no ano de 2010. Foi uma tentativa de organização de redes entre bairros. Consistiu, portanto, numa articulação entre associações e instituições comunitárias, isto é, não governamentais. O intuito era

Deusa do Ébano, consegui me entender e me conscientiza [...] Eu amadureci muito, eu criei uma nova identidade com a mesma estética, mas com uma nova identidade, com um novo pensamento, com uma questão de consciência, de identidade, você, eu, sabe? [...] Tudo renova na minha vida, foi uma nova caminhada, foi uma renovação na minha vida.” (Alicia Keys, 39 anos).

¹¹¹ A “primeira” associação surge com a preocupação em aspecto mais restrito como o *lazer*. Uma das atuais integrantes da associação diz que o lazer era uma preocupação naquela época “*porque [...] tinha pouca casa aqui no Curuzu [que ainda ofertasse algum lazer], tinha mais, assim, para fazer uma festinha, [mas] para botar os meninos para brincar [não tinha]. Ele [o fundador] trouxe aquele brinquedo de totó, os meninos ficavam brincando de totó, tinha... [outros brinquedos e jogos de que a entrevistada esqueceu os nomes] [...] Era mais iniciativa [dele] mesmo sozinho*” (Aretha Franklin, 60 anos).

construir um fórum dos bairros de periferias urbanas e entidades que representassem os seus interesses para poderem ter maior organização e poder de “barganha” no momento de negociar com as instituições governamentais (“políticos”) melhorias para as localidades. Durante a primeira etapa da coleta de dados, foi possível assistir a uma reunião dessa iniciativa¹¹²:

Um representante de outro bairro e também articulador do virando o jogo] foi então comentar como funcionava esse tal de ‘virando o jogo’ e o que serviria para a liberdade (o tempo todo o pessoal falava do bem para a liberdade, para o bairro como um todo, o Curuzu era apenas um sub-bairro no qual o que importava mais era a melhoria do bairro como um todo; as únicas pessoas que focalizaram mais sobre cuidar do Curuzu foram os representantes da Associação de Moradores do Curuzu – AMAC). Aquele momento então se tratava de um seminário setorial, igual a outros que fizeram em outros bairros que aderiram ao ‘virando o jogo’. Era um momento para que a Liberdade listasse todas as suas demandas (dificuldade e propostas de melhorias). Ele ainda comentou que em todos os demais fóruns setoriais as propostas têm sido bem legais e é importante também ver se a Liberdade teria interesse em se incorporar permanentemente a esse fórum. Afinal, quanto mais apoio, mais organizado fica a representação e mais força de barganha perante os políticos. (Diário de campo, 2010).

Percebe-se, portanto, que há uma busca por parte da população em fortalecer suas ações em prol da comunidade e orientar as políticas públicas no bairro¹¹³.

A partir de estudo em bairros de periferias urbanas em Salvador¹¹⁴, Serpa (2005) evidencia o papel das redes sociais nesses bairros¹¹⁵ e a importância de

¹¹² Estavam presentes representantes de organizações comunitárias de todo o bairro, sendo que a presença maior foi de grupos/instituições e moradores do Curuzu haja vista que foi feito na sede do Ilê, que fica na ladeira do Curuzu. Tal fato demonstra a força de articulação desse bloco com as demais organizações sociais, bem como a de mobilizar a comunidade (apesar da existência de divergências com a entidade). Entre os aspectos levantados como demandas do bairro, destacam-se: espaço de lazer para os jovens na tentativa de dar uma alternativa de diversão que não sejam drogas nem delinquência; o lixo nas ruas ainda continua sendo um problema; mas também foi trazida a questão da violência no bairro que estava aumentando e sendo banalizada, por isso se solicitou um policiamento com maior frequência, só que a solicitação foi de apenas uma ronda e “*que não precisava chegar batendo não, é só para mostrar que há policiamento rodando no bairro*” (Arlindo Cruz, 42 anos).

¹¹³ Essa articulação pode ser vista também como uma forma de acumular capital social. Afinal, essa iniciativa agrega e articula um conjunto de vínculos com agentes de distinções e níveis de poder diversos na sociedade. O agente social (no caso, o fórum *Virando o Jogo*) aumenta o capital social global na medida em que consegue unir esse conjunto de organizações. Desse modo, almejam influenciar o poder público em prol das demandas.

¹¹⁴ Os bairros pesquisados para esse estudo foram: Plataforma, Pirajá, Cajazeiras, São Tomé de Paripe, Ribeira e Curuzu (SERPA, 2005).

descentralizar o planejamento em direção aos bairros. Para o autor (2005, p.213), “[...] o maior mal urbano nas grandes cidades é a ausência de participação no processo de planejamento”. Com um planejamento descentralizado e em direção aos bairros, as demandas locais poderão ser mais bem explicitadas e analisadas.

Ainda é possível identificar, no contexto atual, ações isoladas de pequenos grupos nas regiões consideradas como periféricas do bairro. Entre eles, destacam-se os *grupos de valsa*¹¹⁶, compostos por moradores do Curuzu e da Pero Vaz, e o projeto *Meninos do Bairro*¹¹⁷ na Rua do Cachorro. Essas iniciativas são emergentes e pouco consolidadas, porém significativas, na medida em que demonstram que ainda há uma preocupação com o outro, suficiente para envidar esforços em prol de mudança do que está posto.

Ressalte-se também um projeto isolado, mas com repercussões significativas no entorno imediato: o trabalho de proteção, prevenção e enfrentamento da violência por meio do incentivo à arte da capoeira. Trata-se da iniciativa de um líder religioso que foi convocado pela própria comunidade do terreiro para que assumisse e cuidasse do espaço que estava abandonado: “*Eu tava em outro lugar, eu vim para assumir. É o terreiro ficou sem direção. Aí ficou aí abandonado. [...] Então, eu como sou da família [de santo] eu vim assumir*” (Almirante, 62 anos).

Todavia, o trabalho dele só foi mencionado quando questionei diretamente aos moradores sobre qual lugar no bairro, já sabido por alguns serviços de psicologia, prestava cuidado e atenção aos jovens que queriam sair das drogas e do

¹¹⁵ Para esse autor, “[...] os bairros expressam e condicionam as redes de relações sociais, de vizinhança, de parentesco, de amizade e também as redes associativas (igrejas, terreiros de candomblé, clubes esportivos, associações de moradores, clubes mães, etc.)” (SERPA, 2005, p. 213).

¹¹⁶ É um grupo composto por jovens entre 11 e 25 anos que ensaia valsa para se apresentarem em aniversários de 15 anos, festival em escolas e também em concursos de valsa na cidade. Segundo uma das meninas do grupo, a maioria das pessoas entra para aprender a dançar valsa para os 15 anos e termina gostando e permanecendo. O grupo existe há 10 anos, tendo como presidente o fundador do grupo. É ele quem providencia o figurino e apoio para o grupo. Todavia não há um financiamento constante. Embora alguns integrantes sejam moradores do Curuzu, a maioria pertence à Pero Vaz (relato a partir dos Diários de campo, 2011).

¹¹⁷ É um projeto organizado por um morador de 37 anos e apoiado por um jovem de 19 anos, ambos moradores da Rua do Cachorro. O projeto procura acolher os meninos da rua que ficam “*naquela situação... [...] sendo assediados pelas drogas e pelo tráfico*” (Diário de campo, 2011).

tráfico¹¹⁸. Apesar de esse fato demonstrar que é uma referência nesse aspecto, também revela o isolamento dessa organização em relação com as demais.

Apesar de existirem, na região, outras organizações de suporte social informal¹¹⁹ e formal (governamentais¹²⁰ ou não¹²¹), os moradores enfatizaram apenas o uso das instituições descritas acima. Algumas instituições e/ou grupos existentes na região (no Curuzu e entorno) não são referidos no discurso dos moradores. Por esse motivo, foram excluídos desse processo de descrição e análise das redes sociais.

Após contextualizar as principais redes de relações sociais entre grupos (vizinhos, amigades e família) e organizações (escolas, associações, blocos de carnaval, terreiros e projetos isolados), foi possível ter uma dimensão geral do surgimento desses agentes sociais no Curuzu por meio do diagrama da linha do tempo exposto a seguir:

¹¹⁸ Note-se que, após revelar a curiosidade em conhecer esse trabalho, as idosas passaram a tecer elogios e comentários acerca desse líder religioso, que, embora não seja do bairro, foi colega delas na Escola Parque (Diário de campo, 2011; e entrevistas com Billie Holiday e Nzinga Ngola).

¹¹⁹ Identificou-se a existência de outro grupo de valsa, grupos de sambistas, aulas de danças de salão, aulas de educação física para a terceira idade e outros.

¹²⁰ Como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro Social Urbano (CSU) da Liberdade e outros.

¹²¹ Como a Casa Cultural Maria Felipa, outras Associações de Moradores, outros Terreiros de Candomblé, outros Grupos de Capoeira (foram identificados cinco grupos no Curuzu).

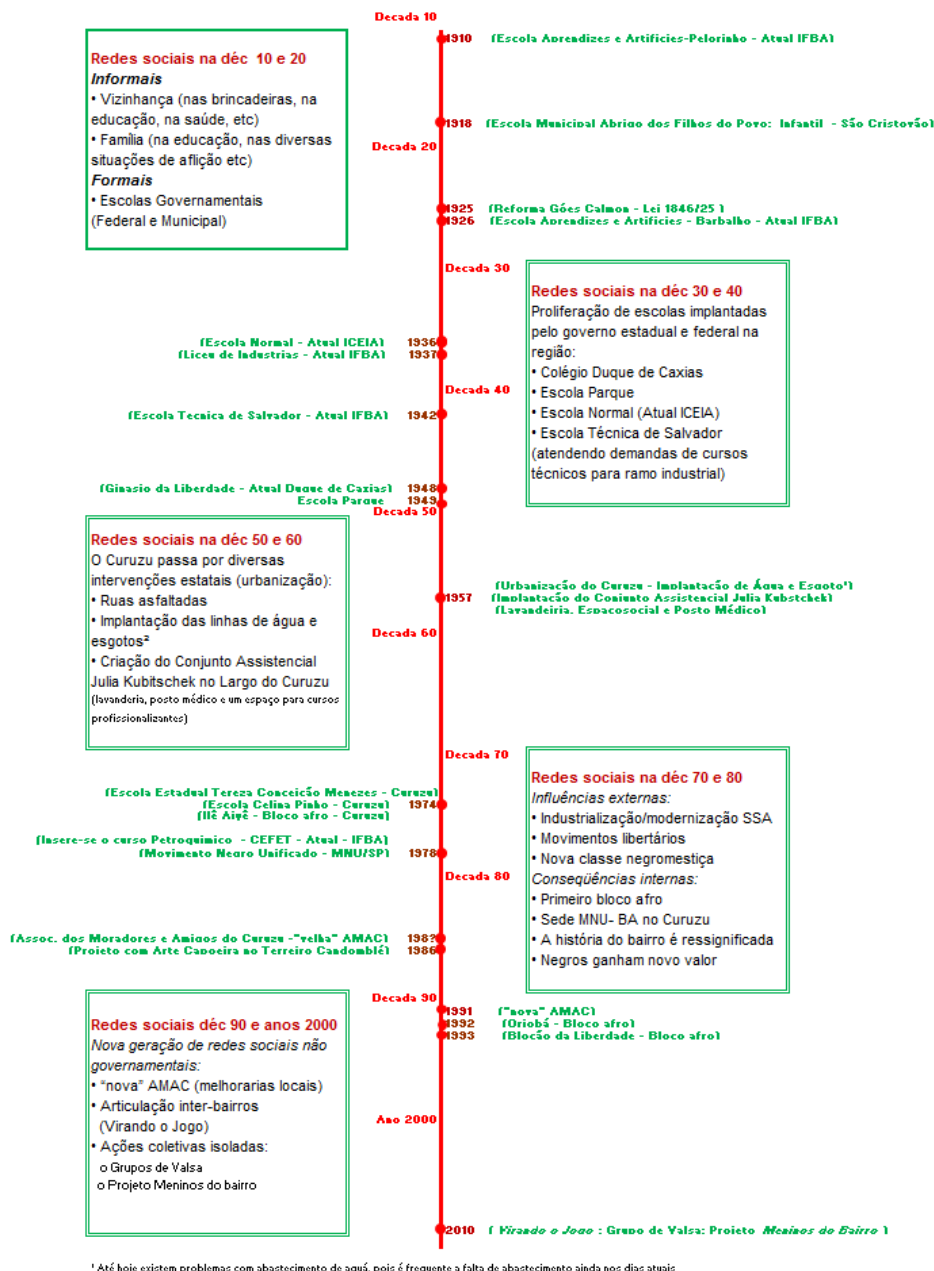


Figura 2 – Histórico da conformação das redes sociais do bairro na perspectiva dos moradores.

Entretanto, é necessário aprofundar como é que ocorrem as relações entre esses agentes, focando, especialmente, nessa nova malha social que vem assumindo o protagonismo de suporte social no bairro. Uma caracterização das principais redes sociais trará informações mais aprofundadas acerca da dinâmica dessas redes.

5.2 AS REDES SOCIAIS DO CURUZU E SUAS CARACTERÍSTICAS

A partir do processo histórico que conformou a malha social no bairro, foi possível identificar as principais redes de suporte social. Uma caracterização mais aprofundada da dinâmica delas possibilita revelar aspectos das relações bem como da percepção que os agentes têm da rede.

Nota-se, portanto, que as redes sociais historicamente identificadas pelos moradores como principais¹²² no bairro foram: *família, rede de vizinhança (incluindo as ações emergentes isoladas de grupos/moradores*¹²³), *escolas formais, organizações do terceiro setor (terreiros de candomblé, blocos afros e associação dos moradores).*

A descrição do funcionamento dessas redes considera alguns aspectos: o tipo de vínculo (parentesco, vizinhança, amizade e associativista); o nível de organização (formal ou informal); a área de atuação (educação, saúde, assistência social, cultural, etc.); o grau do vínculo (relações fortes ou fracas); e o papel que cada rede exerce na comunidade (contribuições para a vida cotidiana, focando na violência).

A **família** pode ser entendida como uma rede social de apoio. Ela é identificada pelos moradores como relações de consanguinidade (parentesco): pai, mãe, irmãos, tios e primos. Apesar de a rede de vizinhança muitas vezes se confundir com essa rede de apoio, a família nuclear é que foi trazida na fala das moradoras como grande diferencial na sua formação (constituição de sujeito e *habitus*):

[Ela e os irmãos se destacavam na escola] [...] *porque antigamente se aprendia muito mais em casa, eu me lembro que uma das brincadeira da gente... [...] minha mais meus primos, [...] era a gente sair pelo quintal cantando: Pará; capital Belém, Maranhão; capital*

¹²² Entende-se que os moradores consideraram essas redes sociais de suporte como principais ao longo da história do bairro, pois foram destacadas nos relatos com frequência.

¹²³ Tais ações são organizadas por moradores de forma solitária ou em grupo, todavia ainda não se constituíram enquanto uma rede formal (possuir algum registro). Apesar de uma dessas ações ser denominada como “projeto” e ainda ter buscado apoio junto a associação de moradores, esta, a partir dos relatos, ainda não se organizou suficiente (isto é, se registrou e/ou se agregou a outra instituição) para se tornar uma nova rede social do terceiro setor.

São Luís, e daí a gente ia dizer [...] estados e capitais do Estado do Brasil. Tínhamos também o habito de cantar e depois [...] a gente interpretava a música; ‘o que que você entendeu dessa música?’ Ai cada um dizia o que entendeu da música... [...] Brincadeira assim: trivial, normal. Eu acho que essas coisas influenciam muito, influenciaram muito no nosso desenvolvimento cultural, intelectual. (Nina Simone, 62 anos).

Todavia, nos dias atuais, algumas famílias no Curuzu têm deixado de sustentar os seus como antes. A coordenadora pedagógica de uma das escolas infantis e gratuitas do bairro diz que há casos bem difíceis no que se refere à relação da criança com a família¹²⁴. Um dos casos, segundo conta, é de uma menina que mora com a avó, o pai e os tios numa das travessas do Curuzu. O desempenho dela na escola está caindo e, quando foi conversar com a criança para saber o que estava acontecendo, tomou conhecimento da desestruturação familiar dela: pai usuário de drogas e que briga e bate na avó, tendo ela como expectadora (Entrevista com a Coordenadora Pedagógica; Diário e campo, 2011).

Outra situação que revela a falta de apoio na família é a fala de uma jovem moradora do bairro que comenta que “Graças a Deus” ela nunca sofreu nada na família. Apesar de ela demonstrar orgulho pela forma como foi criada, a sua história denota ser uma exceção:

Aí eu assim, nunca sofri nada em casa, graças a Deus. Apesar de muitas crianças virem a sofrerem. [...] Assim como no caso [...] na minha família. Uma prima minha foi abusada por um tio meu, que aí tinha maluquice, cabeça... Aí hoje já tá morto, faz três anos. [...] Aí ela foi abusada pequena, eu nunca fui abusada, nunca sofri espancamento de ninguém, na minha casa sempre, com minha mãe e com meu pai, a regra deles é o castigo, eles não batia não. Que eles dizia que bater não ia adiantar, que ia bater e a pessoa ia ficar com raiva e ia fazer a mesma coisa. E castigo, tirasse tudo o que eu queria, eu ia tomar juízo.[...] eu acho que foi o certo. O castigo. Porque hoje se ele me batesse [...] eu podia tomar raiva de meu pai, hoje eu podia tá no mundo das drogas, podia tá me prostituindo, fazendo qualquer coisa, não. Hoje estou agora aqui sendo monitora [...] . Entendeu? E agradeço muito a eles, não tenho vergonha de dizer que é meu pai, que é minha mãe, não tenho. (Lauryn Hill, 19 anos).

¹²⁴ Sentem-se impotentes e buscam outras redes de apoio governamentais como CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) para ver se consegue oferecer suporte a situações similares.

Embora a desestruturação familiar seja cada vez mais frequente¹²⁵, essa rede ainda é a de primeiro contato e por isso importante. A família tal como é entendida pelos moradores, é uma rede que se constitui dentro de casa, portanto informal, e que se preocupa com a formação do sujeito como um todo (cultura, educação, saúde, etc.), de forma integral. Os vínculos estabelecidos entre os sujeitos que compõem essa rede, normalmente são vínculos fortes (“apego”¹²⁶).

Apesar da **rede de vizinhança** já ter sido mais forte e marcante nas relações sociais do bairro¹²⁷, atualmente ela ainda desempenha papel importante. Marcada pelo cuidado com o outro e pela solidariedade, a rede de vizinhança apoia as aflições cotidianas. A educação, foco de preocupação no século passado pelos moradores, ainda continua. Entretanto, há nos dias atuais uma preocupação coletiva com o jovem. Nesse sentido, algumas ações têm sido envidadas de forma pulverizada¹²⁸ por indivíduos e/ou pequenos grupos.

De um lado, existe um crescente resgate da cultura popular de outrora, como forma de envolver os jovens. Tendo isso em vista, um grupo de moradoras mais velhas buscou resgatar uma brincadeira que marcou “demais” a infância delas:

Tem uns três ou quatro anos a gente resolveu refazer o baile [pastoril]. [...] Nós estamos refazendo agora, só o ano passado que não teve, mas todo ano a gente faz só dois ou três bailes e não é como era. [...] somos nós [do grupo de idosos] mesmo que fazemos, nós fazemos todos os papéis de jovem, de, de adulto, de velho, tudo quem [faz] os papéis todos somos nós. Porque nós não conseguimos até hoje, nossa ideia seria fazer com os jovens, né? e criança... [...] Inclusive o primeiro ano que a gente fez, quando terminou, veio uma mocinha e me disse assim: ‘Vocês já pensaram em fazer isso com

¹²⁵ Para as idosas, o maior determinante para a situação de violência atual do bairro está na família: “Hoje os jovens não respeitam mais, passa não fala nem um bom dia, nem boa tarde... nada” (Aretha Franklin, 60 anos, Diário de campo, 2011); “Antigamente, os mais novos pediam a benção, hoje não tem mais isso” (Billie Holiday, 62 anos, Diário de campo, 2011). A família, então, deixa de passar alguns valores e limites que anteriormente existiam.

¹²⁶ Essa relação vincular pode ser também entendida como uma relação de “apego” (mãe-filho) segundo o sentido clássico da Psicologia trazido por Bowlby (1969), que é a necessidade primária de contato social normalmente satisfeita no contato com os pais. (CARVALHO et al., 2006).

¹²⁷ O papel dessa rede, no início do século XX, era o de tentar suprir todas as carências que a localidade possuía: ausência de educação formal e de assistência em saúde. Tais fatos puderam ser observados nas falas dos moradores sobre as creches improvisadas e escolas particulares e dos cuidados em saúde voltados para as rezadeiras e parteiras do bairro.

¹²⁸ As iniciativas são tomadas por distintos atores, todavia não há uma relação entre eles, não há um esforço coletivo e em conjunto para dar força a essa ação.

jovens?’ Eu disse: É tudo que a gente quer, arrume um grupo que para o ano a gente bota com jovem, não apareceu nenhum menina... [...] E... daqui de casa ninguém participa não. Nenhum! Filho da gente, nenhum participa [...] . É tudo da gente, né? E a filha de Marina, que é a única adolescente mesmo que participa. (Nina Simone, 62 anos).

Outra forma de resgate se refere à iniciativa de um morador, e também participante da associação, que se motivou a buscar recursos para pôr em prática um projeto: “concurso de brinquedos autoconstruídos”. A proposta era de que, no mês das crianças, a família (pais e filhos) pudesse construir brinquedos de antigamente, como pião de madeira e outros. Esperava-se, como consequência, que os pais e filhos interagissem no processo de construção do brinquedo e resgatassem essas brincadeiras. Todavia, o projeto não deu continuidade no ano em que foi pensado (relato a partir de Diário de campo, 2011)¹²⁹.

Por outro lado, há a preocupação de dois moradores da Rua do Cachorro (37 e 19 anos) com os jovens que “ficam por aí”, à mercê do tráfico e do uso de drogas. Tendo isso em vista, eles então organizaram um projeto intitulado “Meninos do Bairro” e o iniciaram, mesmo sem apoio interno (outros grupos e/ou instituições do próprio bairro) ou externo (outras fontes de incentivo público e/ou privada).

As atividades que propõem são duas reuniões semanais e treino de futebol para participar de torneios. As reuniões servem para acolher os problemas e orientar, incentivando sempre os estudos. E o futebol é o “motivo agregador” dos meninos na faixa etária de situação vulnerável. É uma iniciativa independente, isto é, são os próprios organizadores que financiam. Eles disseram que procuram “fazer alguma coisa”, porque eles já estavam cansados de ver aqueles meninos morrerem. Quando interrogado pouco mais nesse aspecto, o idealizador do projeto informou que havia perdido o irmão mais novo “nesse caminho”¹³⁰.

Percebe-se, portanto, que os vínculos dessa rede são constituídos e fortalecidos ao longo do tempo, pautando-se nas relações de amizade e confiança,

¹²⁹ Apesar de ser uma pessoa que participa da associação de moradores e ter uma proposta-ação em formato de projeto, com perspectiva de busca por recursos, trata-se de um morador preocupado com o coletivo. Mesmo antes de participar de diversos espaços, como a Associação e a Câmara de Vereadores, ele já organizava eventos e caminhadas com essa preocupação coletiva.

¹³⁰ Relato baseado em Diário de campo, 2011

que podem ter sido construídas nas relações de parentesco¹³¹, de amizade e também de parceria em algum grupo de socialização¹³². A perda de um desses laços também pode ser entendida como motivador para intervenção na realidade.

Todavia, com o crescimento do bairro, muitos desses laços se restringem a determinado limite geográfico. Afinal, as relações que se estabelecem entre moradores da região da ladeira até o largo são completamente distintas de quem mora na Rua do *Cachorro*, no *Gato*, ou na parte de cima do Curuzu¹³³. Tal situação pode contribuir para a manutenção de uma rede de vizinhança pulverizada no bairro.

Independente dessas peculiaridades, a rede de vizinhança, tal como existe no Curuzu, pode ser vista como uma rede informal e com vasta área de atuação em potencial (cultura, lazer, educação, saúde, etc.). Afinal, depende das mobilizações e afetações cotidianas. É importante salientar também que foi a partir desse espaço informal que surgiram as primeiras redes de suporte formais do bairro como blocos afros (bem como os projetos surgidos no interior desses blocos) e associação de moradores¹³⁴.

Entre as **instituições escolares formais**¹³⁵, listadas no processo histórico descrito no tópico anterior, é possível identificar apenas uma como organização não governamental, pois todas as demais foram intervenções estatais. O vínculo com a comunidade e com as demais organizações é de um serviço público, no entanto, as relações com os trabalhadores variam em cada instituição¹³⁶.

¹³¹ Note-se que, com o passar dos anos, as famílias, principalmente as “nativas”, foram crescendo e se mantendo dentro do próprio bairro, ocupando outros espaços no território, mas mantendo as relações afetivas e também de vizinhança.

¹³² Há diversos grupos no bairro que, de alguma forma, promovem a socialização: grupo de idosos, grupos de capoeiras e outros.

¹³³ Algumas falas de moradoras do bairro identificam essa separação invisível: “*Esse pedacinho nosso, da Teresa para cá, não tem cerca, mas é um povo diferente, a maioria é formado; aí o pessoal de lá de baixo a gente não pode nem conversar*”. (Billie Holiday, 62 anos). A partir desse trecho é possível perceber que a separação é pautada na distinção social entre os moradores. Outra moradora revela que a atuação da associação dos moradores não consegue fazer eventos que atinjam toda a localidade: “*Os associados daqui são péssimo, acha que não vai fazer porque só faz brincadeira cá em baixo, só faz os eventos e os acontecimentos aqui embaixo, aí os de lá de cima não querem fazer nada, os daqui de baixo são acomodados, que não precisa disso e aquilo*” (Aretha Franklin, 60 anos).

¹³⁴ As falas sobre a história da constituição dessas organizações revelam que foi a partir da mobilização de vizinhos e parentes que se conseguiu ter pessoas suficientes para sair com o bloco na rua e para fazer o mutirão de limpeza do lixo (síntese de entrevistas de Diretora da Associação e do Presidente do Ilê).

¹³⁵ São redes formais, pois possuem algum registro jurídico.

¹³⁶ Enquanto, numa Escola, o Diretor era aparentemente mais controlador (porque só permitia uso do espaço fora do horário de aula mediante solicitação escrita, bem como os projetos sociais locais que

É importante destacar a dinâmica e a repercussão das implantações das instituições escolares na região. Afinal, logo após o surgimento da escola de nível básico (Abrigo dos Filhos do Povo – 1918), proliferaram as escolas profissionalizantes¹³⁷. Posteriormente, chega outra leva de cursos, só que dessa vez nos antigos níveis ginásial e colegial¹³⁸ (ver Apêndice G).

Voltados para atender à demanda do mercado, esses cursos, especialmente os profissionalizantes, garantiram empregos com remuneração melhor para muitos. Aliado a isso, os jovens do bairro foram motivados a fazer tais cursos: “*houve uma época que era moda fazer esses cursos de edificações, né não, Arlindo Cruz?*” (André Rebouças, 42 anos).

Segundo Bourdieu (2007), a certificação de um diploma escolar confere ao agente detentor deste um *capital escolar*. Embora não seja necessariamente uma evidência distintiva por si só, o certificado habilita o sujeito a entrar no mercado de trabalho que exige este símbolo. Isto não necessariamente torna o agente apto ao trabalho, mas aumenta as possibilidades de ampliar as oportunidades de emprego e de remuneração ao qual o diploma confia.

De forma clara, um morador do bairro nos confirma essa situação:

Família nossa não tinha condições de segurar [estudo para os filhos], naquela época era muito complicado. As escolas que eu cursei não tinha é... como é que diz, assim; uma responsabilidade, né? Aqui na Liberdade eu [...] pelo que eu vi, [...] [se] Você estudava no Duque, é [...] aluno aplicado, ele não precisava fazer pré-vestibular, não fazia e passava direto, entendeu? Tem várias pessoas que eu conheço que foram alunos [do Duque], moram, continuam morando na Liberdade, ascenderam socialmente, não ficaram ricos, mas

usam o espaço têm de estar documentado e de acordo com os princípios que regem a instituição), a relação dele com os jovens era próxima (os estudantes o abordavam com intimidade, contando algumas vezes fofocas, outras vezes, problemas); já na outra Escola, vizinha, a Diretora aparentemente era bem aberta à comunidade, sendo permitidos ensaios de blocos, aulas diversas, com entrada e saída livre (quem quisesse entrar passava pela portaria sem precisar se identificar), tendo os portões abertos de forma a permitir o livre trânsito entre comunidade e escola. A sua relação com os alunos parecia ser da mesma forma. Todavia, na primeira, não houve relatos de homicídio dentro da escola, enquanto, na outra, foram alguns casos de mortes no interior da escola, bem como foram trazidas, pela própria diretora, informações sobre perdas de alunos por morte violenta (Diário de campo, 2011).

¹³⁷ Escola de Aprendizes e Artífices/Liceu de Indústrias/Escola Técnica de Salvador/CEFET/IFBA (Barbalho, 1926); Escola Parque (1949); Escola Normal/ICEIA (1936); Curso profissionalizantes do Ilê (200?).

¹³⁸ Colégio Estadual Duque de Caxias (1948); Escola Estadual Tereza da Conceição Menezes (1974); Escola Celina Pinho (1974).

ascenderam de uma certa forma, se destacaram porque conseguiram estudar, conseguiram uma posição de colocação no mercado bem melhor do que a nossa, de [...] quem fez outros cursos. Depois veio a questão da escola técnica que eu nem tentei, mas eu poderia ter tentado, foi fantástico. (Bob Marley, 55 anos).

A partir do processo histórico descrito, foi possível identificar a importância e o protagonismo que estas **organizações do terceiro setor**, isto é, não governamentais (terreiro de candomblé, associação de moradores e blocos afros) têm desempenhado no Curuzu nos dias atuais¹³⁹. A força e a repercussão propiciadas pelo Estado tempos atrás (como a proliferação de escolas), cedem espaço para a atuação dessas novas organizações.

Este novo formato de redes sociais, portanto, promove ações em diversas frentes (lazer, arte-cultura e educação, sanitárias, esportes¹⁴⁰, etc.), envolvendo distintos agentes sociais (moradores, universidades, políticos, outras organizações, empresas públicas e privadas, etc.).

Entretanto há diferenças na atuação entre essas organizações. Enquanto o terreiro tem vinculação com a missão (espiritual e social) e preceitos que possui, os blocos afros se preocupam com a valorização da estética e da cultura negra, bem como desenvolve atividades artístico-culturais (canto, dança e percussão) com os jovens¹⁴¹, e a associação envida esforços para sanar problemas coletivos e/ou proporcionar eventos pontuais, além de propor atividades. O que há em comum

¹³⁹ Apesar de as ações do Estado contribuírem de forma essencial para a qualidade de vida, são essas organizações que marcaram e ressignificaram a história do bairro. Além disso, há um esforço contínuo dessas redes em valorizar a população e encontrar caminhos que confirmem à comunidade melhorias nas condições de vida: seja cobrando melhorias dos serviços públicos como os de saúde (focam no posto), saneamento (questão do lixo) e distribuição de água (falta frequente de abastecimento); seja solicitando intervenções estatais que atendam a demandas locais, como construção de espaço de lazer e policiamento adequado (demandas trazidas pela comunidade na reunião da *Virada do Jogo*); seja buscando formas de aumentar as suas oportunidades de melhoria na remuneração (ofertando cursos de dança, canto e percussão e profissionalizantes), seja enfrentando, prevenindo e/ou protegendo contra as violências (ofertando atividades esportivas, percussivas e outras); etc.

¹⁴⁰ A capoeira foi o esporte encontrado em todas as organizações desse setor. Mesmo que, em uma ou outra instituição, as aulas tenham deixado de existir (seja por falta de professor ou outra questão), a capoeira é trazida como esporte prioritário: seja por ser o esporte símbolo da negritude, seja por ser uma característica forte da região (grandes mestres são da região, como Bimba e Waldemar Falcão); seja por ser considerado de custo barato; ou por ambos os fatores.

¹⁴¹ Nos blocos afros, existem as atividades que são consideradas como “carro-chefe” da organização (atividades ligadas ao bloco de carnaval como ensaios e saída no carnaval) e os projetos sociais (são projetos socio-educativos, onde a percussão é o grande “chamariz”).

além do protagonismo que desempenham, é a atenção voltada para desenvolver ações em prol da população.

A partir da caracterização acima das principais redes sociais de suporte, segundo a perspectiva dos moradores, foi possível construir um quadro de síntese. No Quadro 1, constam as principais redes com aspectos que as classificam como: o *nível de organização* (informal e formal), a *área de atuação* (educação, saúde, cultura, etc.), o *tipo do vínculo* (parentesco, vizinhança, amizade, trabalho, associativismo, etc.), o *grau do vínculo* (forte ou fraco), o *papel desempenhado* (qual o suporte mais comumente ofertado) e a *relação do suporte com as violências* (proteção, prevenção e/ou enfrentamento).

Quadro 1 – Caracterização das redes sociais identificadas pelos moradores como principais no suporte, enfocando a relação do papel desempenhado com a proteção, prevenção e/ou enfrentamento das violências.

Redes Sociais	Nível de Organização	Área de atuação	Tipo do Vínculo	Grau do Vínculo	Papel na Comunidade	Relação com as violências (Proteção, Prevenção e/ou enfrentamento)
Família	Informal	Múltipla	Parentesco	Forte (Apego)	<input type="checkbox"/> Suporte de primeiro contato <input type="checkbox"/> Contribui para constituição: - Sujeito; - <i>Habitus</i>	<input type="checkbox"/> Constitui o sujeito/agente (proteção) <input type="checkbox"/> Suporte em situações de aflição (enfrentamento) <input type="checkbox"/> Apesar de ser exceção, pode ser a própria autora da violência (intrafamiliar)
Vizinhança	Informal	Potencial Múltiplo de Suporte (Foco na educação no público jovem)	Vizinhança, Amizade e Parentesco	Forte (Solidariedade)	<input type="checkbox"/> Dá suporte significativo <input type="checkbox"/> Com crescimento do bairro os laços se restringiram segundo proximidade geográfica <input type="checkbox"/> Rede pulverizada no bairro	<input type="checkbox"/> Resgate da cultura popular de outrora como forma de envolver os jovens (proteção) <input type="checkbox"/> Projeto <i>Meninos do Bairro</i> (prevenção)
Escolas	Formal	Educação	Trabalho (Serviço)	Fraco (Serviço Público)	<input type="checkbox"/> Confere certificação de diploma	<input type="checkbox"/> Contribui para o acúmulo de capital cultural (proteção) <input type="checkbox"/> Tem poder de controle de circulação pessoas na instituição (prevenção)
Organizações Terceiro Setor	Formal	Educação, arte-cultura, lazer, esporte, sanitárias, etc.	Associativista	Forte (Militância)	<i>Há diferenças na atuação entre elas:</i> <input type="checkbox"/> Terreiro tem missão espiritual e social <input type="checkbox"/> Blocos afros valorizam da estética e cultura negra <input type="checkbox"/> A associação sana problemas coletivos <i>O que há em comum é:</i> <input type="checkbox"/> Protagonismo atenção para o bairro	<input type="checkbox"/> Possuem projetos educativo-culturais voltados para o público jovem (proteção e/ou prevenção) <input type="checkbox"/> Podem proporcionar o acúmulo de capital social (proteção) <input type="checkbox"/> Algumas se dispõem a enfrentar situações de violência (enfrentamento)

Observa-se que as redes informais, apesar de se terem fragilizado ao longo dos anos, ainda buscam garantir aumento da qualidade de vida e suporte para situações de aflição. Além disso, surgem as redes formais que cumprem, como papel principal, a ampliação e o acúmulo de capital cultural e social.

Enquanto as famílias e vizinhança, redes de primeiro contato, envidam esforços para fortalecerem as relações sociais (como o resgate da cultura popular de outrora) e para prevenir envolvimento dos jovens em situações que consideram vulneráveis ao assédio do tráfico e das drogas (projeto Meninos do Bairro). As escolas e organizações do terceiro setor podem melhorar a qualidade de vida na medida em que proporcionam formação qualificada que amplia a conquista de empregos/ocupações com melhor remuneração.

Ressalte-se que atualmente são as organizações do terceiro setor que têm sido referenciadas como mais importantes nesse aspecto, além de também proporem (em alguns casos) ações de enfrentamento das violências. Diante desse contexto, torna-se importante conhecer algumas dessas organizações consideradas como principais, bem como os projetos sociais que desenvolvem.

5.3 REDES SOCIAIS DO TERCEIRO SETOR NO CURUZU

As organizações sociais do terceiro setor são, de modo geral, estruturadas por projetos sociais¹⁴², podendo uma mesma organização possuir mais de um¹⁴³.

¹⁴² As organizações observadas no estudo (como Ilê Aiyê, Bloco Afro, Associação de Moradores e também Terreiro de Candomblé) e outras existentes no bairro possuem projetos sociais voltados para a comunidade local.

¹⁴³ Os projetos sociais podem ser estruturados formalmente (projetos escritos e enviados para órgãos públicos ou privados para serem apoiados/financiados) e/ou podem ser organizados informalmente (convite para um voluntário assumir a coordenação e administrar internamente, com apoio do público usuário, as atividades). No primeiro formato, isso é observado na maioria dos projetos do Ilê Aiyê e em apenas um projeto do Bloco Afro. A fala de um dos diretores do Ilê ilustra como fazem: “*Editais, a gente concorre a editais, vai em busca de recursos, entende?*” (Diretor Ilê Aiyê, 2011). O segundo formato pode ser encontrado nos projetos da Associação de Moradores (Grupo Idosas e Grupo de Capoeira), também no Bloco Afro e no “trabalho” social do Terreiro de Candomblé (Diários de campo, 2011). Situações que ilustram como ocorrem esses projetos são: “*A Associação chamou [...] me entregaram o Grupo de Idosas [para coordenar]*” (Aretha Franklin, 60 anos); “*Convidei uma pessoa [...] [para dar aula de capoeira]*” (Martin Luther King, 62 anos).

Ressalte-se que cada um desses projetos tem uma história¹⁴⁴ distinta dos demais, bem como se sustenta de forma independente¹⁴⁵ dos outros da mesma organização.

As organizações sociais do terceiro setor que se destacaram por possuir ações/projetos sociais que têm relação com o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contras as violências, foram¹⁴⁶: *Terreiro de Candomblé, Associação de Moradores, Bloco Afro e Ilê Aiyê*.

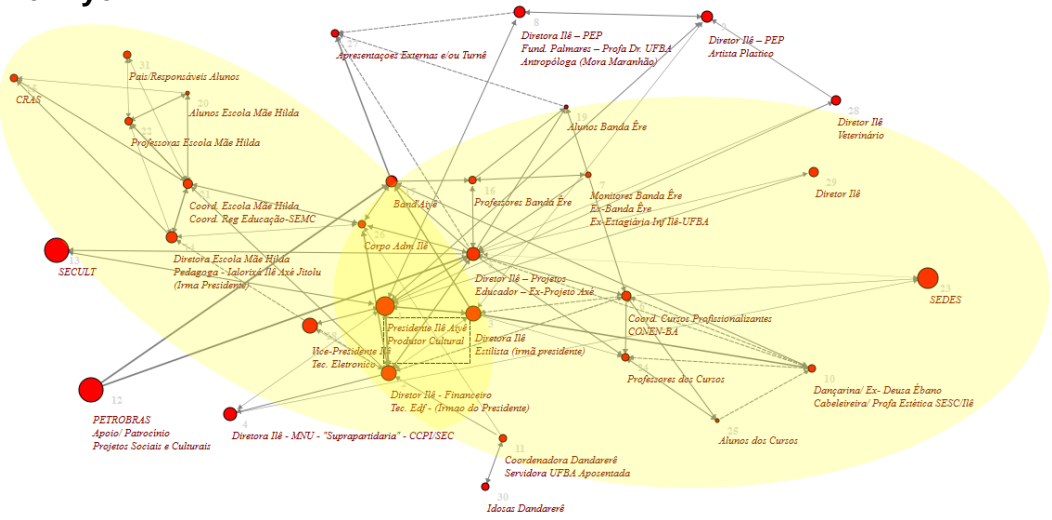
A partir do processo histórico de conformação das redes sociais e dos dados disponíveis, foi possível construir sociogramas que sintetizam e ilustram as relações entres os agentes que compõem essas organizações nos dias atuais. Saliente-se que foram destacadas, nas Figuras, as redes de relações que envolvem os agentes que contribuem para os projetos sociais que podem ter relação com enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências:

¹⁴⁴ Dentro de uma mesma entidade, cada projeto social surge de forma distinta dos demais e, com o passar dos anos, a proposta vai-se adequando às possibilidades que a instituição e o apoio dado garantem.

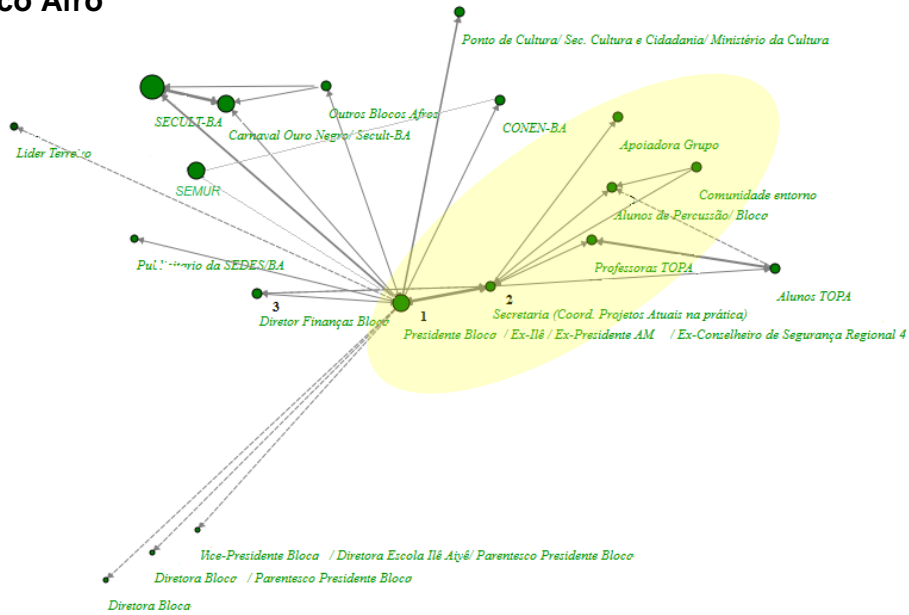
¹⁴⁵ Cada um desses projetos sociais funciona de forma independente dentro da instituição. Eles possuem um corpo que o coordena e apoio e/ou patrocínio específicos. A depender da entidade, a independência pode ser maior ou menor, chegando ao ponto de só terem em comum o uso do espaço cedido pela entidade que propôs o projeto/atividade social. Entre os projetos sociais do Ilê, apesar da autonomia até para a busca de apoio/patrocínio específico para o projeto (o que garante a sua continuidade ou não), todos estão interconectados à proposta central da instituição, bem como ao corpo administrativo e à direção da entidade. Já entre os projetos sociais da Associação de Moradores, há uma grande independência, inclusive administrativa. O principal laço entre os projetos e a instituição refere-se ao espaço, que é compartilhado e mantido por todos. Para o Bloco Afro, os projetos sociais que funcionam atualmente são independentes (um pelo governo, outro em parceria com um grupo do Bairro), entretanto, todos estão subordinados à secretaria da entidade e ao presidente. O “trabalho social” no Terreiro de Candomblé funciona de forma independente, inclusive, das demais organizações do bairro.

¹⁴⁶ Existem outras organizações que também desenvolvem atividades que podem ter relação com o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências. Entretanto, por não terem sido destacadas pelos moradores, ficaram de fora do estudo. Entre os grupos e/ou organizações excluídas estão outros grupos de capoeira e de valsa.

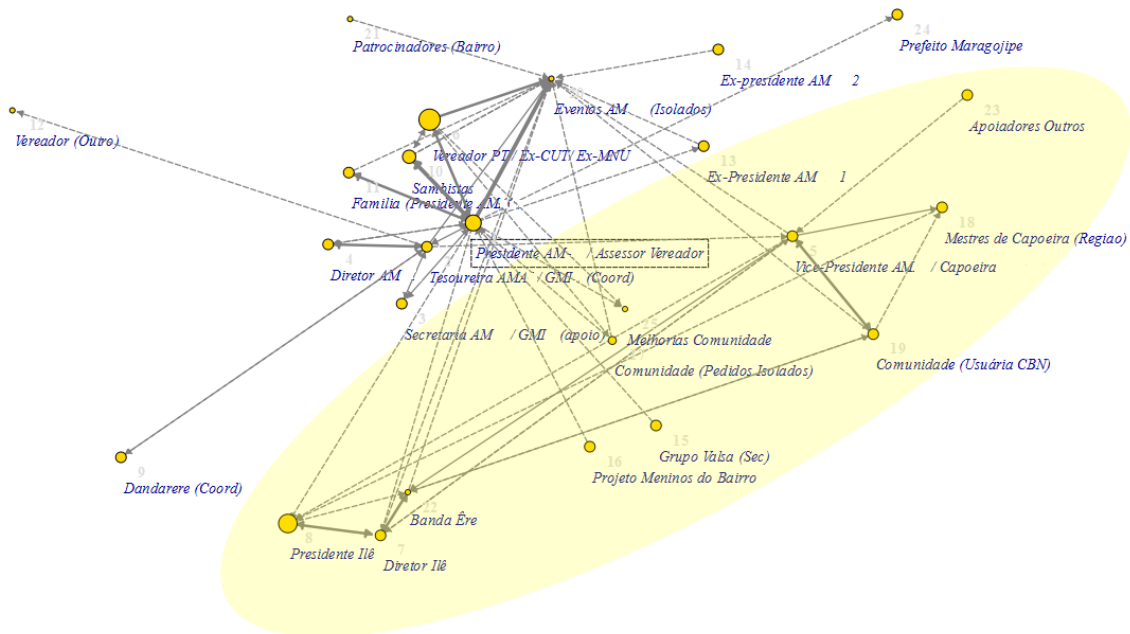
Ilê Aiyê



Bloco Afro



Associação de Moradores – AM



Terreiro de Candomblé

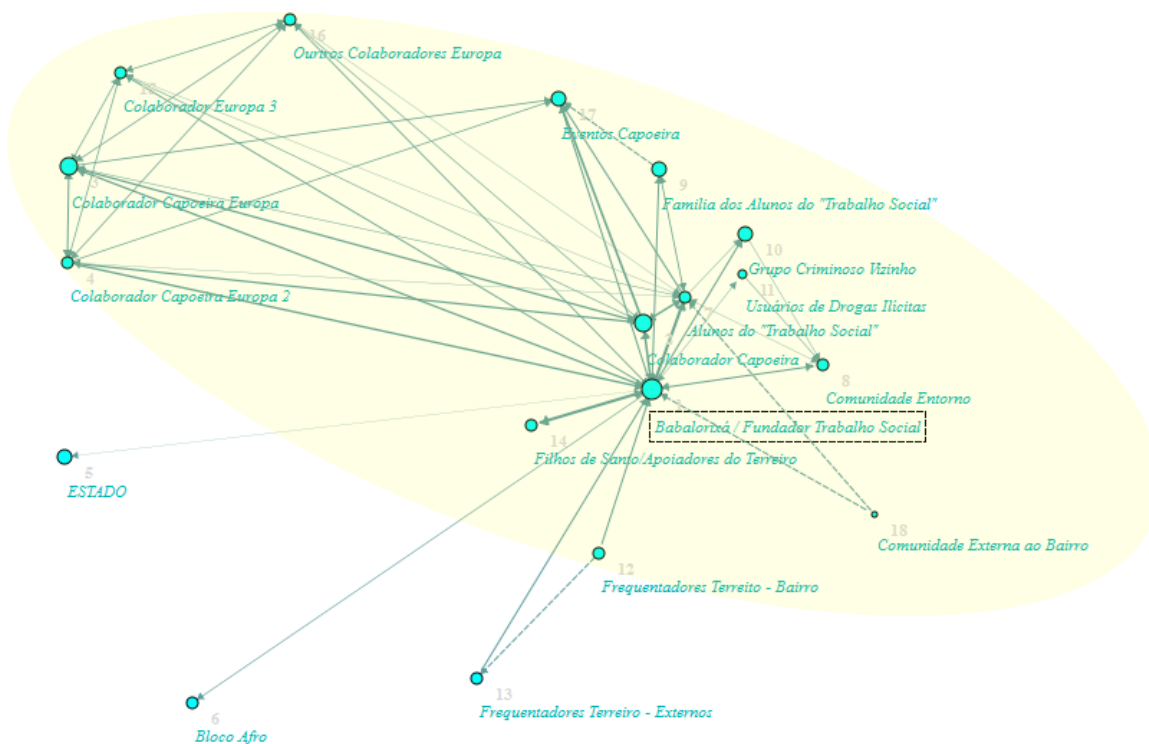


Figura 3 – Sociogramas dos agentes que compõem as organizações sociais do terceiro setor no Curuzu: Ilê Aiyê, Bloco Afro, Associação de Moradores e Terreiro de Candomblé.

Verifica-se que, em todos os sociogramas das organizações, há um ponto que centraliza todas as relações representadas na Figura 3. Nota-se que esse ponto central representa o dirigente da entidade. Além disso, constata-se que há sub-redes em todas as organizações, as quais correspondem aos vínculos estabelecidos pelos projetos sociais.

A existência de relação com o Estado, mesmo que não seja expressiva, como na estrutura do Terreiro, foi comum em todas. Ressalte-se que esse é o principal agente que apoia as atividades propostas pelas instituições, principalmente os projetos sociais. Entretanto, algumas das organizações apresentam vínculos fortes com empresas privadas. Nesse caso, há uma diversificação de agentes apoiadores da entidade.

Ao comparar as diferenças entre as redes, verifica-se que o Ilê Aiyê é a organização que consegue mobilizar maior número de agentes sociais (internos da organização e externos). Além disso, é a que apresenta atores com maior quantidade de acúmulos de funções dentro da organização e fora dela. Por exemplo, há diretores que também ocupam cargos políticos no governo e/ou são diretores de outras organizações do movimento negro, ou que são professores universitários. Há uma diversidade de atores com distintos níveis de poder no espaço social, que são mobilizados por essa mesma instituição.

As demais organizações possuem maior quantidade de laços com atores da própria localidade, enquanto o Ilê ultrapassa os limites do bairro, na medida em que estabelece vínculos fortes com instituições patrocinadoras. Saliente-se que o Terreiro possui relações com atores que estão, hoje em dia, na Europa. São ex-alunos do projeto social que migraram para lá e ainda mantêm contato com a organização e com o projeto.

No que se refere ao aspecto de manutenção da entidade, Fontes e Eicher (2001) advertem que a capacidade dessas organizações não governamentais em mobilizar recursos para sua manutenção não é função exclusiva de sua missão, pois o sucesso do que empreendem (as atividades que propõem), depende da disponibilização desses recursos.

A partir da identificação de como essas organizações conseguem mobilizar recursos, é possível identificar o volume de capital social que cada organização

possui. Segundo Bourdieu (1980, p.67), esse volume depende “[...] da extensão da rede de relações que ele [agente] pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”.

Nesse sentido, é possível constatar, pela dinâmica das organizações retratadas nos sociogramas, que o Ilê é a organização com maior acúmulo de relações que consegue mobilizar, além de ser a que consegue angariar mais recursos.

Ressalte-se que, embora o Terreiro seja a que tem menos recursos financeiros, é a que mais consegue mobilizar voluntários que garantem o “trabalho social” proposto. Já entre as demais organizações, como Bloco Afro e a Associação de Moradores, algumas atividades sofrem pela falta de financiamento, entretanto são mantidas dentro das possibilidades que possuem.

Apesar de os sociogramas acima indicarem existência de relações entre algumas dessas organizações sociais, não é possível identificar como são esses vínculos. A construção de novo gráfico (Figura 4) se fez necessária com o intuito foi de descrever as interações (laços) entre essas quatro organizações destacadas. Saliente-se que o sociograma a seguir dá ênfase aos projetos sociais (voltados para público jovem) que cada uma dessas organizações desenvolve.

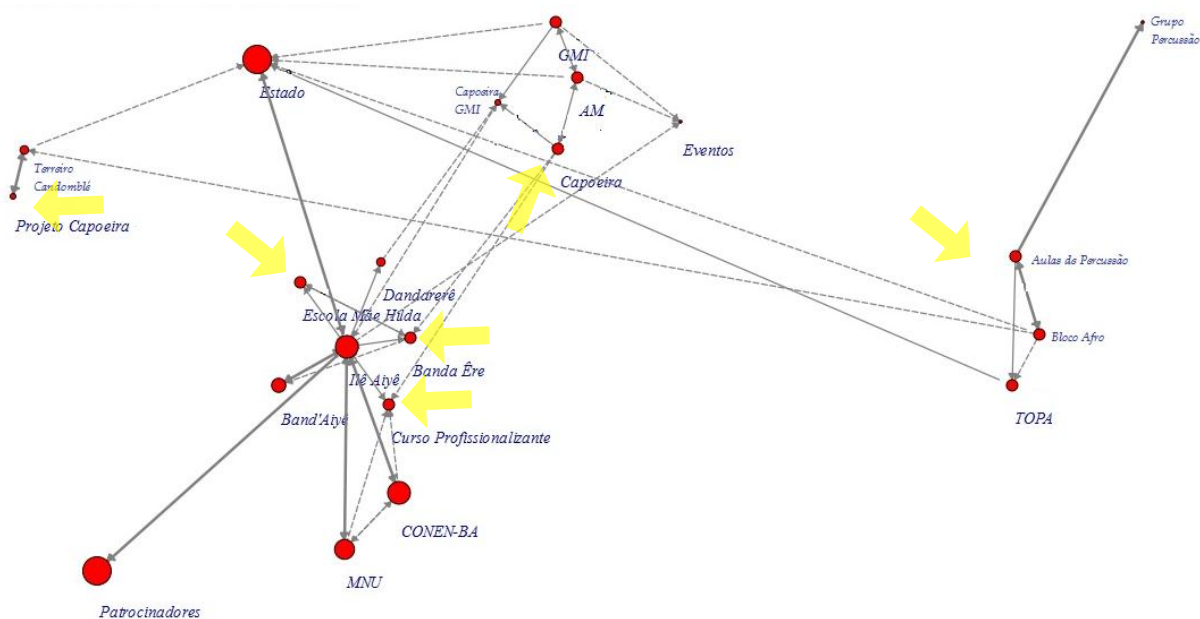


Figura 3 – Relação entre as principais organizações sociais que promovem ações de enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências na perspectiva dos moradores (Ilê, Bloco Afro, Associação de Moradores e Terreiro de Candomblé).

Verifica-se que as organizações têm relações entre si e que os vínculos parecem frágeis. Entretanto nem todas se comunicam. O Terreiro de Candomblé e o Bloco Afro são os mais isolados dentro dessa estrutura. Eles mantêm apenas vínculos entre si (especialmente entre o líder religioso e o presidente do Bloco Afro) e com o Estado. Saliente-se que, apesar de não estar registrado na Figura, notou-se na observação diária uma troca, isto é, vínculos duplos entre usuários do Bloco Afro e outros projetos como a Escola Banda Êre (entre os jovens que frequentam as aulas de percussão) e o Grupo de Idosos da Associação dos Moradores (entre os idosos do TOPA do Bloco Afro).

É importante ressaltar que, nessa estrutura social, é o Estado que possui relação com todas as organizações. Vale lembrar que essas organizações têm de procurar como se sustentar, haja vista que suas ações enquanto projetos sociais

não têm fins lucrativos. O Estado então surge para alguns projetos como fonte de apoio e manutenção ¹⁴⁷.

As organizações do Ilê Aiyê e Associação dos Moradores (AM) apresentam intensa relação entre os próprios projetos existentes de modo que formam sub-redes nessa estrutura. Essas organizações também têm vínculos entre si, pois também é permitido ao público usuário pertencer a duas instituições. Entretanto, a relação entre essas redes vai além disso, afinal há momentos de parceria para eventos pontuais como confraternizações e também em projetos maiores como *Caminhadas da Paz*, *Virando o Jogo* e *Corredor Cultural da Liberdade (Turismo Étnico)*. No que se refere à cooperação para lidar com eventos de violências, não foram observadas, durante o período do estudo, iniciativas nesse sentido. Apenas foram revelados os projetos que se desenvolvem isoladamente.

Observa-se que os projetos sociais em destaque são o “Trabalho Social” (Projeto Capoeira) do Terreiro de Candomblé, o Grupo de Capoeira (Associação de Moradores), Atividades/Aulas de Percussão (Bloco Afro) e as Escolas Mãe Hilda, Banda Êre e Profissionalizante (Ilê aiyê). Ressalte-se que esses projetos funcionam de forma isolada, isto é, não foi observada nenhuma relação entre eles, mesmo quando são projetos de uma mesma instituição. O que há em comum entre eles é o público usuário que pode circular em mais de um (coincidir de ser o mesmo).

Diante do destaque dado aos projetos sociais das organizações não governamentais bem como sua importância para a comunidade atualmente, interessou, portanto, para este estudo, analisar os projetos sociais dessas organizações. Desse modo, foi possível verificar qual a relação que possuem com enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências.

¹⁴⁷ No que se refere a esse aspecto de manutenção da entidade, Fontes e Eicher (2001) dizem que a capacidade que essas organizações não governamentais têm de mobilizar recursos para sua manutenção não é função exclusiva de sua missão, pois o sucesso do que empreende (as atividades que propõe) depende da disponibilização desses recursos. A partir da identificação de como essas organizações conseguem mobilizar recursos, será possível identificar o volume de capital social que cada organização possui. Segundo Bourdieu (1980, p.67), esse volume depende “[...] da extensão da rede de relações que ele [agente] pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”. Entretanto este não é o foco do estudo.

6 OS PROJETOS SOCIAIS DAS ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR NO CURUZU: O PAPEL NO ENFRENTAMENTO, PREVENÇÃO E/OU PROTEÇÃO CONTRA AS VIOLÊNCIAS

Todo mi propósito científico parte en efecto de la convicción de que sólo se puede captar la lógica más profunda del mundo social a condición de sumergirse en la particularidad de una realidad empírica, históricamente situada y fechada. (BOURDIEU, 1997, p.12).

A atenção ao significado da concepção/percepção de violência se faz necessária, pois a perspectiva que se tem desse termo pode orientar as práticas cotidianas. Desse modo, será possível entender até que ponto as propostas dos projetos sociais se relacionam ao enfrentamento, prevenção e/ou proteção das violências.

A fim de entender essa relação, torna-se necessário considerar os seguintes aspectos: as *concepções* que os dirigentes/coordenadores têm de *violências*; as *percepções do papel desempenhado pelos projetos em relação ao enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências*; e como eles *lidam com as situações de violência* quando o público usuário dos projetos sociais é por ela acometido.

Como são projetos distintos e a maioria pertencente a diferentes organizações, as informações trazidas foram divididas por cada instituição, enfocando a atividade em destaque. São apresentados, portanto, as percepções dos agentes sociais das seguintes organizações (projetos sociais): *Ilê Aiyê* (Escolas Mãe Hilda e Banda Êre e Cursos Profissionalizantes), *Bloco Afro* (Aulas de Percussão), *Associação de Moradores* (Grupo de Capoeira) e *Terreiro de Candomblé* (“trabalho social” com capoeira).

6.1 ILÊ AIYÊ

O Ilê Aiyê é uma organização com muitos projetos sociais, entretanto interessa para o estudo apenas os que trabalham com o público jovem. As *Escolas Mãe Hilda, Banda Êre e Cursos Profissionalizantes* direcionam suas atividades para esse público e, assim como os demais projetos, se ancoram na proposta central da organização. Essa proposta influencia a percepção dos agentes quanto às atividades que realizam e sua relação com a prevenção e/ou proteção contra as violências.

Torna-se, portanto, necessário descrever os seguintes aspectos: *proposta de atuação da organização e dos projetos sociais* em destaque; a *concepção de violência no bairro*; a *percepção dos agentes* que compõem o Ilê *acerca do papel dos projetos e sua relação para proteção e prevenção das violências*; as *estratégias usadas para lidar com as violências que afetam o público usuário*; e *influência dos projetos em relação ao enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências*.

6.1.1 Ilê Aiyê e os projetos educativo-culturais

A *Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê* nasce como bloco de carnaval de cunho contestador (influenciado pelo contexto sociopolítico-econômico da época aliado à experiência pessoal vivenciada por seus fundadores-). Posteriormente, conforma-se enquanto instituição promotora de educação (Escola de Alfabetização Mãe Hilda, Escola Profissionalizante Ilê Aiyê, etc.) e cultura (Bloco de Carnaval, Escola de Percussão, Canto, Dança e Cidadania Band'Erê, etc.).

De um modo geral, os projetos sociais destacados apresentam uma proposta diferenciada, pautada no fortalecimento de conteúdos distintos e complementares dentro da cultura negra: educação a partir dos princípios do terreiro (respeito – aos mais velhos e ao ambiente –, obediência e disciplina)¹⁴⁸ e no “recontar” da história

¹⁴⁸ Segundo informações em panfletos e também no próprio *site* da entidade, há também influências do terreiro (de como se organiza hierarquicamente e dos princípios de respeito, disciplina e

do negro (reconhecendo personagens históricos e de referência para o povo negro)

149

A educação ancorada nos princípios do terreiro influencia a conformação do sujeito, isto é, na forma como a criança introjeta as regras sociais e sua posição naquele espaço. Desse modo, revela-se a potencialidade desse formato educacional como grande contribuidor para o *habitus* dessas crianças (dessa geração).

Entretanto, não foi notada a repercussão desse formato educacional no comportamento dos jovens de modo marcante nos dias atuais¹⁵⁰. É importante ressaltar que houve uma perda do contato cotidiano com o terreiro dada a mudança da Escola para a nova sede em 2005. Em consequência, houve o distanciamento do *habitus* dos terreiros, afinal o contato passou a ser feito mediante visitas pontuais que se faziam a este espaço, bem como a lalorixá deixou de exercer seu papel (orientação educacional). Além disso, houve mudanças no quadro de professores (não eram mais as 'iaôs') e muitos deles “*não se arvora [nem] a discutir a Lei*

obediência) na educação das crianças, tendo reflexo na relação destas com a família. O trecho informado no site diz: “*Dentro da comunidade de um Terreiro de Candomblé existe uma hierarquia entre o ‘povo de Santo’. O titular de uma ‘Casa de Candomblé’ é uma Yalorixá, no caso de uma mulher ou Babalorixá se for um homem. Seguindo essa hierarquia, encontram-se os ‘ogãs’ (homens) e ‘equedes’ (mulheres). Em seguida as ‘ebamis’ que são as iniciadas com 7 anos de obrigações feitas e por fim as ‘iaôs’ que são as novas no Santo. A relação entre esse conjunto de filhos e filhas de um Terreiro é de muito respeito, disciplina e obediência. O respeito aos mais velhos, no Santo (independente de idade cronológica), o respeito às crianças, os cumprimentos (a bênção), o respeito à natureza e ao seu semelhante e o respeito a toda e qualquer religião, são uma prática do dia a dia dentro da comunidade de um Terreiro. Os alunos da Escola convivem com essa prática e aprendem a viver nesse espaço naturalmente, e começam a ter novas posturas ao assimilarem esses valores. Temos alunos de várias religiões na Escola, pois o que eles aprendem é respeitar a religião do outro. Todos os alunos sabem que a Escola funciona no espaço sagrado do Terreiro, por isso eles não dizem palavras, porque não ouvem ninguém dizer. Essa ‘nova’ postura das crianças tem refletido na família destes, segundo o depoimento da maioria das mães”.* Para maiores informações, acessar o site do Ilê Aiyê: < www.ileaiye.org.br/maehilda.htm >.

¹⁴⁹ Esse aspecto tomou maior consistência com a chegada do Projeto de Extensão Pedagógica – PEP, em 1995. Participam do PEP: professores (Letras, Administração, Estética, Artes, etc.), compositores, músicos, artistas plásticos e outros. A partir dessa equipe, uma parte faz pesquisa *in loco* sobre a história do negro na localidade escolhida como tema, e a outra parte desenvolve os produtos (cadernos, *folder*, tecidos, etc.) (Caderno de Educação Ilê Aiyê, 2004; Entrevista com Colaborador do Ilê Aiyê, 2011).

¹⁵⁰ Embora algumas crianças solicitassem a bênção, a maioria não o fazia. Mesmo quando pediam, realizavam de forma corriqueira e bastante diferente do jeito que os jovens, filhos e netos de uma colaboradora do Ilê e também filha de santo, faziam (pediam a bênção assim que chegavam ao recinto e cumprimentavam abaixando a cabeça, pegando na mão como se fosse um ritual, só que de forma naturalizada). O respeito às figuras dos coordenadores e professores foi notado, entretanto é comum ao que ocorre nas diversas escolas.

10639¹⁵¹ porque ela tá muito forte, muito embasada na religiosidade, no resgate todo do povo negro” (Colaborador Ilê Aiyê).

A estratégia de “recontar” a história do negro funciona como uma forma de (re)elaborar¹⁵² a sua própria experiência (coletiva e individual). A partir do produto construído pelo Projeto de Extensão Pedagógica – PEP, é possível valorizar as histórias em que há o protagonismo e/ou heroísmo do negro bem como a cultura negra¹⁵³. Muitos alunos introjetam alguns desses aspectos propostos pela entidade, sendo na estética¹⁵⁴ que se verifica a imediata mudança comportamental de valorização e reafirmação racial, especialmente na mulher.

Sawaia (2011, p.126) esclarece que a identidade é um “[...] processo político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes”. Esse processo, muitas vezes sutil, constrói (nega e/ou reforça) a identidade de um indivíduo ou de um grupo, inclusive perpassa pela afetividade e identidade com o lugar. Na medida em que se reconstrói e (re)elabora a identidade (individual e coletiva) do negro no Curuzu-Liberdade-Bahia, um novo processo político de reinserção social e disputa de espaço se coloca na sociedade baiana e brasileira.

Há também uma preocupação em “instrumentalizar” os jovens de modo a conseguirem uma melhor posição social, além de músico ¹⁵⁵. Nesse sentido, o

¹⁵¹ A Lei 10.639/03 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"

¹⁵² Usado no sentido freudiano encontrado no texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914).

¹⁵³ No caso, a cultura negra trazida pela instituição e enfatizada na valorização de elementos do candomblé. Para muitos negros, especialmente os militantes do movimento negro, não é necessário se identificar com esses aspectos para se sentir negro. Entretanto, para a cultura do entorno, a influência do candomblé é forte e marcante. Mesmo quem diz que segue outras religiões, quando tem festa e outra necessidade vai para o candomblé. Uma senhora, que diz ter-se convertido à fé batista, confessa que ainda vai ao candomblé e que, quando chega às festas, vê o “povo todo do Curuzu lá”. Além disso, os jovens que gostam de tocar atabaque e outros instrumentos de percussão, sabem o ritmo dito pelos candomblecistas para tocar (situação bastante frequente na capoeira) (Diário de campo, 2011).

¹⁵⁴ Os cabelos são a primeira e mais visível mudança (trançados, *black*, cacheado ou de *dreads*).

¹⁵⁵ Moradores do Curuzu que hoje são músicos, contam que aprenderam percussão no Ilê. Alguns deles trabalham com cantores famosos no cenário da música da Bahia, como Tatau (ex-Araketu) e Gerônimo; outros criaram escolas de percussão em países da Europa. Uma manicure do bairro comenta que “os meninos [filhos e sobrinho] desde pequenos eram doidos para entrar no Ilê”. Então, iniciaram na Banda Êre e depois se tornaram músicos do Ilê. Em uma turnê da banda, o sobrinho dela resolveu ficar na França. Lá ele se casou e formou uma escola de percussão. (Diário de campo, 2011). Ainda hoje, uma adolescente do bairro comenta: “[...] tem muitas crianças que [...] diz: ‘Ah mãe, eu quero ser Deusa do Ébano, ah mãe, quero ser um tocador do Ilê’” (Lauryn Hill, 19anos). Por outro lado, um colaborador do Ilê Aiyê mostrou-se preocupado com essa motivação dos meninos de

formato de algumas dessas escolas vem mudando juntamente com sua concepção. Aumentou a preocupação com o estado motivacional das crianças¹⁵⁶, por isso, procura-se ser “criterioso” com a faixa etária¹⁵⁷. Atualmente, a pretensão é colocar atividades que aumentem o universo deles para além da percussão e artística, isto é, que despertem também a vontade de ir para a universidade¹⁵⁸.

Verifica-se, portanto, que um novo movimento ancorado na reafirmação racial se firma e ganha cada vez mais poder no cenário baiano e brasileiro (popularização do movimento negro). Ao mesmo tempo, incentiva-se um investimento na formação escolar tradicional, priorizando o acúmulo de diplomas (investimento no capital escolar). Além disso, esse universo criado pela organização permite que o aluno entre em contato com outras instituições (universidades, programas do governo, etc.) e pessoas com outros acúmulos culturais e econômicos (músicos, cantores, professores universitários, políticos, militantes do movimento negro, etc.).

Diante desse contexto, nota-se a potencialidade de ampliação e acúmulo de capital social entre os jovens que frequentam esse espaço. Entretanto, a dinâmica

ser músico com o Ilê: “*Esse legal ele é chato porque, assim, o Ilê não vai ter como absorver cento e vinte meninos a cada dois anos [de curso da Banda Êre]. Não tem. Não vai fazer isso ao longo, e nem é a cada dois anos, porque assim eles vão entrando, vai saindo outros, com a idade, isso aqui é uma passagem, um momento onde a gente vai aprender várias coisas, né?*” (Colaborador Ilê Aiyê).

¹⁵⁶ A motivação da criança torna-se cada vez mais uma preocupação no intuito de evitar evasão: “*Aí [quando traz um professor que ‘desenvolva atividades práticas de ser cidadão’ que não somente a expositiva], eu vou ter assim uma relação motivacional muito boa para esses meninos. Essa é a ideia disso, tá acontecendo de fato. É uma coisa de segunda-feira, porque senão o menino evade. Segunda-feira tem que ter uma atividade, o menino tem que vim para cá motivado pela segunda, pela terça, pela quarta, pela quinta e pela sexta. Não vim motivado só pela sexta-feira por causa da percussão. Isso foi um grande equívoco nosso ao longo do processo e eu venho desconstruindo [...]*” (Colaborador Ilê Aiyê).. Outro aspecto que preocupa com a motivação é no sentido de ter atividades atrativas e mais interessantes que eles podem ter fora: “*Porque assim eu segurar um menino quatro horas e meia aqui dentro tem que ser muito bom, tem que ser um apelo muito legal durante a semana. Lá fora os atores são muitíssimos e você percebe, não tem jeito*” (Colaborador Ilê Aiyê).

¹⁵⁷ A faixa etária dos alunos da Banda Êre é de 9 a 14/15 anos. Apesar de haver meninos acima dessa faixa interessados em continuar na escola, um colaborador do Ilê Aiyê informa que não dá: “*A gente vai tá trabalhando com menino de nove a quinze anos, [...] não dá mais para mim pegar mais velho porque [...] a própria demanda dos meninos de dezesseis anos é só para percussão [Para essa faixa, tem que ter outra proposta de atividade]*” (Colaborador Ilê Aiyê).

¹⁵⁸ Na perspectiva de um dos colaboradores, a pretensão das escolas do Ilê não é formar percussionistas, mas enviar os jovens para universidade. O trecho a seguir informa que: “*não tenho a pretensão [...] de fazer [...] a cada ano percussionistas. A percussão é um chamariz [...] . Então vontade, sim, de conseguir um grupo enorme de meninos para mandar para UFBA [...] aumentar universos. A parte artística percussiva deles acho legal, eu valorizo isso muito, mas isso é instrumento, é instrumento de passagem, de ritual para umas outras coisas. Essa é a grande ideia, né?*” (Colaborador Ilê Aiyê).

do mundo social é complexa e, portanto, devem ser considerados também o *habitus*¹⁵⁹ e o desejo (motivação)¹⁶⁰ do sujeito/agente.

É importante destacar que a maioria do **público** (usuário) que frequenta esses projetos é do bairro e/ou região próxima (Pero Vaz, Central, Siero, Guarani, Santa Mônica, San Martin, etc.)¹⁶¹. Apenas os cursos profissionalizantes atraem pessoas para além do entorno, isto é, oriundas dos bairros da Suburbana e outras localidades mais distantes.

A faixa etária abrangida pelos projetos sociais vai dos 9 aos 14 anos de idade (Escola Mãe Hilda e Banda Êre) e dos 17 aos 19 anos (Cursos Profissionalizantes). Percebe-se que há um hiato nesse público jovem que corresponde aos maiores de 15 e 17 anos¹⁶², o que é identificado por um dos colaboradores da entidade. Ele está preocupado em “segurar” os meninos na instituição e, para tanto, um novo projeto está sendo esboçado. Enquanto isso, poucos são os jovens dessa faixa etária que estão sendo absorvidos pela organização (como monitores da escola).

¹⁵⁹ Observa-se que, apesar de uma ex-aluna do Ilê ampliar seu capital escolar (com o diploma que habilita, ela ser agora monitora de informática) e social (com as relações que hoje ela é capaz de mobilizar na instituição e na UFBA), continua explicando o desejo a partir da estrutura estruturante do *habitus* social que vive e introjetou: “*Eu sempre digo isso a minha mãe. [...] De fazer faculdade eu penso, mas eu penso em faculdade assim, depois que eu concluir meu curso, que eu quero ser policial [...] É um sonho desde pequena mesmo, desde pequenininha. [...] Não sei explicar [...] Eu acho que já é de sangue, né? Porque a família em peso é policial*” (Lauryn Hill, 19 anos).

¹⁶⁰ O desejo, no sentido psicanalítico, também movimenta esse sujeito/agente social. Afinal, foram também encontradas, durante a convivência no bairro, histórias de vida de pessoas que são oriundas de localidade vizinha (conhecida por alto índice de homicídio e criminalidade) e que frequentam o espaço do Curuzu para lazer. Destaca-se uma história em especial, de um rapaz que estudou em escolas públicas na região e fez seu curso técnico na área de saúde, posteriormente se graduou e hoje trabalha tanto na rede de saúde pública quanto na privada. Ele conta que, mesmo tendo familiares (primos e tios) e amigos (vizinhos) envolvidos em situações de violência devido à criminalidade (muitos deles já morreram), nunca deixou se influenciar pelo ambiente social e familiar em que vivia, pois havia um desejo que o movimentava: conquistar uma posição social (profissional e econômica) que lhe permitisse “[...] ter as mulheres que via nas revistas”. Ele diz que é o único da família que tem essa formação escolar e que muitos nem terminaram o segundo grau. (Diário de campo, 2011).

¹⁶¹ O trecho da fala da Colaboradora do Ilê Aiyê exemplifica o grau de conhecimento que os alunos têm entre si: “*Eles tudo se conhece, eles sabe, um qualquer que você perguntar onde é que um mora ou dá recado eles dão o recado*” (Colaboradora do Ilê, 2011).

¹⁶² É exatamente a faixa etária a qual a literatura na área de Psicologia indica como crucial para a passagem para a vida adulta. Entretanto, é necessário entender esses jovens circunscritos em sua história social e individual. De maneira abrangente, um comportamento identificado como frequente nessa faixa etária entre homens e mulheres é o de terem filhos: “*Muitas meninas não querem nada, muitas já estão cheia de filhos*” (Lauryn Hill, 19 anos). Entre os homens, foram observados alguns casos entre os netos das idosas que estão nessa faixa etária e já têm filhos (Diário de campo, 2011).

Após esse panorama, é possível entender as concepções da organização que orientam as práticas no interior dos projetos. Com isso, é possível saber a concepção de violência no bairro na perspectiva dos colaboradores do Ilê Aiyê.

6.1.2 Percepção acerca da violência no bairro

A percepção da violência no bairro trazida por todos os colaboradores entrevistados se refere aos homicídios. Entretanto eles consideram os índices “iguais em toda cidade” e um os considera serem “poucos” (somente no Curuzu). Enquanto duas colaboradoras informam que o que fazem já ajuda a população do bairro, um colaborador acredita que “Universo não é só a Liberdade e o Curuzu [...]” e explica a preocupação dele com a educação pública, cada vez mais sucateada, pois acredita na “instrumentalização” do jovem:

O Liceu de Artes e Ofícios, foi embora. A escola Parque vai embora. [...] É porque ela tá sucateada. O que é que é isso? Isso é sério. Isso é sério. Quando [...] o cara entra no ensino médio, formação geral. Para com isso. Formação geral é do primeiro ano ao terceiro ano e do segundo ano fazer um curso de aptidões para esse cara. (Colaborador Ilê Aiyê).

Independentemente da divergência em relação à abrangência da violência, todos concordam que a intervenção que fazem (âmbito escolar) contribui para influenciar a realidade. Além disso, apontam a preocupação com o “sucateamento” de demais organizações governamentais de ensino e indicam a necessidade de “instrumentalizar” cada vez mais o jovem, isto é, desenvolver aptidões específicas que o habilitem para o trabalho.

Tendo em vista as concepções dos projetos e da violência na perspectiva dos coparticipantes da organização, pode-se, portanto, compreender as percepções que colaboradores e usuários das escolas do Ilê possuem sobre a relação das atividades com a proteção e prevenção das violências.

6.1.3 Projetos sociais do Ilê Aiyê e sua relação com a proteção e prevenção contra as violências: perspectiva dos colaboradores e usuários

Na perspectiva de um dos colaboradores, as Escolas do Ilê (e projetos similares) têm a possibilidade de mudar o contexto de violência, mesmo considerando a “questão estrutural”. Ele constata o seguinte:

Eu acho que mesmo com [...] questão estrutural, mudou sim. Eu acho que [...] se você tiver projetos interessantes e legais, você consegue dar frente a essa questão [...] Os meninos que tão dentro do projeto, você raramente [...] vai saber que eles estão envolvidos numa situação de violência, de tráfico, de drogas, entendeu? Não tem. [...] Não tem. Essa situação, isso é um dado gostoso, interessante de dizer. E a gente sabe que é isso, né? Porque aí o menino não [entra], [...] tem que ter umas coisas legais para esses caras tá fazendo. (Colaborador Ilê Aiyê).

Esse agente salienta que é raro ver um menino inserido em algum desses projetos envolvido em situação de violência e/ou tráfico de drogas. Apesar dessa constatação e dos exemplos de jovens que “aumentaram seus universos” com os projetos sociais do Ilê¹⁶³, a realidade social em que vivem se impõe de forma a manter esses jovens em situações vulneráveis à violência. O trecho a seguir descreve como o contexto social de violência corta a vida deles:

[...] se não existisse o Ilê aqui na comunidade, hoje tinha muitas coisas fora do normal. Como um colega meu mesmo [...] da Banda Êrê, hoje já tá morto por [engano] [...]. O irmão brigou com um menino, o cara veio por trás e deu uma facada nele. [...] E hoje tem outro amigo meu que tá... ladrão, tá fugitivo, não bota os pés aqui no Curuzu, porque os outros quer matar, então fica chato isso. [...] aí a gente não pode falar porque a gente fica com receio de chegar ali: 'pô, será que eu vou falar com ele? Aliás, não, porque daqui a pouco tem alguém vendo atrás e vai achar que eu já sou parceira dele'. Aí eu fico olhando assim, muitas meninas não querem nada, muitas já estão cheia de filhos [...], algumas tão bem de vida, como [Fulana] foi para faculdade agora, tem [...] vinte anos ela. [...] Eu sempre digo a ela quando a gente tá junta: 'continue assim minha filha, não vá pro

¹⁶³ A partir da fala de uma ex-aluna que retorna como monitora do projeto, é possível notar o “aumento do universo” dela: “[...] quando ela [mãe] me botou [na Banda Êrê], eu disse: 'é aqui que eu vou crescer, é aqui que eu vou viver, é aqui que eu vou aprender para amanhã ou depois eu tá lá fora' Dito e certo: até hoje estou aqui e agradeço muito. Já saí [foi fazer qualificação na UFBA pelo Ilê], **já voltei** [como monitora] e, mesmo se eu sair, eu posso sair, mas sempre eu vou sair com um pé aqui dentro” (Colaboradora do Ilê).

mundo não, porque no mundo a gente não vamos ter nada para oferecer a gente. Tem sim, droga, muita droga, muita prostituição, muita festa, mas o futuro quem faz somos nós, não é lá fora, não é meu mundo'. (Lauryn Hill, 19 anos).

Percebe-se que são ações de sujeitos sociais que tentam influenciar e/ou modificar a estrutura social em que vivem. É uma busca por acúmulos de capitais simbólicos, de modo a permitir alguma mudança de posição dentro do espaço social. Entretanto as marcas da realidade afetam por estarem bem próximas deles, e a organização terá de lidar com essas situações.

O enfrentamento das violências faz parte do cotidiano de quem trabalha com esse público. Como será, então, que eles lidam com essas situações no cotidiano? As estratégias usadas em eventos como esses devem ser consideradas para entender o papel do projeto e da organização nesse aspecto.

6.1.4 Estratégias de enfrentamento da violência que afetam o público usuário das escolas do Ilê

As estratégias relatadas de enfrentamento das violências (diretas ou indiretas) acometidas aos jovens foram, de modo geral, similares. Para entender melhor como esses eventos se desenrolaram, é necessário contar como ocorreram. Verificou-se, portanto, que houve uma gradação nas situações de violências reveladas: “falar o que não deve”, violência entre as crianças e situações de violência e/ou vulnerabilidade na família das crianças. Os trechos abaixo informam como foram essas situações:

['FALAR O QUE NÃO DEVE'] [...] .quando a criança tá muito hiperativa, muito demais, falando coisa que não deve, a gente encaminha pro CRAS¹⁶⁴. [...] Que eles são muito hiperativos, às

¹⁶⁴ O CRAS – Centro de Referência da Assistência Social é uma unidade pública que atua com famílias e indivíduos em seu contexto comunitário, visando a orientação e fortalecimento do convívio sócio-familiar. Atende famílias que, em decorrência da pobreza, estão vulneráveis, privadas de renda e do acesso a serviços públicos, com vínculos afetivos frágeis, discriminadas por questões de gênero, idade, etnia, deficiência, entre outras. Cada unidade do CRAS conta com assistentes sociais, psicólogos, estagiários e pessoal de apoio. São a porta de entrada do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e acessam uma série de serviços, através do Programa de Atenção Integral à Família (PAIF). Maiores informações acessar a página da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza da Bahia www.sedes.ba.gov.br

vezes fica agressivo demais. E assim aquela coisa muito de, que a gente vê na rua. Eles falam muito de arma, falam muito de briga, falam muito que vai dizer que vai querer matar o outro, aí qualquer coisinha diz que vai pegar lá fora. E a gente não quer isso aqui. Aí, o que é que a gente faz? A gente encaminha pro CRAS. Aí exige que a mãe leve. E aí só, se a mãe não levar a gente dá, vai dizer que vai tirar o aluno, dá um tipo de ameaça a ela para poder levar para ver se a criança [...] (Colaboradora do Ilê).

[VIOLENCIA ENTRE CRIANÇAS] [morte na família], aí eu fiquei um período grande aqui sem vir para escola. E assim logo quando eu vim, [...] aí já tinha uma bomba aqui estourada. Porque os meninos brigaram na sala, [...] aí disse que o aluno tinha dito em casa que a professora [...] tinha mandado outro aluno bater nele e tinha segurado também. Mas só que a mãe ou o pai não procurou a escola, não veio na escola. O que foi que ele fez? Ele agiu por livre e espontânea vontade dele, foi na casa do professor. E aí o que foi que se tornou? Se tornou uma briga e feia. Não deu morte, não deu nada porque [...] o pessoal soube contornar [...] . Se tivesse um parente até mais violento podia acontecer outra coisa pior. Mas ficaram só na discussão(...) E aí depois veio praqui para escola [...] no dia que eu voltei. Aí ele dizendo que ia fazer, que ia acontecer, que ia dá queixa, que ia para esses programas. Esses programas que passa na televisão(...) Ficou da gente resolver para chamar as crianças. Porque assim, o menino, o menino dele foi, e aí saiu outras crianças da escola também e foi para casa dele também. [...] As crianças foram aumentar mais ainda, dizendo que realmente a professora tinha feito aquilo [...] . Aí o que foi que foi feito? [...] Chamou [os pais dos alunos envolvidos] e depois [...] que botou todo mundo reunido, que sentou, que conversou, não tinha nada daquilo, né? [...] foi tudo mentira. E não precisava ele ir para casa da professora fazer escândalo todo, dá o showzinho dele básico. Depois [...] quando passou tudo [...] a gente [...] tirou o menino da escola [nota-se que foi exemplo de resolução de conflito quando não existia CRAS]. (Colaboradora do Ilê).

[VIOLÊNCIA E/OU VULNERABILIDADE NA FAMÍLIA] (..) ela tem nove anos [...] , aí o pai morreu, foi usuário. [...] Mataram. A mãe usuária, tá viva ainda mas [...] quem cria é a avó [paterna]. [...] Aí quando chegou a menina tava lá [tremendo e chorando], aí, [...] na realidade o quê que [...] acontece, aquela menina é criada pela avó e tem as tias que toda hora ela ouve assim: 'você vai ser igual a teu pai!' 'oh, tua mãe é isso, né? Não sei o que?' Aquela história de ficar dizendo pros meninos que eles, da velha [...] e falsa história que 'Filho de [Peixe] [...] Peixinho é'. E aí é complicado porque os meninos ficam aí construindo, aí eu desmontei tudo isso [além disso, a coordenadora da escola sugeriu que a família fosse acompanhada também pelo CRAS]. (Colabor do Ilê Aiyê).

Nota-se que o maior volume de casos trazido concentra-se na situação de “falar o que não deve” e também das situações de violência e/ou vulnerabilidade na

família. Enquanto que o primeiro revela-se como situações cotidianas de brincadeiras que repete os papéis da realidade; o segundo é a concretização da violência dentro da família e que impacta na vida da criança. São situações que não estão isoladas no contexto social em que vivem. Elas são estruturadas e estruturam o próprio espaço social.

É importante ressaltar que anteriormente, situações similares (situações “problemas”) eram enviadas para Mãe Hilda (idealizadora e fundadora da escola) manejá-las¹⁶⁵. Com seu afastamento decorrente da mudança da escola para a nova sede, as formas de enfrentamento passaram a ser de encaminhamento para outras instituições como Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da Liberdade e outras escolas.

6.1.5 Influência dos projetos no enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências

Embora a concepção de violência que os colaboradores têm seja a modalidade letal (homicídios), a proposta da organização é mais forte e marcante, sendo, portanto, o que orienta as ações dos projetos. Para eles, o que oferecem já contribui para evitar o envolvimento dos jovens em “situações de violência, de tráfico, de drogas”.

Nota-se que, de forma abrangente, os projetos sociais em destaque do Ilê Aiyê buscam valorizar a história, cultura e estética negra, bem como “instrumentaliza” os jovens no intuito de que alcancem posições sociais melhores. Desse modo, os projetos influenciam para o aumento do capital social dos jovens.

Além disso, as percepções dos colaboradores e do público usuário dos projetos mostram que são “raros” os jovens que frequentam as Escolas do Ilê se envolverem em “situação de violência”. Observa-se que esse dado, aliado à

¹⁶⁵ Com a mudança das escolas para a nova sede em 2005, houve o afastamento de Dona Hilda, pois “[...] ela sempre acompanhou e sempre ajudou assim dando o depoimento dela e ajudando assim na educação dos meninos, né? Assim na agressividade, quando os meninos vinham, quando brigavam, tinha uma coisa, aí a gente levava: ‘Bora para mãe Hilda que ela vai conversar com você’. Aí falava, conversava e tudo. [...] tinha ela para conversar com eles. Com ele e com a mãe de aluno” (Colaboradora do Ilê Aiyê).

potencialidade que as ações desempenhadas têm de ampliação do capital social, possivelmente contribuiria para a proteção das violências.

Entretanto as estratégias relatadas sobre enfrentamento das violências acometidas aos jovens (como encaminhar para órgão/unidades públicas de referência) revelam o limite de atuação nesse aspecto. Contudo, há outras organizações e projetos sociais no bairro que atuam de forma distinta, abrangendo outros aspectos dessa complexa realidade.

6.2 BLOCO AFRO

A organização foi bastante influenciada pelo Ilê¹⁶⁶, por isso propõe ser um bloco carnavalesco com projetos sociais. O projeto é considerado de grande importância pelo presidente, devido ao potencial de retorno para a comunidade estar inativo¹⁶⁷. Apesar de haver busca por aprovação de outros projetos, as atividades atuais da organização foram trazidas por uma colaboradora. São as *aulas de percussão* comandadas pela professora (Grupo de Percussão¹⁶⁸) que atraem os jovens.

As aulas ocorrem na medida em que existem apresentações. Desse modo, funcionam como ensaios abertos em que os meninos dão a volta na rua, tocando as músicas selecionadas para o evento. Apesar de alguns jovens serem assíduos e ter mães que os acompanham, a maioria deles têm frequência irregular na atividade proposta. A professora de percussão revelou que “*eles só aparecem quando vai ter*

¹⁶⁶ O Bloco Afro foi fundado por um ex-colaborador do Ilê Aiyê que traz consigo um conjunto de experiências e vínculos acumulados por dez anos. Além disso, ele toma como referência o que viveu e apreendeu da experiência que teve no Ilê. Para ele: “[...] o bloco consegue aglomerar pessoas. Depois do Ilê [...] eu vejo [...] essa questão do link bloco de carnaval e trabalho sociais, né?”

¹⁶⁷ Projeto social de turismo étnico no bairro. Para o presidente do Bloco Afro, essa iniciativa (proposta) é de grande importância, pois traz benefícios para a população (geração de renda) que pode estimular a qualificação e um retorno para comunidade.

¹⁶⁸ O Grupo de Percussão dá aulas para jovens e foi convidado pelo próprio presidente do Bloco Afro para fazer parte da instituição e usar o espaço desta para suas atividades. Os ensaios e aulas que anteriormente ocorriam nas ruas do Curuzu, passaram a ter um espaço e vínculo com uma instituição que se responsabiliza pela compra e manutenção dos instrumentos e ainda auxilia conseguindo locais para realizarem apresentações (algumas vezes gratuitas, outras vezes remuneradas) (Diário de campo, 2011).

apresentação” e justificou que “*muitos tão aqui por causa do dinheiro*”¹⁶⁹. Afinal, entendem que se o jovem “*trabalhou e teve dinheiro, tem que pagar*”¹⁷⁰.

Destaca-se também que o **público** (usuário) que frequenta as aulas de percussão é na faixa etária entre 6 e 25 anos. Embora tenha essa ampla faixa etária, a maioria dos alunos que frequentaram os ensaios durante o período do estudo, tinha uma faixa etária menor, isto é, de 6 até aproximadamente 15 anos. Os alunos mais velhos possuíam mais de 20 anos e, normalmente, assumiam a função que parecia de maestro. No que se refere à abrangência geográfica, há alunos do Curuzu e das ruas próximas à sede atual do Bloco Afro.

A partir da contextualização da organização e das aulas de percussão, é possível entender os seguintes aspectos: a *concepção da violência* na perspectiva dos colaboradores da organização; a *percepção da relação dos projetos com prevenção e/ou proteção contra as violências*; e *as influências do projeto*.

6.2.1 Concepção da violência

A concepção que os agentes dessa organização têm da violência está relacionada ao tráfico de drogas. O envolvimento de jovens com o tráfico é visto como um “caminho sem volta”. O trecho da entrevista abaixo ilustra essa percepção:

Mas um jovem desse se ele for [pro caminhos do tráfico, isto é, 'vender drogas'] no primeiro momento é muito difícil tirar, a tendência é ir e continuar, continuar para esses dois cominhos ['ou vai morrer ou vai ser preso, dos dois um'], né? Então, [...] nosso foco maior realmente, sem a gente ter citado, mas é esse: é fazer com que a gente consiga tirar o máximo possível da possibilidade de ir, porque se chegar ele fica. Ele não volta, entendeu. É um caminho sem volta, né? [...] Então [...] a gente tem certeza que tem ser feito muito mais coisa, não é só isso aqui não, tem que fazer muito mais tem que [...] entidades como o Ilê aumentar o trabalho, oportunizar para faculdade, para um emprego melhor [...] No início, quando o Ilê começa o trabalho não [era esse foco], mas eu acho que hoje tem que ser esse, porque é o câncer maior é essa aí, né? Antes não,

¹⁶⁹ Muitos desses jovens que vêm com esse intuito, segundo conta a professora, são alunos da Escola do Ilê Aiyê. Ela ainda explica que eles vêm porque lá “*eles não dão nada pros menino*” e “*que é política deles lá dá nada não*”, por isso “*que vem tudo correndo para mim [professora de percussão]*” (Professora, Diário de campo, 2011).

¹⁷⁰ Relato baseado em Diário de campo (2011)

antes era diminuir a fome, antes [...] tinha coisas menores.
(Colaborador da Organização).

Consideram o consumo e o tráfico de drogas um “caminho muito difícil” e, portanto, um grande problema social (tanto quando a fome de outrora). Nota-se que esse entendimento se aproxima muito da propaganda da segurança pública de anos atrás em que se associava o tráfico à morte¹⁷¹. Entretanto, os agentes pensam que a forma de reagir é, ao invés de combater (como proposto pela publicidade anterior), procurar “oportunar” aos jovens a conquista de “emprego melhor” e, conseqüentemente, uma melhor posição social e segura.

6.2.2 Percepção da relação dos projetos com a proteção e/ou prevenção contra as violências

A percepção da relação das ações do projeto com a proteção e/ou prevenção contra as violências está imbricada com a concepção de violência que esses agentes possuem. Afinal, eles entendem que o “foco” das atividades promovidas é a tentativa de diminuir (“tirar”) a vulnerabilidade em que os jovens hoje em dia se encontram. Para eles, não é possível extinguir situações como essas, restando a possibilidade de intervir numa dimensão ínfima diante do grande problema social. O trecho abaixo deixa expressa claramente essa percepção:

[...] se a gente for olhar tudo [que] nós falamos, o foco lá no final é isso [prevenção da violência], é você tentar tirar é... da vulnerabilidade [...], é... fazer um trabalho para que a gente consiga tirar o máximo [de jovens da vulnerabilidade], mas como eu falei, aquele pingo do... o pingo no incêndio, basicamente é para chegar nesse ponto: de que se você oportuniza, [...] você não tira, você diminui a possibilidade dele, que ele pensa duas vezes: ‘não eu já to tendo uma oportunidade’. [...]. Hoje o maior é esse, [então o maior desafio] é você tentar trazer esses meninos, porque tem aqui no grupo de trabalho com dona [secretária e professora de percussão do Blocão] que tá muito próximo [do convívio de dentro da comunidade], entendeu? [...] Mas assim; [antes] eu ficava na rua, não tinha problema nenhum, [...] hoje [tem o medo] de ‘Ah! O filho

¹⁷¹ A Política de Segurança Pública, em 2008, lançou uma campanha publicitária cuja imagem eram os pés de um corpo de um rapaz negro numa maca metálica com uma etiqueta presa ao pé e o resto do corpo coberto por um lençol tendo os seguintes dizeres “Crack é responsável por 80% dos homicídios na Bahia”. Para maiores informações, acessar o site da empresa de *outdoors* que possui a síntese da campanha. Disponível em: < www.betosonline.com.br >.

ficar na rua'. E não pode deixar mesmo, porque aliciam mesmo, leva mesmo [pro mundo das drogas]. Então, no momento que a gente cria uma situação dessa [das atividades no bloco], traz esse menino aqui para dentro, aqueles pais têm um pouquinho mais de responsabilidade, ele ver um lugar que pode confiar e deixar, né? É melhor do que na rua, e a gente com [...] essa 'chantagem' de ter o equipamento de informática, ter o instrumento para eles tocarem, prende eles mais um pouco. Aí você 'chantageia' ele no bom sentido de que você tem alguma coisa para dá que seja atrativo para ele, para você tentar inserir outras coisas nele, né? Então [...] o propósito maior é esse, é tentar fazer, esse trabalho de formiguinha mesmo, tirar eles [da 'vulnerabilidade'] de [...] dar possibilidade de entrar [no mercado de trabalho com melhor remuneração], e também com esse projeto maior [corredor cultural] é dá condições depois de que ele, dentro desse contexto ele consiga ter ganhos suficiente pra [...] não precisar ir [pras drogas] e evoluir socialmente, financeiramente para conquistar os espaços dele. (Colaborador da Organização).

Assim, para eles, o trabalho de “formiguinha” que propõem pode ser uma forma de contribuir para a diminuição da vulnerabilidade a que os jovens estão expostos. A estratégia, portanto, é mantê-los ocupados com alguma atividade, haja vista que é nas ruas (antigamente local de brincadeiras) que eles são aliciados. Como forma de competir com essa situação e atrair a atenção dos jovens, a organização busca se equipar (ter os aparelhos de informática funcionando) e propõe atividades que podem ser potentes e atrativas para esses jovens. Além disso, também acreditam na formação, isto é, no aumento do capital escolar como forma de “evolução social e financeira” de modo que “conquistem o espaço deles”.

Entretanto, não houve ainda projetos com essas características na instituição durante o período de estudo. Alguns estavam em vias de ser aprovado, de modo que possibilitaria implementar algo nesse sentido. Atualmente, são as atividades de percussão que chamam os meninos e os envolvem. Nota-se que houve uma repercussão dessa atividade no entorno.

6.2.3 Influência das atividades da organização

Apesar de alguns jovens demonstrarem estar pouco atraídos pelos projetos existentes (só aparecem quando há apresentação com possibilidade de remuneração), foi constatada uma mudança do entorno da atual sede com a

chegada da instituição: a rua, que antes era considerada perigosa, passa a ser tranquila ¹⁷².

Nota-se também que, devido a aspectos burocráticos e financeiros¹⁷³, há dificuldades de pôr em prática as propostas que consideram “atrativas” e que podem dar retorno (cursos e aumento da renda) aos jovens, como o *ponto de cultura* e o *turismo étnico*. Tais projetos caminham na mesma perspectiva dos projetos do Ilê na medida em que também preconizam investimento na formação, com a finalidade de encontrar “empregos melhores” (ampliação do capital escolar e econômico)

As atividades atuais, embora não possibilitem um aprendizado formal (com certificação de diploma), promovem um aprendizado prático e colocam os alunos em contato com o meio profissional da música. Afinal, os alunos se apresentam com o nome da organização nos eventos e entram em contato com outros músicos, projetos e instituições. Os efeitos disso podem indicar acúmulo de capital cultural (ao se inserirem no meio profissional da música), econômico (na medida em que são remunerados pelas apresentações) e capital social (também se ampliam os contatos quando passam a se relacionar com agentes com outra posição no espaço social como músicos estabelecidos e famosos).

Percebe-se também que todos os esforços envidados pela organização para lidar com esse público estão imbricados com a sua concepção de projeto social (benefício direto ou indireto¹⁷⁴ de renda para a população, em especial, o jovem) e prevenção de violência (diminuir a “vulnerabilidade”, isto é, evitar envolvimento com o consumo e o tráfico de drogas, por ser considerado um “caminho sem volta”).

Entretanto, quando há dificuldade de oferecer atividades exatamente de acordo com a concepção que se tem de projeto social, busca-se manter algo “atrativo”, de modo a manter os jovens “afastados das ruas” Contudo, existem no bairro outras formas de ofertar apoio para os jovens.

¹⁷² Colaboradores da organização contam que o entorno da atual sede era muito perigoso: “*Aqui na esquina, tinha muitos assaltos, depois que viemos para cá pelo menos não teve mais assalto*”. Fato também confirmado por moradores do Curuzu quando se referem à rua da sede atual (Diário de campo, 2011).

¹⁷³ Algumas vezes, o presidente saía com pressa da sede dizendo que ia resolver a liberação de documentos e regularização de outros como meio de atender às exigências para liberação de verba para a instituição (Diário de campo, 2011).

¹⁷⁴ Investir na formação educativo-cultural do jovem.

6.3 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

A *Associação dos Moradores* é uma organização bem diferente das demais já comentadas, justamente por ter como prioridade lidar com demandas/necessidades coletivas. Entretanto, a história que constitui essa organização lhe confere especificidades que garantiram articular um grupo de capoeira e propor atividades (cursos e grupo de idosos) para funcionarem dentro do espaço da sede. Desse modo, é interessante saber sobre: a *associação e o grupo de capoeira*; a *concepção de violência*; a *percepção acerca do papel da capoeira*; e as *estratégias usadas para lidar com as violências que afetam o público usuário*.

6.3.1 Associação de Moradores e o Grupo de Capoeira

A *Associação dos Moradores* conquista um espaço para sua sede e propõe diversas atividades, com o intuito de garantir esse lugar. Além de atender às demandas¹⁷⁵ dos moradores e realizar eventos pontuais¹⁷⁶, a associação também apoiou os seguintes projetos sociais: *cursos temporários* (já extintos), *Grupo de Capoeira* e *Grupo de Idosos*. Entre esses projetos, a capoeira e o grupo de idosos são os que permanecem até hoje.

O **Grupo de Capoeira** é o mais antigo entre essas atividades da Associação e foi trazido pela filha de uma das diretoras: “*Quem levou o professor [...] até para lá foi a minha filha mais velha, ela fazia capoeira [...] com o professor*” (Diretora da Associação, 2011). O grupo existe desde 1997, com a proposta de desenvolver a

¹⁷⁵ As demandas variam de acordo com as necessidades que surgem com o tempo. Como exemplo, há o apoio obtido (via vereador) para construir corrimão e escadarias nas ruelas e becos que necessitam e/ou que tenham sido solicitados. Em anos anteriores, essas benfeitorias foram obtidas para a ladeira do Curuzu e, em 2011, para a Rua do Gato, além de atender também a outras demandas cotidianas (Diário de campo, 2011)

¹⁷⁶ A Associação também promove eventos de confraternização (como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Vovó e outros), bem como eventos para angariar recursos para fazer melhorias no espaço da sede (Diário de campo, 2011).

capoeira como luta¹⁷⁷ a partir de metodologia própria, ancorado nas raízes dos grandes mestres¹⁷⁸ (Angola e Regional¹⁷⁹).

Desenvolve ações sócio-educativas¹⁸⁰ preocupando-se com a disciplina¹⁸¹, com a discriminação racial e social¹⁸² e com o desenvolvimento do potencial do próprio aluno¹⁸³. Há também a preocupação em manter os jovens longe das drogas e situações de violência¹⁸⁴. Além disso, traz sempre a importância da cultura baiana, tendo a capoeira como mérito deles, uma vez que os grandes mestres que tomam por referência são da região¹⁸⁵.

¹⁷⁷ É quando aprende a se defender e a “dar ‘porrada’ para quando for pego na rua não apanhar [impor respeito]” (Maurício de Souza, Diário de campo, 2011).

¹⁷⁸ Os princípios que o grupo traz são ancorados na filosofia da capoeira ensinada pelos grandes mestres como Bimba, Waldemar da Paixão, Pastinha, João Grande, João Pequeno, Acordeom, Camisa Roxa e outros.

¹⁷⁹ Essa mistura da Capoeira Angola com a Regional é conhecida atualmente como Capoeira Contemporânea e tem sido a modalidade de capoeira mais difundida. Segundo um dos alunos do grupo, “é o jogo em cima e embaixo” e, por isso, é considerado como “mais completo”, pois permite jogar qualquer movimento. Segundo o mestre do grupo, “é a *malícia da Angola com a malandragem da regional*” (Diário de campo, 2011)

¹⁸⁰ Conforme o mestre, esses projetos oferecem aulas gratuitamente (normalmente em locais considerados perigosos e/ou violentos) e são “*superimportantes [...] porque é um local que necessita que a capoeira entre para dar novas perspectivas pros meninos*”. Comenta ainda que, hoje, ele já é conhecido no local em que desenvolve o projeto como mestre e/ou professor e todo mundo respeita e cumprimenta “fala, mestre”, ou então pede a bênção (mesmo quem não reconhece) (Diário de campo, 2011).

¹⁸¹ O mestre, quando percebe que os alunos estão treinando devagar, sem ritmo, errando e/ou com ar de quem está com preguiça, chama logo a atenção. Para ele, a capoeira deve ter ritmo (o ritmo do berimbau e da ginga) e disciplina. Em alguns momentos, faz comparação entre a disciplina exigida para o treino e a necessidade de disciplina para vida. Ele diz que, para se conseguir o que quer na vida, deve-se correr atrás, ter disciplina (Diário de campo, 2011).

¹⁸² Ressalte-se que, algumas vezes, os professores chamavam a atenção dos alunos quanto ao fato de eles serem negros, residentes do Curuzu/ Pero Vaz/ Liberdade e capoeiristas, e, justamente por isso, deveriam ser muito bons. Afinal, eles querem que, quando os outros falarem que se trata de um “um negão, rasta e ainda por cima capoeirista!”, seja num tom positivo e de valorização. Ao mesmo tempo, eles enaltecem o Curuzu e a Pero Vaz por serem o berço da capoeira tradicional, pois foi ali que se fizeram grandes mestres como Bimba e Waldemar da Paixão. Também falam do mestre Pastinha que apesar de não ser da região era muito amigo de Bimba (diário de campo, 2011/2012).

¹⁸³ Note-se ainda o discurso sobre a importância de os jovens investirem na capoeira, pois, segundo os professores, ela abre portas para ir para onde quiser (Faculdade ou “Limpurb”) e não ficar se envolvendo em situações de violência nem com “quem não vai levar eles a lugar algum” (pessoas envolvidas com a criminalidade). Eles também dão exemplos de como a capoeira pode abrir caminhos: seja para facilitar com que se conheça alguém que ensine algo ou possibilitar o aluno ir para fora do País, como aconteceu com um dos integrantes do grupo que atualmente está em Londres vivendo da capoeira (Diário de campo, 2011).

¹⁸⁴ A forma de falar ao final das aulas sobre esse aspecto é direta e diz também para os alunos se manterem “ligados” (atentos), porque “a violência tá demais”. Então, recomenda para que fiquem “anteados” de modo a evitar envolvimento com situações que podem levar à morte, como ocorreu com muitos meninos (Diário de campo, 2011).

¹⁸⁵ Os alunos são sempre lembrados dos ensinamentos dos grandes mestres e de que a Bahia e o bairro onde moram e treinam capoeira constituem referência no mundo: “Todos querem vir para Bahia conhecer o berço da capoeira” (Diário de campo, 2011).

A capoeira, portanto, tem um sentido de orientação para a vida¹⁸⁶. O treino e os ensinamentos passados cotidianamente são direcionados para o que o aluno está vivenciando e o que ele precisa melhorar (seja no treino técnico, seja uma postura de se relacionar com o mundo e com a vida). A forma como isso acontece é sutil, só quem errou e/ou está precisando ouvir o conselho/sermão entende¹⁸⁷. Há também uma preocupação com os alunos para além do espaço da capoeira¹⁸⁸. O mestre e o professor querem ter a família dos alunos por perto e, quando não aparecem, eles pedem para chamar. Além disso, incentivam e buscam cultivar o pertencimento ao grupo de capoeira (à “família Grupo de Capoeira”¹⁸⁹).

Apesar de esses princípios serem da capoeira e, portanto, compartilhados com outros grupos, nem todos funcionam da mesma forma. Há os que adaptam a técnica e os ensinamentos à proposta que constroem, os que deturpam a filosofia, os que ficam isolados, entre outras situações. Durante o período do estudo, por exemplo, foi possível observar comportamentos diferentes entre os alunos de grupo externos que visitavam a roda. Em algumas rodas de capoeira (espaço privilegiado para observar o real aprendizado¹⁹⁰), alunos advindos de outros grupos parceiros passaram a brigar (briga de rua) na roda com os meninos do grupo.

¹⁸⁶ Para a capoeira, um dos princípios centrais é o respeito. Um dos alunos comenta sobre esse aspecto: “*Falta de respeito, é a pior de todas. Não abaixe a cabeça para ninguém, mas saiba com quem você tá falando. Na roda de capoeira, o maior é o berimbau, mas o mestre tá ali, respeite o mestre, seja o mestre quem for. Você pode odiar aquele mestre, mas respeite. Peça para tocar o berimbau, peça permissão para cantar, tudo isso [...] acaba sendo coisas que você leva para sua vida pessoal também: não desobedeça seu pai, não ofenda seu pai, não corte seu pai quando ele tiver falando, escute, peça permissão para falar, agente acaba levando para vida pessoal também.*” (Maurício de Souza de Souza, 19 anos).

¹⁸⁷ É possível notar que o aluno entendeu essa sutileza quando ele se vira olhando para todos ao redor, procurando saber se os outros estão olhando para ele (forma de verificar se os outros entenderam que foi com ele). Quando acontece de outro aluno, desatento, “tomar a carapuça”, o mestre então faz brincadeiras jocosas (Diários de campo, 2011).

¹⁸⁸ Preocupam-se com o desempenho escolar e, quando são “mais velhos”, incentivam ou até mesmo levam os jovens aos cursos profissionalizantes que existem abertos. Durante o período do estudo, os meninos e meninas foram encaminhados para os cursos ofertados pelo Ilê Aiyê (Diário de campo, 2011).

¹⁸⁹ Os mestres e professores sempre repetem essa expressão “*Somos a família Grupo de Capoeira*”. A fala de um dos alunos demonstra esse sentimento que se constrói: “*A gente cria uma convivência entre nós mesmos, [...] começa a se vê e tal, a gente vai tendo uma aliança, porque, se no grupo de capoeira, se você não tiver aliança, se você não tiver junto com aquela pessoa ali, não adianta, você tem que se dá bem com aquela pessoa, porque [...] o que der para um, vai dá para todos ali, existe capoeira, a gente vai tá junto sempre, então, é bom, a convivência que a gente tem, acaba criando um círculo de amizade aqui*” (Maurício de Souza de Souza, 18 anos).

¹⁹⁰ É quando se nota o quanto o aluno aprendeu para além da técnica. Afinal, é o momento onde ele só se desenvolve se tiver introjetado os princípios da capoeira. Se ele permanecer sem avanço nesse aspecto, a roda perde o ritmo, o axé, a luta e vira uma briga de rua (Diário de campo, 2011).

É importante ressaltar que, assim como outros grupos, o Grupo de Capoeira possui aulas ministradas por alunos do grupo em outros pontos do bairro, da cidade, da Bahia (Candeias) e do mundo (Londres e EUA). No espaço onde surgiu o grupo e em que se realizou a observação, foi possível identificar o perfil do **público** que frequenta a capoeira.

Existem, portanto, dois grupos de alunos: os “menores”, com faixa etária aproximada de 5 a 15 anos; e os “maiores”, com idades em torno dos 14 aos 25 anos. Nota-se que não há uma divisão exata entre os grupos, pois vai depender do desenvolvimento do aluno na capoeira¹⁹¹.

No que se refere à área de abrangência geográfica, foram identificados alunos oriundos da Pero Vaz, Central, San Martin, Guarani, Curuzu e outras regiões próximas (entre os “maiores”, muitos são de fora do Curuzu, enquanto os “menores” pertencem, em sua maioria, ao bairro)¹⁹².

6.3.2 Percepção de violência

A partir das falas cotidianas durante as aulas e em conversas informais, é possível constatar que a percepção da violência se relaciona com o envolvimento em situação criminosa (normalmente ligada à droga) e homicídio. Afinal, termos como “não vai levar a lugar algum”, “drogas” e “ser morto” estavam associados à “violência” quando citados.

No que diz respeito à violência no bairro e na cidade, as falas denotavam certa similaridade, na medida em que as recomendações com relação à violência dadas aos alunos eram as mesmas quando se referiam ao bairro e outros locais na cidade.

¹⁹¹ No que se refere ao gênero, foi notada a presença apenas de duas figuras femininas, cada uma dentro de um dos grupos (“menores” e “maiores”). Segundo os alunos e também professores/mestre de capoeira, já houve maior número de meninas no grupo, inclusive algumas se casaram com outros colegas do grupo. Saliente-se ainda que eles incentivam a presença de mulheres no grupo. Entretanto há diferenças na forma de lidar com meninas e meninos dentro do grupo, apesar de afirmarem que “mulher na roda é que nem homem” (Diário de campo, 2011).

¹⁹² Ressalte-se que os alunos maiores, à medida que “se formam” (concluem o ensino médio), ingressam nas forças armadas e/ou trabalham na área de segurança. Durante o tempo de observação no grupo, foi notado o acolhimento de um aluno que estava afastado e exibido aos demais como exemplo; afinal, tinha acabado de entrar na faculdade de educação física e daria seguimento à capoeira por lá. Desde então, exemplos de entrar para a faculdade de educação física passaram também a fazer parte de algumas falas após as aulas (Diário de campo, 2011).

É possível verificar, na fala de um dos alunos, a percepção de que a violência no Curuzu é igual à da cidade. Apesar de achar que as pessoas consideram o Curuzu violento, ele não considera e diz que a violência “[...] *existe em outros lugares também, que a violência tá à tona, aí, tá na cara e muita gente está fechando os olhos para isso, mas cada um faz o que pode né?*” (Mauricio de Souza, 18 anos). Ele ainda completa, ponderando que “[...] *a gente não pode mudar o mundo, mas, temos que continuar tentando, né? Cada um fazendo sua parte, quem sabe?*” (Mauricio de Souza, 18 anos).

Nota-se também que as falas acerca da valorização da origem racial e social (bairro) muitas vezes vinham logo em seguida à orientação para que se afastassem da violência. Isso indica uma possível relação, mesmo inconsciente, com a maior vitimização do jovem negro de bairros populares como a Liberdade.

6.3.3 O grupo de capoeira e sua relação com enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências: na perspectiva dos mestres, professores e alunos

Na perspectiva de quem ensina, a capoeira tem muito a contribuir e a preparar para a vida. Um dos mestres do grupo comenta que “*fica feliz quando percebe que o aluno introjetou a filosofia da capoeira*” (Diário de campo, 2012). Ele diz também que fica satisfeito quando observa que existem alunos que incorporaram a capoeira em suas vidas e encontraram seu caminho: uns são professores de capoeira, outros seguiram seus passos e cursaram direito e são advogados, outros se formaram em educação física, etc. A capoeira, portanto, é vista como uma forma de ampliar conhecimento e contatos.

Os alunos do Grupo também concordam com a potencialidade que a capoeira tem para abrir as portas: “*Com a capoeira, fica fácil para mim para ir para Espanha fazer o curso que quero, né não?*” (Ariano Suassuna, Diário de campo, 2011). Outro aluno também comenta que o espaço da capoeira “[...] *é bom também porque permite conhecer outras pessoas que pode depois te ajudar e abrir outras portas*” (Maurício de Souza, Diário de campo, 2011).

É no cotidiano do ensino da capoeira-luta que o mestre orienta os alunos nesses aspectos. A partir da fala de um aluno, é possível verificar que a capoeira

para ele é mais que luta e defesa, é um espaço onde o mestre trabalha a “mente” deles. O trecho abaixo informa esses conteúdos:

[...] capoeira é luta, querendo ou não capoeira é luta, mas também na capoeira agente ta aprendendo a lutar, a se defender, mas não quer dizer que você tenha que usar. Então, a gente trabalha com o corpo, mas a obrigação do mestre é trabalhar sua mente também. [...] Em muitos grupos de capoeira, isso é feito [...]. Então é bom você tá na capoeira, porque você tá fora daquilo de ruim que acontece, hoje você tá vivendo num mundo em que o mestre está falando para você [...], então o aluno vai crescendo e vai aprendendo isso, então ele trata a violência¹⁹³ como um lado que ele tem, a capoeira como uma luta dentro de uma roda, qualquer esporte de contato, quem tá na frente tem que fazer, então o treino tira qualquer sentimento ruim; se você tá se sentindo mal, treine capoeira, sue, extravase, jogue tudo para fora e depois você vai ficar super bem. (Maurício de Souza, 18 anos).

A capoeira também é vista como espaço que deixa o aluno “fora daquilo de ruim que acontece” e que passa a viver na perspectiva dos ensinamentos que o mestre passa (“trabalha a mente”). Na medida em que esse aluno absorve os conteúdos, também compreende que a violência (agressividade) é algo que também deve haver. Com a capoeira, é possível também extravasar “sentimento ruim” durante o treino, e isso “faz bem”.

Constata-se que a capoeira transmitida pelo grupo extrapola a técnica da luta. As percepções dos mestres e alunos revelam o acúmulo de capital simbólico transmitido e assegurado pela família de alguns alunos. Embora não tenha uma certificação comprovada em papel (diploma), a formação dentro da capoeira confere distinção e respeito¹⁹⁴. Além disso, também amplia as possibilidades de relações.

6.3.4 O grupo de capoeira e suas estratégias de enfrentamento das violências sofridas pelos alunos

Durante a convivência com o grupo de capoeira, houve relatos de violência vivenciados por jovens do grupo. Os eventos de violência trazidos se referem a:

¹⁹³ Para esse aluno, a violência é “Falta de respeito, [...] agressão verbal, [...] quando uma pessoa agride, chega a agressão, contato físico, isso é violência”.

¹⁹⁴ A distinção e o respeito têm-se expandido para além do âmbito “capoeirístico”, uma vez que a capoeira se internacionalizou e valorizou. Esse contexto possibilita a difusão da capoeira e, com ela, de seus princípios e filosofia. O respeito é um dos principais princípios e por isso se distingue dos demais.

brigas frequentes entre os pais, presenciadas por um aluno; e a desistência de um aluno da capoeira por escolher usar “drogas”. Em ambos os casos, dentro dos limites das possibilidades, o mestre procura auxiliar. No primeiro, ele se aproxima dos pais além de acompanhar o desempenho do aluno na escola. Não só é observada a persistência em orientar o aluno no segundo caso, pois o mestre traz relatos de visitas feitas a esse rapaz, como também as respostas negativas que este dá quando convidado para retornar à capoeira. Segundo o mestre, esse aluno responde que “A onda dele agora é essa: de‘ficar nas drogas”¹⁹⁵.

É importante também destacar uma fala de um dos alunos oriundo de outra região vizinha. Embora existam grupos de capoeira e escolas na localidade onde esse aluno mora, ele frequentou as organizações do Curuzu (Escolas Municipais, Ilê e Capoeira). Quando questionado por que não frequenta a capoeira mais próxima de sua casa, o aluno respondeu que não gosta porque “eles lá gostam muito de fazer perversidade [bater]”.

Entretanto, o fato mais marcante foi ele se espantar com a idade da pesquisadora e dizer “Feliz de quem chega a sua idade! [30 anos]”; em seguida, listou em torno de dez nomes de colegas já mortos¹⁹⁶. Apesar de não ser uma vivência de violência direta por um aluno e/ou sua família, trata-se de um caso de vivência indireta da violência na medida em que ele vê os amigos de infância morrerem precocemente. Além disso, denota a incorporação na vida cotidiana de um jovem com uma perspectiva de vida muito inferior ao que é esperado dentro das condições gerais de vida da população baiana. Nesse sentido, coincidem as informações trazidas por Araújo (2007) de que jovens com o mesmo perfil desse aluno (negro e residente em bairro popular) têm mais *chances* de morrer que outros jovens (brancos residentes em bairros com maior poder econômico). Ao mesmo tempo, tal fato aponta para o uso das organizações do Curuzu (governamentais e não governamentais) como estratégia para melhor trazer condição de vida para esse rapaz. Possivelmente, as organizações acessadas contribuíram para protegê-lo das violências, além de ampliar seus capitais simbólicos (escolar, cultural e social). A

¹⁹⁵ Relato baseado no Diário de campo (2011/2012).

¹⁹⁶ Relato baseado no Diário de campo (2011)..

pergunta que permanece é qual o alcance dessas redes sociais em termos de cobertura para que fosse ser esperado certo grau de efetividade no controle das violências.

6.3.5 Influência do Grupo de Capoeira para o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências

Observou-se que mestres e alunos associam violência a homicídios. Eles ainda salientaram que ela está “à tona” por toda a cidade (não distinguiram concentração geográfica da violência na cidade). Independentemente da concepção de violência que se tenha, faz parte da capoeira ter projetos socioeducacionais os quais priorizam áreas onde é necessário que “a capoeira entre para dar novas perspectivas pros meninos” (Mestre do grupo. Diário de campo, 2011). O grupo, portanto, desenvolve tais atividades em localidades vizinhas reconhecidas como violentas.

A própria filosofia da capoeira por si já revela o potencial em orientar para além da técnica. A observação revelou a influência da prática cotidiana que esse Grupo de Capoeira exerce na vida dos meninos. Afinal, eles levam os ensinamentos para o âmbito familiar. Além disso, há o incentivo para que eles continuem sua formação no âmbito escolar. Isso tudo (espaço da capoeira e cursos encaminhados pelo mestre) amplia as relações dos alunos, permitindo-lhes mobilizar agentes de distintos níveis da posição social.

Esse contexto indica que há um potencial de acúmulo de capital cultural, econômico (com aulas de capoeira) e social. Aliada a isso, há também uma preocupação em acompanhar, auxiliar e orientar os alunos (e ex-alunos) quando afligidos por alguma vulnerabilidade (como conflitos familiares e/ou envolvimento com criminalidade e uso de drogas). Desse modo, é possível considerar uma relação dessa atividade nos três âmbitos: enfrentamento, prevenção e proteção contra as violências.

6.4 TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Esta organização é peculiar quando comparada com as demais, pois se trata de um espaço religioso. Apesar de o Babalorixá ser o responsável pelo “trabalho social” que desenvolve no terreiro, existem outras pessoas que contribuem. Os agentes envolvidos nesse processo possuem concepções que direcionam suas ações e, por consequência, os resultados possíveis de ser alcançados. Tendo isso em vista, serão considerados os seguintes aspectos: *informações sobre o “trabalho social”*; *a percepção da violência*; *a percepção da relação do “trabalho social” com enfrentamento, prevenção e proteção contra as violências*; e *as estratégias de enfrentamento dos eventos de violência cometidos aos jovens que frequentam o “trabalho social”*.

6.4.1 O “trabalho social” do Terreiro

O terreiro estava sem líder e com o espaço dominado por usuários de drogas e usado para outros fins que causavam medo na população ao redor. Com a chegada do atual Babalorixá, começou um trabalho social com os jovens da comunidade. O foco do trabalho pauta-se, portanto, em enfrentar essa situação, além de prevenir e proteger os jovens que por lá circulam (na rua e no terreiro)

A proposta consiste em ofertar aulas de capoeira, além de acompanhar e orientar os jovens e as famílias. Apesar de terem sido relatadas conversas com os usuários de drogas para acordar o uso do espaço público (a rua)¹⁹⁷, o trabalho tem a capoeira como atividade central. Embora sejam usadas as potencialidades desse esporte, esta modalidade foi escolhida por demandar poucos recursos: fardamento e voluntários¹⁹⁸.

¹⁹⁷ Durante uma das visitas que se fez ao terreiro, foram relatadas situações em que foi necessário conversar com usuários e traficantes de drogas. Os conteúdos da conversa eram sobre o uso do espaço da rua e da relação com os usuários.

¹⁹⁸ Os professores de capoeira não recebem nada por esse trabalho voluntário. Os professores vivem e ganham com a capoeira mediante apresentações e aulas em colégios particulares.

Saliente-se que, apesar de ser um trabalho desenvolvido em espaço de terreiro, não há qualquer sedução para a religião. O Babalorixá diz que, caso o jovem se interesse, ele não aceita enquanto for menor de idade: “Quando ele crescer e ainda quiser, pode vir que será recebido”. Ele justifica que toma essa atitude porque há muitos pais que não gostam da religião e podem querer que o filho não frequente o âmbito religioso desse espaço ¹⁹⁹.

O **público usuário** desse projeto, segundo os agentes, são em sua maioria jovens entre 4 e 15 anos. Apesar de “não ter limite de idade”, os meninos mais velhos não ficam por muito tempo na capoeira: “chega certa idade, saem” (Babalorixá, Diário de campo, 2011). São poucos que permanecem. Por outro lado, os que “gostam” do trabalho, mesmo quando se mudam para localidades distantes como Itapuã, continuam frequentando as aulas.

6.4.2 Percepção da violência

Os agentes desse “trabalho social” entendem que a violência é decorrente da “falta de orientação dos pais e do próprio governo”. Acreditam que, enquanto não se investir na educação pública, as violências aumentarão. A fala de um dos colaboradores ilustra isso:

[Violência] É uma falta de orientação dos pais e do próprio governo. [...] E enquanto o governo não voltar para educação isso não vai mudar. Então a violência vai aumentar, entendeu? Porque se o cara tem educação, ele tem uma cultura, até para ele usar droga, que eu conheço pessoas cultas que usam droga e não tem violência nenhuma, entendeu? Eu sou contra o uso da droga, porque a curto prazo ela não faz mal a ninguém, mas a longo prazo ela faz. [...] Mas se ele tem a cultura, ele sabe até ter comportamento. Como eu tenho um amigo, ele é médico, ele usava cocaína e depois que ele se formou [...] ele disse para mim: 'Olha eu só uso maconha, que faz menos mal. O resto eliminei tudo que eu sei que não é bom'. Por quê? Ele tem uma certa cultura, ele tem um certo conhecimento, entendeu? Então o pobre não sabe, e o cara que não tem educação não sabe. Eu chegar para ele e dizer assim: 'o crack lhe mata'. Ele não vai acreditar em mim. Mas se vinte pessoas fala a mesma coisa para ele, já fica diferente. Se ele chega na sala de aula, o professor tá orientando ele, se ele chega em casa o pai tá orientando ele. Porque o pai teve uma orientação. Hoje as meninas pare criança, ainda não é, ainda não deixou de ser filha, já é mãe. Não tem

¹⁹⁹ Relato baseado no Diário de campo (2011)

educação para passar. Então tudo isso tá proveniente, é proveniente disso aí. O governo tem que cuidar [...] Como? Melhorando a educação, pagando melhor aos professores. E incentivando na sala de aula o aluno, entendeu?” (Colaborador do “Trabalho Social”).

Nota-se que a educação (formal e informal) é vista como forma de dar conhecimento e cultura. Nesse sentido, os colaboradores entendem que o indivíduo com “cultura” sabe comportar-se inclusive para usar “drogas” (sabe o limite). Percebe-se que a concepção desses agentes é de que as violências, bem como outros problemas sociais, se agravam devido à falta de educação e cultura (especialmente nos bairros pobres). O investimento nesses dispositivos (escolas), portanto, é vislumbrado como meio para acúmulo de capital escolar (“conhecimento”) e cultural (“saber se comportar”).

Na falta desses dispositivos, os colaboradores buscam então auxiliar os jovens e suas famílias, lançando mão das possibilidades que possuem: espaço e potencialidades do próprio terreiro, poder contratual ²⁰⁰ dos colaboradores; voluntários (aula de capoeira); contribuições dos usuários, familiares e amigos; bem como apoio eventual de agentes externos (para eventos, por exemplo).

6.4.3 O “trabalho social” e sua relação com o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências: percepções dos colaboradores

O “trabalho social” já surgiu com intuito de “encarar a realidade” de medo e violência que existia dentro e ao redor do próprio terreiro. Os resultados, portanto, refletem as ações de enfrentamento e prevenção das violências: *“Salvei alguns. Os que eu salvei tão vivos, os que eu não salvei tão mortos”* (Colaborador do “Trabalho Social”).

Entre os jovens que “estão vivos”, alguns levam a capoeira a sério e mudaram seu comportamento: *“Tem meninos aqui, hoje [...] já estão casados, que têm filho, que têm tudo já. [...] têm uma outra vida”* (Colaborador do “Trabalho Social”). Os colaboradores do “trabalho social” comentam que *“tem meninos que dizem a mim*

²⁰⁰ Poder contratual deve ser entendido como o que a saúde mental usa nas suas práticas: é empréstimo do poder de negociação, ou mesmo um exercício temporário e pontual do “papel de tutelar” considerando a autonomia do sujeito ao qual se tutela (empresta o poder de negociação) com o intuito de reinserção social (SILVA, 2005).

assim [...] : ' ah, eu tô vivo, graças o senhor'. Porque a gente orienta” (Colaborador do “Trabalho Social”).

Nota-se que, além da influência que é própria da filosofia da capoeira, os colaboradores do “trabalho social” também orientam os alunos. Ressalte-se ainda que este espaço foi o único espaço que solicitou vídeos à pesquisadora para que pudesse discutir com os jovens quanto ao uso de drogas e também sobre o tráfico.

6.4.4 Estratégias de enfrentamento dos eventos de violência acometidos aos jovens que frequentam o “trabalho social”

O suporte dado pelo “trabalho social” extrapola, quando necessário, as aulas de capoeira e orientações. Afinal, relatos trazidos pelos agentes sociais informam situações em que os jovens (usuários do projeto) os procuraram para solicitar dinheiro cuja finalidade era para pagar dívida com traficante de drogas. Os colaboradores do projeto, então, orientavam o rapaz/a moça e se disponibilizavam a conversar com os pais (estes, “muitas vezes não estavam nem aí”) e traficantes para resolver o problema. Ressalte-se que em nenhum momento era cedido dinheiro, a resolução era na base da negociação ²⁰¹.

6.4.5 Influência do “Trabalho social” do Terreiro para o enfrentamento, prevenção e/ou proteção contra as violências

O trabalho social surge para enfrentar as violências que existiam no terreiro e entorno: tráfico e uso de drogas, vandalismo e homicídios. Na perspectiva dos colaboradores, as violências decorrem da falta de educação (formal e informal).

Considerando esse entendimento, as atividades focaram em assistir na educação que lhes era possível: aulas de capoeira, orientação aos alunos e familiares e suporte para situações de aflição decorrentes das violências (empréstimo do poder contratual para negociar solução de problemas junto a usuários e traficantes de droga)

Nota-se também que o papel desempenhado pelos colaboradores funciona em alguns momentos como uma “família”. Afinal, a orientação (próxima) que é dada,

²⁰¹ Relato baseado no Diário de campo (2011).

faz com que os alunos os tomem como referência²⁰². Sugere-se, portanto, a potencialidade dessa intervenção para além de acúmulo de capital cultural, podendo influenciar também na constituição do *habitus* dos jovens.

Esse contexto, portanto, revela o papel dessa organização em diversos aspectos: enfrentamento das violências acometidas ao público usuário e ao entorno; e prevenção e proteção aos jovens que frequentam as atividades. Afinal, esse conjunto de ações diminui os riscos de envolvimento em situações de violências e atenderia a certas necessidades da comunidade usuária e do entorno imediato.

²⁰² Ressalte-se que é costume entre os moradores do bairro tomar outras figuras como referência e chamarem de “mãe”. O sentido oposto também (Adultos) tomarem as crianças e jovens como “filhos”. Os laços que constroem configuram uma nova rede que eles também consideram como “família”. As histórias de duas moradoras ilustram isso. A primeira toma os sobrinhos e filhos de algumas vizinhas como “filhos” e conta que, quando mais nova, todos moravam na casa dela, depois ela devolveu aos pais por considerar que tinha chegado a hora de retornarem. A segunda considera uma cabeleireira (que a ensinou este ofício) como “mãe” e morou com ela durante a adolescência (Diário de campo, 2011)

7 DISCUSSÃO

Ao considerar as duas perspectivas de análise de redes sociais (estrutural e dinâmica), aliadas à teoria bourdieusiana (considerar tanto o contexto macro quanto o micro), o presente estudo pôde confrontar as evidências nos dois âmbitos: percepção das violências e do papel dos projetos sociais pelos moradores, colaboradores e público usuário das organizações (micro), e a influência da estrutura social e políticas públicas na vida cotidiana e nos comportamentos das violências dentro do território (macro).

De forma abrangente, é possível perceber que a concepção de violência está relacionada aos homicídios e estes, por sua vez, associados a tráfico e uso de drogas. Os agentes ainda consideram que a violência no bairro está igual à que existe na cidade como um todo.

Verifica-se que as propostas dos projetos, embora distintas, apresentam semelhanças. Todas se preocupam com a educação (formal²⁰³ e/ou informal²⁰⁴) dos jovens e, como consequência de suas ações, promovem acúmulos de capitais simbólicos (cultural, econômico e social).

Na medida em que as ações desenvolvidas por estas organizações reduz o Influência de risco de envolvimento em situações de violências, pode-se relacioná-las como fatores de proteção social e/ou preventivos (VIANA et al., 2005). Partindo desse princípio, pode-se considerar que todas as atividades das organizações destacadas possivelmente funcionam como ações preventivas e/ou protegem das violências.

Para além da proteção e/ou prevenção, os dois projetos com a atividade de capoeira demonstraram também ser importantes para o enfrentamento das violências. Afinal, oferecem orientação aos jovens e seus familiares, como também

²⁰³ Entende-se por educação formal aquela dada por organizações (normalmente escolas) com conteúdos previamente demarcados (GOHN, 2006).

²⁰⁴ Educação informal é compreendida como “[...] aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p.28). Em alguns momentos nesse estudo, a educação informal também foi entendida como “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (Gohn, 2006, p.28)

emprestam seu poder contratual para resolução de aflição. Ressalte-se ainda que um dos projetos sociais intervém de forma intensiva a ponto de negociar com o tráfico de drogas possíveis soluções para conflitos existentes.

Nota-se que o público usuário das organizações (projetos sociais) não se restringe ao Curuzu. Há também pessoas oriundas das localidades vizinhas como Pero Vaz e San Martin (em alguns casos, até de regiões mais distantes como a Avenida Suburbana). Constata-se, portanto, que as organizações sociais do Curuzu podem também servir de suporte para sujeitos residentes em localidades vizinhas e, em alguns casos, para além do bairro.

Todavia, as violências relacionadas ao trânsito e a doméstica ficam à margem das intervenções. Afinal, o foco das ações refere-se às concepções que os colaboradores têm de violência: os homicídios, a criminalidade e aspectos relacionados.

Portanto, os resultados do presente estudo demonstram que o protagonismo da população do Curuzu é marcante. Mesmo quando não tinham recursos ou qualquer apoio do Estado, já nos primeiros anos do século XX, os moradores se mobilizaram e se apoiaram para oferecer, aos seus parentes e vizinhos, o que consideravam de melhor: educação formal (creches e escolas improvisadas), educação informal (orientação/conselhos e solidariedade entre vizinhos), lazer (baile pastoril) e cuidados da saúde popular (troca de saber popular, rezadeiras, benzedadeiras e parteiras).

Wacquant (2004, p.155) constrói um conceito relacional de gueto como um instrumento bifacetado de cercamento e controle etno-racial. Afinal, para ele, o gueto “não é uma ‘área natural’, produto da ‘história da migração’, mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano”. O exemplo que ele traz do *guetto nuevo* de judeus em Veneza informa que, por um lado, esse processo trouxe exclusão territorial com consequente processo de superpopulação, deterioração das condições de moradia, empobrecimento e altas taxas de morbidade e mortalidade; por outro, levou florescimento institucional e consolidação da cultura. Em suma, foi uma demonstração de resposta às gradativas restrições cívicas e ocupacionais nas quais os judeus criaram organizações de suporte social e solidariedade como: mercados, associações, grupos, etc.. Nesse sentido, verifica-se

que a realidade do Curuzu assemelha-se a um possível gueto. Afinal, com a ausência de serviços públicos, eram os próprios moradores que se organizavam para se apoiarem mutuamente.

Quando os recursos do Estado chegaram (cursos profissionalizantes pela Escola Técnica de Salvador, Duque de Caxias e Escola Parque), em torno das décadas de 50 e 70, aliados ao aumento de emprego com boa remuneração (nível técnico na Embasa, Coelba, Portos, Indústrias, Petrobras e Petroquímica), houve uma acumulação de capital social de tal modo que o protagonismo, antes informal, se politizou²⁰⁵ e avançou recontando a história do território e do povo negro para o Brasil. Diversas organizações formais começaram a se constituir no Curuzu como o Ilê Aiyê, Associação dos Moradores, outros blocos afros, grupos de capoeira, etc..

As relações com o Estado foram mudando com o passar do tempo. O Ilê se tornou próximo da Política de Cultura da Bahia (esta cada vez mais incorporava elementos da negritude) e a Associação de Moradores muitas vezes era apoiada por algum vereador. As demais organizações sociais mantiveram-se isoladas, tendo relações pontuais com o Estado²⁰⁶. Nota-se, portanto, que as organizações sociais do bairro conseguem sustentar-se, tendo o Estado como principal apoiador (seja através de editais ou de relação de clientelismo político). Desse modo, os projetos sociais garantem continuidade, e a população pode contar com mais esses serviços.

Contudo, a “nova modernidade” trouxe outra configuração de oportunidades para os jovens negros nas cidades. Afinal, com a desindustrialização inicia-se o processo de empobrecimento, baixos salários, aumento do mercado informal e surgimento expressivo da miséria. Barcelar (2001, p.195) chama a atenção de que “[...] os negros são os primeiros que sobram no mercado de trabalho e entre os pobres são os mais pobres”. Entretanto, esse contexto cultural de efervescência da música afro no Brasil e no mundo torna os blocos afros grandes agentes exportadores de sua arte em escala “planetária”. Assim, o *status* e prestígio começam a chegar para essa parcela da população, mesmo com as disputas

²⁰⁵ A politização se deu tanto pela influência do contato com sindicatos no pólo industrial quanto pelo movimento negro norte-americano

²⁰⁶ As relações pontuais com o Estado variaram: os blocos afros com a Secretaria de Cultura da Bahia e o terreiro, eventualmente, durante fóruns sobre violência.

internas (entre agentes do movimento negro, os quais incluem alguns blocos afros)
207 .

Apesar da marca histórica do protagonismo da população, é inegável a influência do Ilê Aiyê no processo de construção de outras organizações formais²⁰⁸. Os blocos afros existentes ainda hoje no bairro foram fundados por ex-colaboradores do Ilê, e, ao mesmo tempo, grupos de capoeira buscam apoio para seus eventos inspirados na forma como o Ilê capta seus recursos²⁰⁹

Entretanto, a relação entre essas organizações não configura uma rede propriamente dita. Em momentos pontuais, como no projeto do *turismo ético* ou na proposta *Virando o Jogo*, foi possível verificar uma ligação entre elas, tendo um mesmo fim. Entretanto, todas elas em conjunto oferecem um leque de oportunidades que são acessadas, consecutiva e/ou simultaneamente, pela população. Nesse sentido, essas organizações podem ser vistas como uma rede de suporte social na qual o público usuário é que constrói os laços e efetiva a ligação entre elas.

Ressalta-se que as redes sociais (informais e formais) do bairro oferecem apoio em diversos aspectos. Mesmo com a perda de parte da solidariedade e cumplicidade de outrora, as redes de vizinhança e a família ainda demonstram sua força e seu potencial de suporte quando se organizam em grupos para lidar com a adversidade com que são afetados (como o projeto *Meninos do Bairro*). Por outro lado, as moradoras mais antigas do bairro denunciam a fragilidade que essas redes, especialmente as famílias, têm demonstrado nos dias atuais, e as consideram como principal determinante para o envolvimento ou não de jovens em situação (principalmente a criminalidade) que os coloque em risco de morte.

²⁰⁷ Esse contexto justifica parcialmente as motivações e os desejos de alguns jovens de quererem ser músicos do Ilê e/ou Deusas do Ébano. Entretanto, outra parcela escolhe caminhos diferentes: uns seguem carreira na polícia, forças armadas e/ou segurança privada (maioria dos jovens da capoeira); outros vão para a área de serviços e comércio (maioria dos jovens do grupo de valsa); há, também, os que fazem graduação que normalmente são em faculdades particulares (netos e netas das moradoras antigas e filhos de colaboradores das organizações), e existem, ainda, os que não foram investigados (como jovens que lavam e usam motos).

²⁰⁸ A partir dos dados, foi possível identificar essa organização como a que possui maior capital social quando comparada com as demais. Afinal é a que consegue agregar distintos agentes dentro do espaço social (professores universitários, políticos, militantes do movimento negro, etc.), como também a que mobiliza e angaria mais recursos.

²⁰⁹ Projetos para editais públicos e/ou de empresas mediante aliança/parceria com outro agente militante/defensor do ideal do grupo, no caso, a capoeira. Para o Ilê, a defesa é do povo negro mediante ações de reafirmação da identidade racial (atividades ligadas ao bloco e também projetos sociais voltados para educação), tendo a música como grande veículo difusor de suas ideias.

Já as organizações sociais que lideram a atual malha social do bairro, oferecem atividades educativo-culturais (música, dança, capoeira, etc.) com o intuito de formar os jovens. No entanto, o formato da educação preconizada varia de uma para outra. Entre as organizações analisadas, é possível verificar que, de um lado, existem as que priorizam a educação com a finalidade de “instrumentalizar” (formação técnica) o jovem para ascender socialmente (disputar nova posição dentro do espaço social). Por outro, há os grupos de capoeira e terreiro que ofertam uma educação informal e formal para determinado grupo de alunos e constroem vínculos sólidos, estendendo o suporte inclusive para as famílias. De modo geral, essas organizações proporcionam acúmulo de capital cultural, econômico e social.

Além disso, as histórias de vida do público usuário indicam o aumento do capital social e sua inserção entre outros espaços e/ou seu retorno para a comunidade com outro *status*. É interessante também destacar que não houve relatos de amigos mortos entre os jovens residentes do Curuzu com que se teve contato durante o estudo, ao passo que jovens oriundos de localidades vizinhas trazem esse dado. Contudo, a perspectiva e as oportunidades de quem acessa essas organizações se ampliam, seja residente do bairro ou não.

Nesse sentido, é possível admitir a relação dessas instituições com a proteção social e/ou prevenção das violências. Afinal, contactou-se que elas protegem e/ou previnem os jovens de se envolverem em situações de risco na medida em que ampliam o capital social e os incluem em outra rede de relações para além do bairro. Entretanto, quando eventos de violência acometem direta ou indiretamente os jovens, algumas organizações (Ilê e Bloco Afro) encaminham-nos para órgãos públicos responsáveis por apoiar famílias em situação de risco social²¹⁰ (normalmente são os CRAS). Entretanto, outras organizações (Grupos de Capoeira e Terreiro) enfrentam a situação e buscam a família e/ou outras pessoas envolvidas para resolverem o problema.

É importante destacar que o trabalho social do terreiro, embora seja isolado das demais organizações do bairro, surgiu com o propósito de enfrentar a situação

²¹⁰ Risco social é entendido neste estudo segundo o conceito usado no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que considera famílias e indivíduos em situação de risco social quando já “[...] tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos”. Para maiores informações, ver *site* do SUAS, disponível em: www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas.

de violência no microterritório que se localiza. O trabalho também é reconhecido por alguns moradores que confirmam a influência dele no entorno imediato e na vida de alguns jovens. Se necessário for, os colaboradores desse projeto vão até grupos considerados criminosos e/ou usuários negociar resolução de problemas acometidos aos jovens que frequentam as atividades do terreiro.

Ao considerar o público que acessa essas organizações, constata-se que este abarca pessoas de localidades vizinhas como Pero Vaz, Central/Liberdade e Guarani. Desse modo, o suporte dado pelas organizações atinge pessoas fora do território. No que se refere à faixa etária, há uma predominância de jovens até 14 anos, mesmo entre as atividades que não têm limite de idade. Ressalta-se que a faixa entre 15 e 25 anos representa uma idade crucial para a passagem para a vida adulta segundo a literatura da Psicologia. Entretanto, é uma idade que, mesmo coberta por algumas organizações, há uma desistência da maioria dos jovens. As teorias clássicas de psicologia não dão conta das diferenças do desenvolvimento de jovens de classe popular que sofrem com racismo e exclusão social²¹¹. Esses aspectos bem como o comportamento das motivações e limites merecem estudos aprofundados.

Nesse contexto, é importante destacar que o perfil da criminalidade e das violências do bairro mudou ao longo do tempo. A criminalidade de outrora (organizada por quadrilhas de roubos) passou a ceder espaço para as novas organizações que se instituem em torno da distribuição da droga ilícita. As mortes, que ocorriam de forma endereçada e espaços menos visíveis²¹², passaram a acontecer em locais de maior circulação e em plena luz do dia, pondo em risco transeuntes e moradores. A concepção de violência entre moradores e colaboradores das organizações sociais, portanto, é centrada nos homicídios associados ao uso e tráfico de drogas.

²¹¹ Apesar de Ozella e Aguiar (2008) estudarem as concepções da adolescência em diferentes classes sociais, eles não constroem mecanismos que possam esclarecer a realidade e o desenvolvimento dos adolescentes de classe popular. Para maiores informações, ver Ozella e Aguiar (2008) no livro *Desmistificando a concepção da adolescência*.

²¹² As violências se localizavam mais nas ruas que ficam à margem do bairro e que são conhecidas por terem organizações criminosas (hoje ligadas ao tráfico de drogas).

A partir dos dados trazidos por Viana (2009), é possível verificar esse aumento das violências na região da Liberdade e Curuzu (ZI 39²¹³). As mortes por causas externas e homicídio passaram de uma taxa de 102,07 e 36,64 por 100 mil habitantes, em 2000, para 157,20 e 117,31 por 100 mil habitantes, em 2006, respectivamente. Ressalte-se também que a Cidade do Salvador elevou essas mesmas taxas (mortes por causas externas e homicídios), que eram 58,9 e 20,0 por 100 mil habitantes, em 2000, para 65,1 e 39,7 por 100 mil habitantes, em 2006, respectivamente. Esse mesmo estudo destacou um aumento de 98,5% de mortes por homicídios entre os anos de 2000 e 2006 na cidade como um todo.

Entretanto, quando se desagregam os dados para áreas de ponderação²¹⁴, conforme o estudo de Araújo (2007), é possível verificar diferenças nos dados de homicídios e causas externas entre localidades próximas. Segundo tal estudo, o Curuzu apresentou os índices mais baixos em relação aos demais do entorno. Afinal, de 1998 a 2003, a Liberdade/Guarani apresentou uma taxa de mortalidade por causas externa e homicídios de 100,2 e 64,5 para 100 mil habitantes, respectivamente. Já o Pero Vaz apresentou taxas, para as mesmas causas, de 72,9 e 56,4 para 100 mil habitantes. No Curuzu, entretanto, as taxas para causas externas e homicídios foram os menores da região – 18,4 e 8,7 para 100 mil habitantes, respectivamente.

Esses dados demonstram o crescimento dos homicídios em Salvador em que as principais vítimas são jovens, negros e residentes de bairros populares. Apesar de a região da Liberdade demonstrar dados de crescimento das mortes violentas iguais aos gerais da cidade, o Curuzu apresentou índices de violência menores. Contudo, os homicídios não deixaram de ocorrer ainda que em escalas inferiores aos das áreas vizinhas.

Se, por um lado, as percepções dos moradores demonstram que o crescimento foi significativo o suficiente para entenderem como possível ameaça e lançarem mão de diversas estratégias de enfrentamento (mudanças

²¹³ Zona de Informação correspondente a Liberdade e que inclui os sub-bairros como Guarani e Curuzu (VIANA, 2009).

²¹⁴ Áreas de ponderação são agrupamentos de setores censitários (menores que as zonas de informação) que algumas vezes coincidem com o bairro (ARAÚJO, 2007).

comportamentais e uso de grades nas construções), por outro, não se afetam com as mortes. Para eles, pois, a maioria delas era justificada pelo fato de os jovens estarem ‘envolvidos’ com o tráfico ou em alguma outra situação de delinquência.

Após a *Operação Big Bang* da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (ação de combate a quadrilhas de narcotraficantes), em 2008, ocorreram “picos de violência” na cidade como um todo²¹⁵. Todavia, o Curuzu só foi sentir o impacto em 2009, tendo apenas poucos momentos em que beirou o “terror”²¹⁶ em 2011. Vale salientar que os dados do Mapa da Violência 2012²¹⁷ revelam que Salvador teve aumento nas taxas de homicídio entre os anos de 2007 e 2009. A taxa de homicídios foi de 49,3 por 100 mil habitantes, em 2007, e passou para 67,0 por 100 mil habitantes, em 2009.

As notícias de jornais e os relatos de moradores nas localidades da Boca do Rio²¹⁸ mostram que ações como a “guerra contra o tráfico”, esta iniciada em 2008, incitaram confrontos entre grupos criminosos dentro de um mesmo bairro e entre bairros. Rapazes cada vez mais jovens morriam em disputa pelo comando de “bocas”. Além disso, havia confrontos entre grupos criminosos e a polícia, afetando também a população como um todo. Segundo os relatos trazidos pelos moradores do Curuzu, muitas mortes ocorreram no ano 2009, chegando a afetar transeunte e moradores dentro de suas próprias casas. Entretanto, durante o período do estudo, não houve relatos de confrontos entre grupos criminosos até o final de 2011.

É importante lembrar também que, em 2011, se iniciou o *Programa Pacto pela Vida*²¹⁹, com ocupação de bairros por bases comunitárias. As primeiras

²¹⁵ Ano em que a Política de Segurança Pública declarou “guerra ao tráfico”. Guerras entre ‘bocas’ e dentro das próprias ‘bocas’ se acirraram. A repercussão disso foram mortes de jovens, policiais, assaltos intensificados e terror no interior de muitos bairros populares.

²¹⁶ Confrontos entre grupos criminosos

²¹⁷ É um estudo que o Instituto Sangari realiza desde 2008. A edição de 2012 analisa os últimos 30 anos de violência homicida no País e aponta as principais características da evolução dos homicídios. Maiores informações podem ser encontradas no *site* do Instituto Sangari, disponível em: < www.sangari.com/mapadaviolencia >.

²¹⁸ Relatos registrados em Diário de campo da pesquisadora, em outro estudo sobre Itinerários Terapêuticos de Famílias Negras realizada no bairro durante os anos de 2007 e 2008 (anos de coleta de dados). Ressalte-se ainda que, entre os itinerários terapêuticos registrados, as trajetórias em busca de suporte para aflições de famílias vítimas de violências foram destaques da pesquisa.

²¹⁹ O Pacto Pela Vida é um programa que integra a nova Política Pública de Segurança. O programa se estrutura a partir de novos conceitos como as Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP), uma unidade territorial de implementação de planos integrados de ação das polícias civil e militar, para prevenção e combate à criminalidade, e que possibilita o monitoramento eficaz dos procedimentos. As ações sociais que estão planejadas para as áreas consideradas críticas pelo PACTO serão

ocupações foram na região do Calabar e posteriormente, em setembro, se iniciou a implantação das bases no Nordeste de Amaralina. É possível que esta última ação tenha influenciado grupos criminosos da região próxima à do estudo. Afinal, foi em outubro que traficantes de “bocas” de região próxima ao Curuzu entraram no bairro ameaçando os grupos que lá existiam, culminando em um confronto na rua principal. As moradoras mais antigas contaram o “terror” que sentiram e o estranhamento de ocorrência de eventos como esses.

Independentemente da relação entre um evento e outro ser confirmada, os fatos insinuam que está havendo mudanças nas organizações criminosas na cidade, inclusive nas regiões vizinhas e, quiçá, dentro do próprio território estudado. Tendo em vista esse contexto, identificam-se possíveis repercussões da política de segurança pública: a primeira refere-se ao efeito da “guerra ao tráfico”, que gerou mudanças da rotina entre os moradores no interior desses bairros e muitas mortes, registradas em jornais, bem como o aumento das taxas de homicídios da cidade segundo o Mapa das Violências 2012; a segunda tem a ver com as ocupações de localidades priorizadas para implantação de bases comunitárias, tendo possível influência nas organizações criminosas na cidade.

Com relação ao Curuzu, ao considerar esses eventos ocorridos e a realidade do bairro, é possível pensar algumas hipóteses que podem ser complementares: a primeira é de que as violências ligadas ao narcotráfico tenham chegado mais atrasadas, quando comparadas a outros locais da cidade; e a segunda refere-se a uma possível limitação das ações desses grupos no território por influência de agentes sociais locais que podem ter negociado a atuação no bairro.

priorizadas. As Bases Comunitárias de Segurança também integram um novo conceito dentro do programa, uma ferramenta de policiamento comunitário com o objetivo de promover a convivência pacífica em localidades identificadas como críticas, melhorando a integração das instituições de segurança pública com a comunidade local e reduzindo os índices de violência e criminalidade. Outra frente de trabalho do programa é o enfrentamento ao *crack* e outras drogas por meio da ampliação da rede de Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS-AD); da implantação de serviços de atendimento ao usuário de substâncias psicoativas, com ênfase na prevenção ao uso e na desintoxicação de pacientes; e da abertura de leitos exclusivos para dependentes químicos. Estas são algumas das questões a serem trabalhadas. Será instituído o sistema de avaliação por desempenho da atividade policial. Os policiais da AISPs que alcançarem as metas estabelecidas receberão uma premiação. Nas áreas em que a criminalidade não recuar, serão trocados os comandos das polícias. Para maiores informações, acessar o *site* do *Programa Pacto Pela Vida* da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, disponível em: < www.pactopelavida.ba.gov.br>.

Até o momento, as organizações sociais existentes no território têm proporcionado acúmulo de capital social e, conseqüentemente, mantido os jovens (residentes ou não do bairro) que participam das atividades, em certa medida, protegidos socialmente. Contudo as violências vêm crescendo mais recentemente, colocando, inclusive, transeuntes em risco. Além disso, intervenções das Políticas de Segurança Pública têm-se acirrado, podendo também estar influenciando na dinâmica das organizações criminosas. Nessas condições, pode-se indagar qual a efetividade a ser alcançada pelas redes sociais enquanto “fator de proteção” contra as violências, mesmo em localidade com acúmulo de capital social como o Curuzu.

A realidade estudada possibilita pensar construções de novos futuros (PAIM, 2008). Recomenda-se, portanto, a realização de estudos que aprofundem alguns aspectos como: a) outras formas de violências que se destacaram neste estudo, como as violências domésticas (em especial, contra a mulher) e as relacionadas ao trânsito (com enfoque para o fenômeno de uso socioeconômico das motos); b) estudos sobre aspectos da adolescência entre os jovens residentes nos bairros populares, priorizando as formas como testam os limites das regras sociais, bem como suas motivações; e c) estudo aprofundado sobre a conformação e as relações entre as organizações criminosas (destacando as relacionadas ao tráfico de drogas) na cidade, considerando o impacto das políticas de segurança pública nessas organizações em Salvador.

As evidências produzidas por este estudo podem justificar outras propostas de intervenção como: a) investimento público em educação de qualidade articulado com as ofertas de emprego; b) ampliação da cobertura do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), com enfoque para os dispositivos da Atenção Básica (PSF/PACS) e dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), para que ações de prevenção de violências e promoção da saúde possam ser articuladas no território, concomitantemente ao suporte em situações de risco social; e c) considerar novas estratégias para facilitar o acesso de organizações sociais (como as identificadas no estudo) aos financiamentos já existentes por programas públicos, junto às organizações sociais de cada sub-bairro e/ou zona, e a disponibilização de cursos e/ou oficinas de elaboração de projetos sociais para serem encaminhados aos órgãos de fomento público.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Espaço urbano, família e status social: o novo operariado baiano nos seus bairros. **Cad. CRH**, Salvador, p.39-62, 2007.
- AGIER, M. Lugares y redes: las mediaciones de la cultura urbana **Revista Colombiana de Antropología**, v. 32, p.00-00, 1995.
- ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. **História do movimento negro no Brasil**: constituição de acervo de entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.
- ALVES, P. C. A experiência da enfermidade: considerações teóricas. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.263-271, 1993.
- ANTONI, C. et al. Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 2, p.125-132, abr./jun. 2007.
- AQUINO, J. As teorias da ação social de Coleman e Bourdieu. **Humanidades e Ciências Sociais**, v.2, n.2, p.17-29, 2000.
- ARAÚJO, E. M. **Mortalidade por causas externas e raça/cor da pele**: uma das expressões das desigualdades sociais. 204f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ARAÚJO, Marta Maria de. Tempo de balanço a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da Região Nordeste. **Revista brasileira de história da educação**, n. 5, p.9-42, jan./jun. 2003.
- BANCO MUNDIAL. **Think Pieces**: Empowerment, CDD and Social Capital. Disponível em: < <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTPOVERTY/EXTEMPowerment/0,,contentMDK:20267550~isCURL:Y~menuPK:543262~pagePK:148956~piPK:216618~theSitePK:486411,00.html> >. Acesso em: 12 ago. 2010.
- BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Com-Arte: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- BARCELAR, Jeffreson. **A hierarquia das raças**: negros e brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BIONDI, Karina. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.
- BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Porto Alegre: Zouk. 2008.
- BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.31, p.2-3,1980.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas, São Paulo:: Papyrus, 1996.
- BRAGA, N. A. Redes sociais de suporte e humanização dos cuidados em saúde. In DESLANDES, S. F. (Org.). **Humanização dos cuidados em saúde**: conceitos, dilemas e práticas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 163-83.

BRASIL. Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**: Relatório Final da CNDSS. Brasília: abr. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 196/96**. Brasília, 1996

CAMPOMAR, M.C.. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração**, São Paulo, v 26, n.3, p.95-97, jul./set.1991.

CANADA. **What is Social Capital and why is it important to health research and policy?** Disponível em: < <http://www.hc-sc.gc.ca/sr-sr/pubs/hpr-rpms/bull/2006-capital-social-capital/2006-capital-social-capital-1-eng.php#What> >. Acesso em: ago. 2010.

CARVALHO, Ana M. A. et al . Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 589-598, dez. 2006

CARVALHO, I.M.M.; PEREIRA, G.C. As “cidades” de Salvador. In: CARVALHO, I.M.M.; PEREIRA, G.C.(Org.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. 2.ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008. p.81-107

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1: A era da informação: economia, sociedade e cultura.

COLEMAN, J. Social Capital in the Creation of Human Capital. **The American Journal of Sociology**: Supplement: Organizations and Institutions: sociological and economic approaches to the analysis of social structure, v.94, p. 95-120, 1988.

COLEMAN, J.; FARARO, T. Introduction. In: _____. **Racional choice**: advocacy and critique. London: Sage Publications. 1997. p.ix-xiii

.CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território, globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p.251-256.

ERICSON. News of deviance and control. In: ERICSON, Richard Victor; BARANEK, Patricia M.; CHAN, Janet B. L. **Visualizing deviance**: a study of news organization Canada: University of Toronto Press, 1987. p.45-70.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Capital Social e Terceiro Setor: sobre a estruturação das redes sociais e associações voluntárias. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 30/31, p. 239-264, jan./dez. 1999.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior; EICHNER, Klaus. Sobre a estruturação de redes sociais em associações voluntárias: estudo empírico de organizações não-governamentais da Cidade do Recife. **Soc. Estado**, v.16, n.1-2, p.187-221, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GERHARDT, T. E. Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.11, p.2.449-2.463, nov. 2006.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HIGGENS, S. S. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2005.

ILÊ AIYÊ. Disponível em: < <http://ileaiye.org.br> >. Acesso em: 10 out. 2010 e 12 mar. 2012.

MACEDO, A. C.; PAIM, J. S.; VIEIRA DA SILVA, L. M.; COSTA, M. C. N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v.35, n.6, p. 515-522, 2001.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p.129-156, jul./dez. 2009.

MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T. O estudo de redes sociais: apontamentos teóricos e contribuições para o campo da saúde. **Revista de Terapia Ocupacional**, v. 16, n.1, p. 22-30, 2005.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr.2001.

MARTINS, Rosana. ZumZumZum, hoje tem capoeira, eu vou: processos de identidade e representações no intercâmbio transnacional da capoeira fora do Brasil. **Revista ALAIC**, v.12 , n.7, p.42-53, 2011.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, Kathie et al. (Org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2009. p.21-42

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORALES, Anamaria. Blocos negros em Salvador: reelaboração cultural e símbolos de baianidade. **Cadernos CRH: Suplemento**, Salvador, p. 72-92, 1991.

NJAINE, K. et al. Redes de prevenção à violência: da utopia à ação. **Ciência & Saúde Coletiva**, n.11(Sup), p.1.313-1.322, 2007.

NUNES, M.; PAIM, J.. Estudo etno-epidemiológico da violência urbana. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p.459-468, mar./abr. 2005.

OLIVEIRA E SILVA, Antonio Braz et al. Análises de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ciência e Informação**, Brasília, v.35, n.1, p.72-93, jan./abr. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS; 2002.

PAIM, J. S.; COSTA, M.C.N., MASCARENHAS, J.C.S; VIEIRA DA SILVA, L.M. Distribuição espacial de violência: mortalidade por causas externas em Salvador (Bahia), Brasil. **Rev. Panam. Salud Pública**, v. 6, p.321-32, 1999.

PAIM, J. S. Condições de vida, violências e extermínio In: CARVALHO, I.M.M.; PEREIRA, G.C.(Org.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. 2. ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 157-171.

PEREIRA, Jaciara Soares Santos. **As formas de controle do trabalho do professor estabelecidas nos regulamentos da instrução primária do Estado da Bahia no período de 1895-1925**. 2009. 69f. Monografia (Graduação em Pedagogia)- Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, 2009.

PODKAMENI, A. B.; GUIMARÃES, M. A. C. Afrodescendência, família e prevenção. In: MELLO FILHO, J.; BURD, M. **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.123-139.

PUTMAN, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 2.ed, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000. Introdução, Cap. 4 e 5.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

RODRIGUES, G. S. et al. Estratégias de enfrentamento da morbidade por causas externas na atenção básica em uma região do município de Porto Alegre. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, n 1, p.111-120, 2008.

SALVADOR. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECULT). **O Bairro da Liberdade**. Disponível em: < <http://www.sme.salvador.ba.gov.br/net/piraja/liberdad.htm> >. Acesso em: 10 nov. 2010.

SANTOS, A. C. (Vovô) [Entrevista]. Primeiras entidades da década de 70: organização do movimento negro. In: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo (Org.). **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas: CPDOC-FGV, 2007. p.131-144.

SAWAIA, Bader. Identidade: uma ideologia separatista? In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial da ética da desigualdade social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p.121-130.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética da exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial da ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011. p.99-120.

SERPA, A. A experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais e bairros populares de Salvador-Bahia. **RA'E GA**, Curitiba, Editora UFPR, n. 8, p.19-32, 2004.

SERPA, A. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. **Geografia**, v. 30, n. 2, p.211-222, 2005.

SILVA, Martinho Braga Batista. Atenção psicossocial e gestão de populações: sobre os discursos e as práticas em torno da responsabilidade no campo da saúde mental. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.127-150, 2005.

SLUZKI, Carlos E. **A Rede Social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOUSA Jr., W. A. **O Ilê Aiyê e a relação com o Estado: interfaces e ambigüidades entre poder e cultura na Bahia**. Salvador: Fast Design, 2007.

SOUSA, E. M.; GRUNDY, E. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.5. p.1.354-1.360, 2004.

SOUZA, Flávia Silva de; SERPA, Angelo. Identidade de bairro e manifestações culturais em áreas de urbanização popular de Salvador: estudo de caso no Curuzú. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA(SEMOC), 2004, Salvador. **Anais...** Salvador: UCSAL, 2004.

TAVARES, J. S. C. **Redes sociais e saúde**: explorando o universo de famílias de classe popular e seu entorno comunitário. 2009. 181f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

TRAD, L et al. **Itinerários terapêuticos de famílias afro-baianas**: as redes sociais e a experiência religiosa num bairro popular de Salvador: Relatório de pesquisa. Salvador, 2009.

VALLA, V. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v..4 , n.7, p.37-56, 2000.

VELHO, G. **O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: _____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p. 11-30.

VIANA, Ana Luiza Ávila; ELIAS, Paulo Eduardo; IBAÑEZ, Nelson (Org.). **Proteção Social**: dilemas e desafios. São Paulo: HUCITEC, 2005.

VIANA, L. A. C. **Mortalidade por causas externas**: evolução temporal das desigualdades sociais no espaço intraurbano. 2010. 53f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

VIEIRA DA SILVA, L. M.; PAIM, J. S.; COSTA, M. C. N. Desigualdades na mortalidade, espaço e estratos sociais em uma Capital do Nordeste. **Ver. Saúde Pública**, v.33, p.187-197, 1999.

WACQUANT, L. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, n.23, p.155-164, nov.2004.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis**: methods and applications. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press. 1994

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3.ed. Trad. Dnaiel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZEDNER, Lucia. **The concept of security**: an agenda for comparative analysis. 23 **Legal Stud**, n.153, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442
Salvador-BA - CEP: 40110-040

Salvador, de de 2011

Prezado (a) Sr. (a)

Em março de 2010, iniciamos um estudo intitulado *Redes Sociais como fator de proteção? Um estudo de caso no Curuzu* para a realização de Mestrado em Saúde Comunitária do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde da Universidade Federal da Bahia (ISC-UFBA). O objetivo de pesquisa é descrever e analisar a conformação das redes sociais e possível articulação com a proteção a violências no Curuzu, analisando as relações das organizações com a Comunidade e as percepções dos usuários, trabalhadores e representantes das instituições sobre o papel das mesmas. Para realização desta pesquisa, foi escolhida a localidade do Curuzu para desenvolver observações e entrevistas com representantes, trabalhadores e usuários de organizações sociais em estudo.

Esperamos contar com a sua colaboração no sentido de viabilizar o acesso a sua unidade/instituição. Destacamos que o estudo proposto contempla todos os requisitos éticos previstos na legislação atual e enfatizamos o nosso interesse em disponibilizar para a Secretaria Municipal de Saúde os dados gerados, bem como, os resultados finais do estudo.

Na certeza de contar com a colaboração de V.Sa., colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Maria Clara Guimarães
Instituto de Saúde Coletiva – UFBA
Pesquisadora Responsável

Jairnilson Paim
Prof. Titular do ISC-UFBA
Orientador

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 (REPRESENTANTE)



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442

Salvador-BA - CEP: 40110-040

Roteiro de entrevista com representantes das associações, entidades, grupos e/ou organizações

1. Identificação

- Idade, escolaridade, estado civil, crença religiosa
- Profissão/Ocupação, tipo de atividades que desenvolve, carga horária
- Mora onde? Com quem? Qual área? Quanto tempo?
- Qual sua trajetória de vida (história breve)?
[identificar origem familiar, hábitos e gostos culturais – música, esporte, alimentação, etc. –, entre outros pontos que sinalize o capital cultural e social do agente]

2. Bairro e território

- Qual a história do território (Curuzu) e do bairro (Liberdade)? Que mudanças ocorreram desde sua chegada?
- A que serviços e instituições já teve acesso no bairro? Qual que mais usa? Por quê?
- Avaliação do bairro (pontos positivos e negativos): Investigar lazer, segurança, saneamento básico, cultura, educação, equipamentos públicos, atuação dos órgãos públicos, Ongs, ocupação do território, etc..
- Hábitos/redes comuns entre moradores: participam de atividades em grupo, solidariedade entre vizinhos, famílias, frequentam espaços religiosos ou não, participação em movimentos sociais.

3. História da vida relacionada a entidade, grupo, associação e/ou organização

- Como a conheceu? O que aconteceu até ocupar o papel que possui atualmente?
- O que o(a) faz permanecer (pontos reforçadores)?
- Como é a sua relação com os demais colaboradores/trabalhadores daqui?

4. Entidade, grupo, associação e/ou organização

- Qual a história da entidade/organização? Há quanto tempo atua nela?
- Quem são as principais pessoas e ou associações (agentes sociais) que mais influenciaram ou influenciam a entidade/organização? Por quê?
- Há parcerias com outras pessoas e/ou associações (agentes sociais)? Quais? Por quanto tempo?
- Na sua visão, quais serviços prestados são mais importantes? Por quê?
- Qual o principal objetivo da entidade/organização? Como está dividida? (organizada)
- Há parcerias com outras pessoas e/ou associações (agentes sociais)? Quais? Em que sentido? Por quanto tempo?
- Qual a principal contribuição da entidade/organização para seus usuários? E para a comunidade vizinha dela (entorno)?
- Essa entidade/organização tem colaborado para o enfrentamento e/ou proteção à violência (vítimas em potencial e famílias)? Caso sim, como?
- Em sua opinião, o que protege e o que coloca em risco de ser vítima de violência neste bairro/área?
[Identificar fatores que protegem ou põem em risco o indivíduo]

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (TRABALHADOR)



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442

Salvador-BA - CEP: 40110-040

Roteiro de entrevista com trabalhadores/colaboradores das associações, entidades, grupos e/ou organizações

1. Identificação

- Idade, escolaridade, estado civil, crença religiosa
- Profissão/Ocupação, tipo de atividades que desenvolve, carga horária
- Mora onde? Com quem? Qual área? Quanto tempo?

2. Bairro e território

- Qual a história do território (Curuzu) e do bairro (Liberdade)? Que mudanças ocorreram desde sua chegada?
- Avaliação do bairro (pontos positivos e negativos): Investigar lazer, segurança, saneamento básico, cultura, educação, equipamentos públicos, atuação dos órgãos públicos, Ongs, ocupação do território, etc..
- Hábitos/redes comuns entre moradores: participam de atividades em grupo, solidariedade entre vizinhos, famílias, frequentam espaços religiosos ou não, participação em movimentos sociais.

3. História da vida relacionada a entidade, grupo, associação e/ou organização

- Como a conheceu? O que aconteceu até ocupar o papel que possui atualmente?
- O que motivou a vir para esta instituição (pontos atrativos)? E o que o(a) faz permanecer (pontos reforçadores)?
- Como é a sua relação com os demais colabores/trabalhadores da entidade/organização?

4. Entidade, grupo, associação e/ou organização

- Qual a história da entidade/organização? Há quanto tempo atua nela?
- Há parcerias com outras pessoas e/ou associações (agentes sociais)? Quais? Por quanto tempo?
- Qual o principal objetivo da entidade/organização? Como está dividida? (organizada)
- Quem são as pessoas atendidas por você? De onde vêm? Com que problemas e/ou necessidade?
[Perfil da clientela atendida: sociodemográfico e epidemiológico]
- Que serviços são oferecidos?
- Qual a principal contribuição da entidade/organização para seus usuários? E para a comunidade vizinha dela (entorno)?
- Essa entidade/organização tem colaborado para o enfrentamento e/ou proteção à violência (vítimas em potencial e famílias)? Se sim, como?
- Em sua opinião, o que protege e o que coloca em risco de ser vítima de violência? Identificar fatores que protegem ou põem em risco o indivíduo.

APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA 3 (USUÁRIO)



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442

Salvador-BA - CEP: 40110-040

Roteiro de entrevista com usuários das associações, entidades, grupos e/ou organizações

1. Identificação

- Idade, escolaridade, estado civil, crença religiosa
- Profissão/Ocupação, tipo de atividades que desenvolve, carga horária
- Mora onde? Com quem? Qual área? Quanto tempo?

2. Bairro e território

- Qual a história do território (Curuzu) e do bairro (Liberdade)? Que mudanças ocorreram desde sua chegada?
- Avaliação do bairro (pontos positivos e negativos): Investigar lazer, segurança, saneamento básico, cultura, educação, equipamentos públicos, atuação dos órgãos públicos, Ongs, ocupação do território, etc.
- Hábitos/redes comuns entre moradores: participam de atividades em grupo, solidariedade entre vizinhos, famílias, frequentam espaços religiosos ou não, participação em movimentos sociais.

3. Rede social da Família (composição e dinâmica)

- Rede de parentesco: parentes próximos ou distantes
- A rede de vizinhos
- Rede profissional: relações ligadas ao contexto do trabalho-ocupação
- Rede comunitária: ligada a objetivos sociais, políticos religiosos, outros.
- Rede formal mais usada: suporte social oferecido para promover qualidade de vida e/ou proteção social

4 . Entidade, grupo, associação e/ou organização

- Que serviços usam na entidade/organização? O que motivou a escolha e uso desta?
- Quais benefícios para você e sua família advindos direta ou indiretamente da entidade/organização?
- Qual a importância/contribuição do papel e serviço prestado pela entidade/organização para resolução de sua necessidade/problema? (Avaliação)
- O que você entende por proteção social?
- Qual o papel da entidade/organização para o enfrentamento e/ou proteção à violência do bairro (vítimas em potencial e famílias)?
- Em sua opinião, o que protege e o que coloca em risco de ser vítima de violência do bairro? Identificar fatores que protegem ou põem em risco o indivíduo.

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO 1



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442
Salvador-BA - CEP: 40110-040

Termo de Consentimento para participação na pesquisa (1)

Dirigido a membros de instituição

Declaro que fui esclarecido e concordo em participar de forma voluntária e gratuita da pesquisa **Redes Sociais como fator de proteção? Um estudo de caso no Curuzu** e compreendo que:

- a) A presente pesquisa pretende descrever a conformação das redes sociais e possível articulação com a proteção a violências, analisando as relações das organizações com a comunidade e as percepções dos usuários, trabalhadores e representantes das instituições sobre seu papel nesse processo.
- b) A pesquisadora (responsável e/ou assistente) me solicitará informações relacionadas com os seguintes aspectos: 1) a forma como a instituição se organiza e se relaciona com outras entidades e comunidade, identificando história da conformação, motivações para criação, minha relação com a instituição e informações afins; 2) o papel da organização para a comunidade localizando a contribuição para a qualidade de vida e proteção da violência.
- c) Para coleta das informações necessárias para esta pesquisa, serão realizadas entrevistas e observações em organizações do bairro e possíveis visitas domiciliares às famílias usuárias da organização em estudo. Nestas ocasiões, poderão ser utilizados aparelhos para gravação audiovisual e as informações coletadas serão utilizadas eticamente para fins de pesquisa, sendo, portanto, garantido o sigilo quanto às informações coletadas e autorizadas sua análise e a divulgação pública dos resultados pelo grupo de pesquisa responsável.
- d) Poderei desistir de participar da pesquisa e revogar este consentimento a qualquer momento, sem que haja qualquer sanção ou pena por minha desistência.

Salvador, de de 2011.

Participante RG

Pesquisador – RG

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO 2



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva

Rua Basílio da Gama, S/N – 2º. andar - Canela - Telefax: 3283 7442
Salvador-BA - CEP: 40110-040

Termo de Consentimento para participação na pesquisa (2)

Dirigido aos usuários da instituição

Declaro que fui esclarecido e concordo em participar de forma voluntária e gratuita da pesquisa **Redes Sociais como fator de proteção? Um estudo de caso no Curuzu** e compreendo que:

- a) A presente pesquisa pretende descrever a conformação das redes sociais e possível articulação com a proteção a violências, analisando as relações das organizações com a comunidade e as percepções dos usuários, trabalhadores e representantes das instituições sobre seu papel nesse processo.
- b) A pesquisadora (responsável e/ou assistente) me solicitará informações relacionadas com os seguintes aspectos: 1) as motivações para o uso da organização em estudo, identificando as outras redes sociais utilizadas, a avaliação sobre os serviços procurados e o impacto dos serviços usados para a qualidade de vida e proteção social; 2) informações sobre o papel da instituição em estudo para a comunidade e o reflexo de suas ações para a promoção de qualidade de vida e proteção social e à saúde no território.
- c) Para coleta das informações necessárias para esta pesquisa, serão realizadas entrevistas e observações em organizações do bairro e possíveis visitas domiciliares às famílias usuárias da organização em estudo. Nestas ocasiões, poderão ser utilizados aparelhos para gravação audiovisual, e as informações coletadas serão utilizadas eticamente para fins de pesquisa, sendo, portanto, garantido o sigilo quanto às informações coletadas e autorizadas sua análise e a divulgação pública dos resultados pelo grupo de pesquisa responsável.
- d) Poderei desistir de participar da pesquisa e revogar este consentimento a qualquer momento, sem que haja qualquer sanção ou pena por minha desistência.

Salvador, de de 2011.

Participante RG

Pesquisador – RG

APÊNDICE G
MAPEAMENTO PRELIMINAR DAS ORGANIZAÇÕES EXISTENTES NA
LIBERDADE

1. Associações de bairros, comunitárias, beneficentes e de moradores

Nome da entidade	Nome Responsável	Endereço	Telefone para Contato
"Inclusão" Associação e Clube de Mães	Ana Cristine	Rua Victor Serra, 282 – Pero Vaz CEP.: 40340070	33884451 / 32564337 81114513
ACASA	João Maurício de Souza Santana	1ª Trav. São Domingos,10 - Liberdade	3241-7770 / 8871- 9513
ADECOM – Assoc. de Defesa Sanitária do Bairro Sertanejo	Nivalda de Souza Gomes, Ademir, Edilton Pereira Domiciano	Rua Dr. Esteves de Assis - Av. Barros Reis, s/n - Sertanejo	3382-9366 / 9931- 0372
ADECOM 13	Nilo Manoel da Silva	Rua 13 de Maio, 06 - Liberdade	3243-3135
Anjo Amigo	Ariverso Aquino Gomes		3244- 6317
ASCBF – Associação Sócio -Cultural da Boa Fé	Reinaldo Dórea da Silva (Pres.) e Maria Luiza Gonçalves da Silva (Vice-Pres.)	Tv. Paulista, 12 – Pero Vaz	81065483 / 81065475
ASGAP – Associação Solidariedade Grupo de Apoio ao Paciente com Câncer	Francisco Dantas	Tv. Campos França, 08 - Lapinha	3242-1809
Ass. Benef. S. Rita Durão	Amilton Carlos Bonfim	Rua Diva Pimentel, s/n - Retiro	88511648
Ass. Rec. E Cul. Unidos de Outubro	José Ferreira Maciel	R.Cel. Manoel Duarte de Oliveira	
Assoc. Benef. do Bairro Cidade Nova	Gilberto Nascimento	Rua 1º de Janeiro,28- Cidade Nova	3381-7011 / 3244- 5872
Assoc. Benef. E Rec. Dos Moradores da Rocinha do IAPI	Joseval dos Santos Pessoa Cunha	Rua do Horto, 48E- Rocinha do IAPI	3382-1044 / 88471044
Associação Beneficente e Recreativa Santa Luzia	Osmário dos Santos	Rua João Pedro Rodrigues,04 – Pau Miúdo	3320-0123

Associação 2ª Trav. do Paraíso	Aderbal Ribeiro dos Anjos	2ª Trav. Paraíso, 01B – Baixa de Quintas	32345309 / 81494033
Associação Amigos da Comunidade	Roberto dos Santos	Alto do Céu, 20E Baixa de Quintas	32344890 / 99191220
Associação Amor é Vida	Renato César Vono	Rua General Sevaget, 09 - Liberdade	3241-3250
Associação Benef. e Rec. Baixa de Quintas	José Roque ou Menezes	Rua Régis Pacheco, 25 Baixa de Quintas	33271313
Associação Benef. e Rec. Caixa D'Água	Manoel Natividade Passos Júnior	Rua Saldanha Marinho, 148 – Caixa d'Água	81178021
Associação Benef. Rec. da Rocinha do IAPI	Joseval dos Santos Pessoa Cunha	Rua Bom Jesus da Lapa, 80 – Rocinha do IAPI	88471044 / 33821044
Associação Benefi. Rec. 28 de Setembro	Antônio Everaldo	Trav. C. de Porto Alegre, 30E - IAPI	33882882 / 91484368
Associação Beneficente e Rec. dos Moradores da Cidade Nova	João Dantas	Rua 25 de Dezembro, s/n – Cidade Nova	3256-9419
Associação Beneficente e Recreativa da Av. Peixe	Joselita Alves dos Santos	Av. Peixe, 61 – Pero Vaz	3388-2276
Associação Beneficente Recreativa dos Moradores da Cidade Nova	Edson da Silva		3495-4375 87074806 32569419
Associação Beneficente Recreativa dos Moradores da Rocinha do IAPI	Maria Aldazira Oliveira Silva		3382-1044 8847-1044
Associação Beneficente Recreativa XII de outubro/ Pau Miúdo	Osmário do Santo		3244-6053
Associação Bom Samaritano	Walter Ramos Domingues	Av. Peixe, 167 – Pero Vaz	3388-3025/ 388- 4107/ 9159-4303
Associação Clube dos Dominós	Hamilton Araújo Santos	Av. Candeias, 01, 1º andar	91221837 / 32420756
Associação Comunitária 12 de Outubro	Climério Damasceno de Souza	Rua 20 de Agosto, 38 – Pau Miúdo	3389-3801
Associação Comunitária da Gengibirra	Nilson Silva dos Santos	Gengibirra do Meio, 12 – Liberdade	33124022 / 33885730
Associação Comunitária da Meireles	Almiro Monteiro de Santana	1ª Trav. Meireles, 21 - Liberdade	3388-1301 / 8846- 5362

Associação Comunitária da Rua do Céu	Edson Marcelino dos Santos	Rua do Céu, 75 - Liberdade	3243-5734
Associação Comunitária da Rua do Céu	Edson Marcelino dos Santos		3326 - 5155
Associação Comunitária de Santa Mônica	Antônio Carlos Costa / Raimundo José	Rua José Edvaldo Galvão, 04, Q L – Santa Mônica	3386-8263
Associação Comunitária Dom Lucas Moreira Neves	Antônio Tadeu Régis	Rua Florisvaldo Silva, s/n - IAPI	3386-9020
Associação Comunitária e de Apoio aos Idosos de São Domingos	Edmilson Silva Cruz		3341-7770
Associação Cult. C. Alerta Monte Negra	Valdemir Oliveira Santos	Rua Guaíba, 14 – Caixa d'Água	81745555 / 32423327
Associação Cultural América Futebol Clube	Nilo Oliveira	Rua Waldir Pires, s/n - IAPI	32565014
Associação Cultural Desportiva Zenatis		Rua Osvaldo Gordilho, 70 – Pau Miúdo	33835978
Associação Cultural Ilê Aiyê	Antônio Carlos dos Santos	Rua Direta do Curuzu, 197	32561013 / 33884969 / 99844969
Associação Cultural Raízes da Bahia	Joselito do Espírito Santo	Rua Meireles, 39 – Pero Vaz	9136-6241
Associação da Carmosina	Delson Pereira	Rua da Carmosina, 10 -	33837603
Associação da Santa Mônica			3386-8263
Associação de Morad. da 3ª Trav. do Progresso	Maria Felipa de Santana Costa	3ª Trav. Do Progresso, 15 Curuzu	32561960
Associação de Morad. Unidos da San Martins	George Luis (Chumbinho)	Avenida San Martins	88720069 / 33898180
Associação de Moradores Amigos do Curuzu	Valdiria Lopes das Virgens	Rua Uruguai, 211 – Curuzu	88048216 / 32561009 /9327
Associação de Moradores Corações Unidos	Reinaldo Costa dos Anjos	Vila Aires, 41E – Santa Mônica	33863105
Associação de Moradores da Calçada	Antônio Batista e Iraci Oliveira	Av. Pires, 4 – Plano Inclinado / Calçada	88785645 / 33122535 / 32077557
Associação de Moradores da Vila Antônio Balbino e adjacências	Nelson dos Santos	Rua Vila Antonio Balbino, s/n	3388-4114

Associação de Moradores de São Cristóvão	Aidil dos Santos Cerqueira	Ladeira de São Cristóvão - Liberdade	3256-1884/ 8856-6479
Associação de Moradores Logoa Edé [Logum?]	Mirian		3386 – 1164
Associação de Moradores Logum Edê	José de Souza Mesquita Filho	Rua Padre Antônio, 74 – Pero Vaz	3386-1164
Associação de Moradores Logum Edê	José de Souza Mesquita Filho	Rua Padre Antônio, 74	33861164
Associação de Moradores Lógum Edê	Miriam dos Santos	Rua Padre Antônio, 74 – Pero Vaz	33861164 / 91122114
Associação de Pais e Mestres	José Dantas		8786-7325
Associação Desportiva Craque do Amanhã	Edmundo Gomes (Tuca)	Jardim S. Terezinha, 46E Caixa d'Água	32417943
Associação Desportiva Craque do Amanhã/Caixa D Água	Maria de Fátima F Sales		3241-7943
Associação do Alto do Abacaxi	Ivã Sacramento	Alto do Abacaxi – Pau Miúdo	99594441 / 33828139
Associação dos Dirigentes Empresariais da Liberdade	Carlos Augusto	Rua Lima e Silva, 250 Ed. Magazine Continental, sala 302 Liberdade	32422432 / 32422439
Associação dos Moradores da Avenida Peixe	Joselita Alves dos Santos		3388-2276
Associação dos Moradores da Baixa do Curuzu	Alice Santos da Apresentação	Rua do Curuzu, 320- Liberdade	3256-4132
Associação dos Moradores da Padre Antônio	Jorge Piedade	5ª Trav. Padre Antônio, 06 Pero Vaz	3388-4269/ 9151-1453
Associação dos Moradores da Rua São Cristóvão/ Liberdade	Aidil dos Santos Cerqueira		3389-6130
Associação dos Moradores e Amigos do Curuzu - AMAC			
Associação dos Moradores Lagoa Edê	Mirian dos Santos		3386-1164
Associação dos Pais e Mestres do Centro Educacional Carneiro			

Ribeiro Escola Classe II			
Associação Eufrosina Miranda	Crispim	Rua Eufrosina Miranda s/n	32330071
Associação Eufrosina Miranda	Crispim José dos Santos		32330044 (residencial)
Associação Grupo de Apoio Popular	Carlos	São Domingos	34914826 / 33661055 / 91997062
Associação Igreja Casa da Benção	Álvaro Augusto Pereira	Av. Peixe, 06	3388-2197
Associação Neves da Rocha	José Mendes de Oliveira	Rua Engº Carlos Guimarães s/n – Caixa d'Água	3242-7396
Associação Pais e Mestres Pero Vaz	José Martins	Rua Dr. Eduardo Santos, s/n – Pero Vaz	3388-3703 / 3388-7980
Associação Pão dos Pobres de Santo Antônio	Conceição e Padre Valter	Largo da Lapinha, 07 - Lapinha	32411030 / 1037
Associação Pastoral da Saúde	Ednalva B. J. Alves		9929-0316
Associação Rec. Cult. Carnavalesco Vulcão da Liberdade	Paulo Kambuí	Rua Lauro Vilas Boas, 03- Liberdade	3241-1862/ 9616-5223
Associação São Cristovão	Aidil Santos		3256-1731
Blokão da Liberdade	Paulo Camboí		
Centro de Aprendizagem Menino de Rua	José Rosa de Araújo	Rua Direta da Mandichúria, 04 – Caixa d'Água	3389-1005
Centro Esportivo Comunitário Antônio Balbino	José Conceição Souza	Rua Osvaldo Gordilho, s/n – Pau Miúdo	3382-1331 / 33835978
Comunidade da Rua Alfredo dos Santos	Maria Dias Chaves (Mary)	Alfredo dos Santos – Baixa de Quintas	33886259 / 88037851
Comunidade da Rua da Alegria e Adjacências	Maria Ferreira	Rua da Alegria, 45	3256-2643
Conselho de Moradores e Eventos Culturais da Liberdade	Jocele dos Santos (Simonal)	Rua Meireles, 32 – Pero Vaz	81469567/ 33881937
Conselho dos Moradores Cultura e Eventos do Bairro da Liberdade	Joseli dos Santos		

Creche C. Cultural Heraldo Rocha	Maria de Lourdes dos S. Pereira	2ª Trav. Alves, s/n - Liberdade	32437243 / 33869311 / 99691127
Creche Centro Cult. Heraldo Rocha	Maria de Lourdes dos S. Pereira	2ª Trav. Mário Alves, s/n - Liberdade	32437243 / 33869311 / 99691127
Creche Grão de Areia	Isabete Santos do Nascimento	Rua Santo Antonio, 31 – Largo do Tanque	8817-2937 / 33895325 (público)
Creche José Deodato de Souza Filho	Elizabeth		31162126
Cultura Afro-brasileira	Carlos Alves Moura		
Curso exato Pré-Vestibular	Joselita Lopes Santana	Rua Lima e Silva - Liberdade	34920124 / 332000159 / 81413174
Entidade Liga de Futebol Rocinha do IAPI			
Escola Arte de Educar	Andréia	Rua Valério Silva	33566185
Escola e Creche Filadélfia	Denise da Paz Santos	Rua Saldanha Marinho, 113	
Escola Municipal Barão do Rio Branco	Lucidalva Maria de Jesus Rosário	Rua Victor Serra, 43 – Pero Vaz	36114002
Escola Municipal do Pau Miúdo	Maria Santos Leal		36112950 / 36112951
Escola Poeta Dengo do Saber	Gildizete	Rua Valério Silva – Barros Reis	88324610
Esporte Clube Tejo	Valmir e Valdinei	R. Conde de P. Alegre, 56 - IAPI	81745555/324326 01
Grêmio Com.Cult. Olorum Baba Mi	Valdinei Santos e Valdemar Bispo	Rua Guaíba, 06 – Caixa d'Água	3243-2601
Grêmio Cult. Olorum BaBa Mi	Ademir Oliveira Santos	Rua Guaíba, 28E – Caixa d'Água	32432801 / 99365046 / 33887893 / 34950474
Grupo Cult. Carnavalesco Nacional do Samba Filho de Jorge Amado	Maria José de Brito Souza	Rua Damião de Góes, 116 – Liberdade	99520744 / 88529248
Grupo Cultural Carnavalesco Canção e Amor	Djalma Álvaro	Rua Cosme e Damião, 08 - IAPI	3256-3032

Grupo Cultural Renascer	Nilson Sacramento	Rua dos Pirineus, 34E – Pau Miúdo CEP: 40310230	33629171 / 32448394 / 33820422
Grupo de Ido. Dandarerê (Caminhada com Alegria)	Crispiniana R. de Santana	R. do Curuzu – Lib. (sede do Ilê Ayê)	33862133
Grupo Jovem Patrulha Salvadora	Maria Marta Rodrigues de Lima	V. Antônio Balbino, Brongo - IAPI	32448203
Grupo Renascer	Nilton C. Nascimento	Rua dos Pirineus, 34 – Pau Miúdo	32443822 / 32551271
Ilê Aiyê – Senzala do Barro Preto	Antônio Carlos (Vovô)	Rua do Curuzu, 228 – Liberdade	32568800 / 33288888
Instituto Família IFA	Eliana de Oliveira	Rua do Progresso, 79 – Santa Mônica	Fax. 33888843
Instituto Lar Irmã Benedita Camurugi	Nilzete Almeida	Rua General Argolo, 44 – Baixa de Quintas	32441794
Instituto Martin Luther King	Laina		9966 - 7890
Lar Irmão José			32425926
Líder Comunitária de Mulher de N.D.S	Nelci Alves da Silva		32565011
Núcleo OMI -DUDU			3334- 2948
ONG Ação e Liberdade	Geraldo Calmon	Rua 13 de Maio, 34 - Liberdade	9152-6195
ONG Anjos Amigos	Aniverson Aquino Gomes	Rua 13 de Maio, 11 - Liberdade	3243-4282
ONG Espaço Cidadania	Antônio Carlos da Silva e Erico Ricardo Conceição Cruz	Liberdade, 250 A, Ed. Magazine Continental, S. 204, 2º andar	32410524/324315 24
ONG Nação Guerreira	Ubirajara Santos Mendes		
Organização de Auxílio Fraterno			3319 – 9700
Organização de Auxílio Fraterno – OAF	Padre Clodoveu Piazza	Rua do Queimadinho, 17 - Lapinha	33199700
Organização Zenatis	José Conceição Souza		33821331/913817 66
Projeto Odara	Alberto Avelar	Rua Direta do Curuzu, 09	33883822
Sociedade B. dos M. da	Carlos Alberto P. dos	Rua C. Tupi Caldas, 140 –	91373937

Rua Sete de Abril	Santos	Liberdade	
Sociedade Beneficente da Cidade Nova	Gilberto Nascimento	Rua 1º de Janeiro, 23 Cidade Nova	33817011
Sociedade Beneficente Moradores da 7 de Abril	Carlos Alberto dos Santos	Rua Cel. Tupy Caldas, 140 – Liberdade	3241-5654 / 3243-8073
Sociedade Civil, Beneficente e Cultural Filhos de São Lázaro – Ilê			
Sociedade José Mariz Pinto	Gilson Aragão de Souza	Rua José Mariz Pinto, 41 – Estrada da Rainha	3381-4168 / 3242-3369
Sociedade Rec. Benef. Eldorado	Francisco Sales Santos	Jardim Eldorado, 528 – IAPI	33864103
Sociedade Recreativa e Beneficente Eldorado	Mário Rodrigues da Silva	Rua Elmano SilveiraCastro, 528 – Jardim Eldorado - IAPI	3234-1211

2. Entidades religiosas

Nome da entidade	Nome Responsável	Endereço	Telefone para Contato
Afoxé Olorum Baba Mir	ADEMIR	ademirsantos@hotmail.com	9142 3132
Ass. Espírita	Sandra	Rua Madalena Paraguaçu – Pau Miúdo	36112937
Assembléia de Jesus	Etevaldo Alves da Silva	Rua Dr. Esteves de Assis – Barros Reis	33891526
Centro de Umbanda Sultão das Matas	Luís Cláudio	Rua Jota Silva Lisboa, 55 – Casa 8 – Estrada da Rainha	3241-8968
Centro Espírita Celeiro de Paz	Eliana de Oliveira	Rua São Francisco, 45 – Santa Mônica	33888843 / 33868154 / 32417943
Centro Paroquial Paulo VI	Padre André Maurício de Souza Sentin	Rua Santa Luzia, 150 – Pau Miúdo	
Coletivo de Entidades Negras	Ademir	ademirsantos@hotmail.com	9142 3132
Igreja Batista	Pastor Alex	Rua Madalena Paraguaçu – Pau Miúdo	33890968
Igreja Batista do Forno	Ubiralda	Cidade Nova, nº 10	32445552/5252

Igreja Batista Vem Viver	Dijalma Máximo da silva	Rua Dr. Esteves de Assis – Barros Reis	88685711
Igreja da Benção Casa de Deus	Noêmia Casais		88625461
Igreja Evangélica Os Filhos de Deus	Pastor Almir	Rua Antônio Balbino, s/n – Pau Miúdo	33236520 / 33835865 / 88034140 / 88034180
Igreja Presbiteriana Unida	Gislane	Rua Valéria Silva – Barros Reis	33814574
Igreja Senhor da Paz	Padre André	Rua Dr. Esteves de Assis – Barros Reis	
Ilê Axé	Dina	Rua 1ª Trav. Dos Pirineus, 09	33827906
Ilê Axé e Oela Óia	Valdete	Baixa dos Pirineus, 61	32443336
Instituto Mão Amiga	Ademir	ademirsantos@hotmail.com	9142 3132
Paróquia Menino Jesus de Praga – Capela Sagrada Família	Aldemir Duarte Almeida	Rua da Alegria, 86 - Curuzu	33862248 (casa do responsável)
Paróquia São João Bosco (Comunidade Paroquial Paulo VI)	Padre Valson Santos	Rua Prof. Soeiro, 02 – Pau Miúdo	3386-9045 / 88050783
Pastoral da Criança da Igreja Cosme e Damião	Yolanda Ferreira	Rua Gaspar de Lemos, 104- Liberdade	3243-3172
Terreiro Abasá Kacuté	José Bispo da Hora	Rua Trazibulo Ferraz, s/n – Cidade Nova	32448314
Terreiro Airá Omin	Maria Clarice dos Santos	2ª Trav. Do Progresso, 18 - Curuzu	3386-4292
Terreiro de Airá	Regina Boa Morte Santos	Rua Dr. Esteves de Assis, 54 – Barros Reis	32341892
Terreiro DEUS é Mais que Tudo	Cremilda Gonçales	Rua Coronel Serra Martins, 19	3249-9995
Terreiro Ilê Axé	Valdice dos Santos Cerqueira	Trav. Guaíba, 06 – Caixa d'Água	3388-7201
Terreiro Ilê Axé Ená Omin Nirê	Diana Souza Barbosa	Rua Baixa do Céu, 03 - Liberdade	3256-0151 / 8853-5286
Terreiro Ilê Axé Etomineuua		Rua Santa Luzia, 69 – Pau Miúdo	32442968

Terreiro Mutazala de Uzaube	Maria Lúcia dos Santos	Rua Santa Rita, 34 – pau miúdo	33860796
Terreiro Vodum Unzó	Joselita Lopes Santana	Rua Santo Antônio, 31 – 1º andar- Liberdade	9136-1221
Terreiro Ylê Asse Oba Ylu Ogunjá	Luciano dos Santos	Rua Trazibulo Ferraz, 70 – Cidade Nova	91860091

APÊNDICE H

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES ESCOLARES FORMAIS DA REGIÃO NA PERSPECTIVA DOS MORADORES SEGUNDO NÍVEL DE FORMAÇÃO.

3o Grau		
Profissionalizante	Curso profissionalizantes do Ilê (200?) Escola Parque (1949)	
	Escola Normal / ICEIA (1936)	Escola Celina Pinho (1974)
	Escola Aprendizes e Artífices/ Liceu de Industrias / Escola Tecnica de Salvador / CEFET/ IFBA (Barbalho, 1926)	Escola Estadual Tereza da Conceição Menezes (1974) Colégio Estadual Duque de Caxias (1948)
Básico	Escola Mãe Hilda (1985) Abrigo dos Filhos do Povo (1918)	

APÊNDICE I

QUADRO DA PROPORÇÃO DOS GRUPOS DE NOTÍCIAS SOBRE O
CURUZU NOS JORNAIS *CORREIO DA BAHIA*, *MASSA!* E *A TARDE* NO
PERÍODO DE FEV/2010 A FEV/2012

CATEGORIAS	JORNAIS							
	CORREIO		MASSA		A TARDE		GERAL	
	N (Co)	%	N (Mss)	%	N (Atd)	%	N (Total)	%
Violência	65	54%	5	50%	2	13%	72	50% (≈49,7%)
Utilidade pública e informações úteis	18	15%	3	30%	2	13%	23	16% (≈15,9%)
Cultura e educação	36	30%	2	20%	11	73%	49	34% (≈33,8%)
Outros	1	1%	-	-	-	-	1	1% (≈0,7%)
Total	120	100%	10	100%	15	100%	145	100%